DIGA MEU NOME E EU VIVEREI

LADY SYBYLLA

momentumsaga.com

Diga Meu Nome e Eu Viverei

Por Sybylla

Este livro é uma junção de vários contos de zumbis escritos em 2011 por Sybylla no site Scriptonauta.com.br. Como os queridos amigos da safe house gostaram do que foi escrito, achei que seria interessante juntar tudo em um *ebook*, revisado e diagramado e distribuído gratuitamente no Momentum Saga.

Capa: Sybylla

MOMENTUM SAGA

FUTURO NO PRESENTE

VISITE: WWW.MOMENTUMSAGA.COM

Esse ebook é para a galera da safe house...

Fábio Nanni, Tio Faso, Sâmela Bolzan e Luciano Júlio.

Qualquer semelhança com pessoas e fatos reais é puramente proposital.

Sumário

A queda no asfalto expulsou o ar de seus pulmões. Júlia sentia um apito no fundo do ouvido, impedindo que ouvisse qualquer outra coisa. A onda de choque da explosão a jogou no ar e arremessou contra o chão com violência. Uma chuva de detritos e poeira se seguiu. Por um momento, parecia que estava em um sonho, oscilando entre a realidade obscura com um mundo feito pelo o seu inconsciente. Os sons de fundo eram confusos, não conseguia dizer nada. Era assim que o mundo acabava? Em meio à poeira, ao cheiro de morte e à escuridão?

Parte I

Capítulo 1

Júlia saiu da faculdade pensativa. Tinha a cabeça na prova que acabara de fazer, apesar de saber que tinha ido bem. Desceu a escadaria sem nem olhar direito para o caminho até o ponto de ônibus, que era praticamente automático. Tinha a cabeça em casa também, com os pensamentos na avó doente e na mãe desempregada. A cabeça ia a mil, estando em tantos lugares ao mesmo tempo. Júlia era uma típica moça que precisava trabalhar e estudar como tantos na cidade. Estudava pela manhã e corria para o trabalho para entrar às duas horas na loja, de onde saía apenas às dez da noite. Era puxado, mas era o que botava comida na mesa. Não pagava os estudos, pois tinha bolsa do governo, se não…

Ficou na cobertura do ponto do lado de fora da universidade, mãos nos bolsos da calça jeans, fones nos ouvidos, sentindo o vento sacudir seus cabelos. Alguns alunos barulhentos da Biologia falavam de uma viagem de campo e em como as pessoas andavam agressivas no litoral. Tinha gente achando até que era surto de raiva e as piadas corriam soltas. Entrando no ônibus após uma manhã cansativa com prova de estatística, ela se equilibrava, bilhete único na mão, o celular, passava a mochila em cima da catraca, se segurava para não cair de cara no chão e agradecia a ajuda do cobrador que virou a roleta. Ainda teria que pegar o metrô e mais um ônibus até chegar ao trabalho. Mais um dia de vida, mais um dia de trabalho. Nada de novo, ela bufou em silêncio ao sentar perto da porta.

Ao sintonizar a rádio do celular, caiu na BandNews. Mais um relato de conflitos civis na periferia. O que será que tinha acontecido? Normalmente são por mortes na comunidade ou ação violenta da polícia, ao menos é o que o jornal sempre noticia. Mas a explosão de violência vinha ocorrendo com estranha frequência nos últimos dias e não só em São Paulo. Ela não sabia quantos, mas muita gente tinha morrido. Outra vez o PCC mandando matar policiais? Não queria ouvir sobre tragédias. Colocou na 97FM e fechou os olhos enquanto o ônibus seguia seu caminho, com os

tímpanos quase estourando com a batida eletrônica da rádio. Tentava não pensar em nada, já que sua cabeça era constantemente bombardeada por informações de várias fontes. Na facul, em casa, no trabalho maçante, de sua própria mente solitária. Estava saturada.

O ônibus parou bruscamente e ela foi jogada para frente. Não se machucou por causa da mochila no colo com seu material, sua marmita e sua blusa de frio. Mesmo com o sol lá fora, ela sempre carregava um agasalho. Júlia tirou a franja da frente do rosto e tentou ver o que acontecia, mas todo mundo no ônibus teve a mesma ideia e ela pouco via. Parecia uma briga no cruzamento. E injusta, porque três caras atacavam outro que apanhava e levantava aos tropeços. Vinha para cima com mais violência que antes, mordendo, grunhindo, sangue nas roupas. O pânico tomou conta do ônibus quando um segundo homem começou a bater na porta da frente e o motorista se recusou a abrir a porta.

_ É só no ponto, ô maluco!

O homem grunhia violento e batia os punhos conta o vidro da porta. Sangue esguichou no vidro e as pessoas começaram a forçar a porta de trás para sair. O próprio motorista e o cobrador pularam a catraca, atabalhoados na correria, afunilados com os outros que abriram a porta e correram pela pista. Júlia ficou parada no lugar, se segurando nos ferros de apoio dos bancos, sem saber o que fazer. O sangue rubro ainda brilhava em suas vistas e a música eletrônica batia em seus ouvidos. Do lado de fora, as pessoas gritavam e corriam, desviando dos vândalos violentos que atacavam as pessoas, as mordiam, a ponto de arrancar pedaço. Ela então viu o caos do cruzamento, com carros parados, pessoas correndo nas calçadas e entre os veículos, gritos e muita pancadaria. O que era aquilo?

Como se um instinto de sobrevivência gritasse em seu inconsciente, ela disparou pelo corredor do ônibus e pulou os degraus até o asfalto. O metrô Belém estava do outro lado do farol. Mas o cenário que Júlia via era de caos. Pessoas corriam entre os carros enquanto um ônibus da polícia parecia ser o foco da desordem. Era daqueles que carregavam presos e talvez tivesse alguns daqueles que causavam os conflitos que eram noticiados. Eles atacavam pessoas, qualquer uma, sem critério. Com medo de ser a

próxima, Júlia correu por entre os carros parados e abandonados pelas pessoas e seguiu com a pequena multidão que decidiu buscar abrigo no metrô. Carros da PM vinham de todas as direções da Radial Leste, motos da ROCAM, todas se dirigindo para o foco do conflito. Um Águia sobrevoava as avenidas. Equilibrando a mochila em um dos ombros, Júlia desviou, trombou, pisou no pé de alguém e subiu a passos largos a passarela do metrô. Mas do alto do mezanino da estação, Júlia via focos de incêndio e rolos negros de fumaça subindo aos céus em vários pontos da zona leste, sentido Itaquera. São Paulo estava em chamas e em pânico. Que tipo de rebelião era aquela? As pessoas protestavam pelo o que? De novo o PCC botando pânico no povo?

Gritos e pânico chamaram sua atenção. Um grupo chutava e esmurrava as pesadas grades que trancavam a estação Belém. Um cordão de urubus, os seguranças do metrô que por usarem preto de cima a baixo ganharam essa alcunha e que estavam atrás das grades, avisavam que a estação estava fechada por motivos de segurança e que as pessoas deviam se afastar das grades e das passarelas. Teriam que se virar de ônibus ou a pé. Era um procedimento comum para evitar acidentes nas plataformas com os trens. Enquanto a discussão continuava, Júlia sacou o celular. Ligou para o número 1 da agenda. Sua casa. Mas a chamada não completava. Tentou o celular do pai, que via umas duas vezes por ano, mas era seu pai. Nada. Tentou o celular da melhor amiga, Adriana. Nada. Nervosa, ela discou para o 190 da Polícia Militar. Tudo o que ouviu foi uma gravação de que o serviço estava sobrecarregado de chamadas e que deveria tentar mais tarde. Foi o mesmo com o 193 dos Bombeiros. O mesmo com o Samu. Apertou o celular na mão, sem saber o que fazer, sentindo as mãos suarem de nervoso.

Sua casa era longe da faculdade. Sem poder pegar metrô e querendo evitar a confusão na Radial, ela teria que se virar com ônibus. Nem fodendo que ela se arriscaria a ir trabalhar com aquele caos todo. Correu para o outro lado do mezanino, vendo as pessoas tentando derrubar a grade ou descer pelos elevadores. Júlia desceu pelas escadas o mais rápido que pode e viu um vai e vem descontrolado de pessoas assustadas, chorando, tentando usar o telefone. Júlia tentou o celular de novo e viu que estava sem sinal.

Os orelhões estavam todos ocupados e as pessoas xingavam pela falta do serviço telefônico. Pela rua, ela conseguiu ver alguns policiais e correu até um deles para saber o que estava acontecendo. De arma na mão, ele viu sua aproximação e olhou desconfiado, mas foi solícito.

_ Sargento, o que tá acontecendo?

_ Vai pra casa, moça - ele foi sério.

_ Mas… o que?

_ Vai pra casa, a coisa vai piorar. Não fica na rua, vai pra casa, se protege, protege a família. Vai.

O olhar do policial dizia uma coisa: medo. Júlia pode sentir esse medo se espalhando pelas ruas como um anjo vingador. Um ônibus saía do terminal urbano do Belém em direção ao Parque Dom Pedro II, terminal importante da região central da cidade. O sargento da polícia ergueu a mão e pediu que o motorista parasse e abrisse a porta.

_ Sobe, vai embora - ele indicou o ônibus com a cabeça.

Agindo de maneira automática, Júlia subiu. Viu o olhar do policial por mais um segundo, enquanto o veículo seguia, e depois ele sumiu entre as pessoas que andavam a esmo. Pelo caminho, as pessoas queriam entrar nos ônibus, se acotovelavam, enquanto veículos da ROTA[1] e do GOE[2] chegavam em meio ao barulho. Sentada num banco no fundo do ônibus, Júlia se tocou que estava com o rádio ligado. Tirou do som eletrônico e colocou na rádio Bandeirantes. No meio de muito chiado, ela conseguiu ouvir:

_ … o que se sabe é que os distúrbios civis estão se espalhando. Batalhões da Polícia Militar foram enviados para as ruas para conter os revoltosos, que atacam as pessoas com bastante violência. Fiquem em casa ou em lo-

1 Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar - modalidade de policiamento do 1º Batalhão de Policiamento de Choque - “Tobias de Aguiar” - e uma tropa reserva do Comando Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

2 Grupo de Operações Especiais da Polícia Civil de São Paulo.

cal seguro e evitem as ruas. Notícias de distúrbios também chegam do Rio de Janeiro, Baixada Santista, Campinas, região do ABC. Repetindo, não sabemos a causa, ainda não temos informações sobre os distúrbios, mas até agora, somente na capital, desde segunda feira, 167 pessoas morreram, são mortes confirmadas pelo comando da Polícia Militar. Suspeita-se que seja uma ação coordenada das organizações e facções criminosas do país, em um ato de terror de nível nacional. A presidente deve entrar em rede nacional ainda hoje.

Júlia pensou ter ouvido errado. Ninguém sabia o que estava causando aquela violência e ainda assim ela viu sangue em plena Radial Leste. Aquilo não estava acontecendo. Podia sentir a adrenalina correndo acelerada pelo corpo, enquanto imaginava se estava tudo bem em casa. Seria um longo caminho até o Imirim e nada do celular funcionar.

O ônibus seguiu até que bem pela Avenida Celso Garcia. O motorista via focos de conflitos pelas ruas laterais e gente correndo das lojas e tentava desviar deles. O cobrador ainda tentava levar no bom humor, mas notava-se que estava nervoso. Sacolas estavam caídas pelas calçadas e até tiros foram ouvidos vindos de policiais militares da Ronda Tática numa rua lateral. Munidos de escopetas e armas semiautomáticas, PMs formavam uma linha junto de um cruzamento. Júlia viu em todos os detalhes quando um policial estourou a cabeça de um homem que veio para cima com sangue na boca, grunhindo. A polícia agora executava pessoas nas ruas. O que a imprensa diria daquilo? O motorista, sentindo o perigo, nem ousou parar no próximo ponto, seguiu reto pela contramão e conseguiu passar do Largo da Concórdia com relativa rapidez, deixando dezenas de pessoas irritadas na rua que buscavam transporte.

Mas foi chegar à rua do Gasômetro que o trânsito parou de vez. Os passageiros mais exaltados queriam que ele seguisse de qualquer jeito, mas antes mesmo de tentar argumentar que estavam presos num trânsito de carros parados e batidos, uma viatura em alta velocidade da polícia civil se chocou contra o ônibus do lado do motorista. A Blazer preta do GARRA[3] bateu com violência, mas os dois policiais conseguiram sair do in-

3 Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos - grupo especializado do Departa-

terior, um pouco tontos, quase intactos. De escopetas em punho, batiam na lataria do ônibus vermelho e branco, mandando todo mundo descer e correr. Júlia sentiu a cabeça latejar quando bateu contra um ferro de apoio dos bancos. Desceu trançando as pernas, ajeitando a mochila nos ombros. Tinham que atravessar o viaduto Diário Popular a pé mesmo. Eles asseguravam que havia um posto da PM do outro lado e transporte seguro para fora das áreas de conflito.

Até o viaduto era uma longa corrida. Os policiais retiravam os feridos do ônibus, mas o motorista estava morto sobre o volante retorcido. Júlia ainda teve tempo de ver o policial de escopeta arrebentar a cabeça do cadáver, até sobrar apenas uma massa ensanguentada e disforme. Segurando o grito e o choro, Júlia correu para longe, desviando dos carros parados, vendo que dezenas de outras pessoas tiveram a mesma ideia. Entrando na corrida desenfreada, sem ver o que estava do lado ou o que tinha deixado para trás, ela seguia seu caminho, junto de outras dezenas que a acompanhavam.

A rua do Gasômetro é um dos principais eixos de circulação do centro de São Paulo. Mas por ser uma rua estreita, vivia com trânsito constante e naquele dia em especial era difícil circular. A polícia tinha criado barricadas nas ruas transversais usando trólebus para assegurar a via principal e assim manter os revoltosos isolados, canalizando as pessoas que queriam sair das zonas quentes. Passando na frente das lojas de ferramentas e máquinas industriais, as portas estavam todas abaixadas. Ninguém tinha ficado para ver os acontecimentos. Tiros, gritos, grunhidos, policiais feridos. Uma massa de desespero correndo para salvar a própria vida. Os Águias da PM sobrevoavam o lugar, bem como helicópteros de vários canais de TV, deixando todo o ruído de fundo baixo. Júlia percebeu que chorava. De raiva, de dor nas panturrilhas por correr com uma mochila pesada nas costas, de ver sangue nas ruas e mortes. Carros da polícia estavam abertos de qualquer jeito, havia cápsulas de balas para todo lado. Os rádios das patrulhas tagarelavam sem parar e em um caminhão da PM, sacos pretos eram jogados de qualquer jeito por policiais usando máscaras e luvas de látex.

---

mento de Investigações sobre o Crime Organizado (DEIC) da Polícia Civil de São Paulo.

O tempo pareceu não passar, mas Júlia já estava próximo ao viaduto, esquina com a rua das Figueiras, onde havia mais uma barricada. Tudo o que ela viu foi um homem e agarrá-la pelos braços, assim que virou à direita para subir o viaduto. No susto, ela começou a espernear.

_ Me solta!

_ Calma! Polícia Militar! - ele disse.

Ela foi levada com certa pressa até um policial com a farda branca de oficial médico da PM que usava máscara e luvas. Com uma pequena lanterna dirigiu o facho para os olhos de Júlia. Olhou os dois com bastante atenção por alguns instantes.

_ Solta, deixa ir. Tá limpa.

_ Atravessa o viaduto, anda! - outro PM a segurou pelo braço e a empurrou.

Sem perguntar o que ele tinha feito ou o porquê, Júlia continuou seu caminho, tropeçando nos próprios pés. As pernas pareciam mais não responder quando ela começou a subir o viaduto. Várias outras pessoas seguiam com ela. Umas pareciam catatônicas, apenas andavam, já outras xingavam, choravam, tentavam conseguir sinal de celular. Parando para recuperar o fôlego, Júlia se apoiou na murada e puxou fundo o ar, sentindo o cheiro ruim do rio logo abaixo. Seu olhar foi atraído para o bloqueio por onde acabara de passar. De lá de cima, sua visão era mais ampla. A barricada parava todo mundo que se aproximava pela rua do Gasômetro. Os PMs os seguravam e encaminhavam para um oficial médico que fazia o mesmo exame pelo qual ela passou. Viu então uma médica examinar os olhos de um senhor que parecia muito cansado e respirava com dificuldade. O resultado não foi o esperado, pois com um olhar apenas, o policial ao lado sacou a arma e atirou contra a cabeça do homem sem hesitar. Um coro de gritos desesperados fez Júlia voltar para a realidade e continuar

correndo.

O terminal do Parque Dom Pedro II estava sem ônibus, mas lotado de viaturas. Estavam todos do lado de fora, enquanto a polícia o tinha transformado em uma espécie de quartel general. Um cordão de isolamento de homens de farda levada as pessoas que corriam na direção do Mercado Municipal que estava fechado. Os ônibus saíam dali seguindo suas linhas normais. Júlia procurou por um ônibus azul escuro, que indicava a direção da zona norte da cidade. Qualquer um que a deixasse perto e atravessasse o rio já estava bom. Vendo um que ia para o terminal Santana, ela entrou. As catracas estavam livres, era só rodar. Teve sorte de pegar o último lugar, perto da porta. As pessoas estavam claramente assustadas, ainda mais depois do que viram no bloqueio do Gasômetro. Celulares não funcionavam, no rádio somente informações desencontradas e contagem de mortos subindo.

Sintonizou em outra estação, conseguiu a CBN.

_ De acordo com o ministério da saúde, trata-se de algum tipo de surto de raiva, um surto como nunca antes foi visto na história sanitária do país. Segundo fontes da embaixada brasileira em Pequim, existem surtos semelhantes em várias áreas da Ásia, tenso surgido casos em todas as regiões metropolitanas. Por decreto presidencial, as regiões metropolitanas de todo o território nacional estão agora sob quarentena. As ordens são para apreender infectados que serão encaminhados para tratamento. Qualquer pessoa que se recuse a receber tratamento, pode e será presa para não haver maior disseminação da doença. Lembramos aos nossos ouvintes que raiva é uma doença incurável. Ainda de acordo com o ministério da saúde, informações da Organização Mundial da Saúde apontam que houve uma mutação desta nova variante de raiva, que a tornou mais perigosa e mais facilmente disseminada. Mordeduras, ferimentos abertos e contato com secreções são as vias de acesso para a infecção. Por favor, permaneçam nas suas casas e evitem às regiões do centro...

Baixando o volume do rádio, Júlia pensava que tipo de tratamento era

aquele que enfiava uma bala na cabeça das pessoas, sem nem haver chance de um. Enxugou o rosto com as mãos, tentando se controlar e parar de tremer. O ônibus inteiro estava tenso, era quase palpável. Aquilo não era só um surto de raiva. Isso já beirava à desordem civil e à violação de direitos humanos.

Várias ruas estavam bloqueadas enquanto os ônibus saíam do centro em comboio. A Avenida Senador Queiroz estava assustadoramente livre, mas em uma observação mais acurada era possível ver marcas de pneus no asfalto, sujeita, bolsas, sapatos que ficaram na correria. Olhando para a cidade que ela pensava conhecer, abriu a mochila e pegou a garrafa de água que tinha enchido com água fresca antes de sair da faculdade. Bebeu dois goles generosos e guardou de novo, dessa vez pegando o celular que permanecia sem sinal. O desespero começava a bater. O que tinha começado como violência ocasional nos bairros, tornou-se um pânico generalizado para chegar a uma epidemia. Surto o cacete, era uma epidemia fora de controle ou não tratariam as pessoas daquele jeito. Olhando novamente para a tela do aparelho, resolveu tentar uma mensagem de texto. Talvez em algum momento quando o serviço voltasse, sua mensagem chegasse ao celular da mãe.

Havia um silêncio sepulcral no veículo. Após conversas amedrontadas por não saber o que estava acontecendo, as pessoas ficaram quietas em seus lugares, sozinhas com seus demônios, ouvindo pacientemente o som do motor rouco reverberando pela lataria. Algumas choravam em silêncio. A maioria estava assustada demais para falar. Um senhor parecia em choque, dizendo que tinha que chegar ao trabalho de qualquer jeito ou seria demitido. Repetia uma vez após à outra, até um cara ainda mais nervoso dar-lhe uma cotovelada no queixo, o que o deixou quieto, mas não serviu para acalmar o restante do ônibus.

Seguindo pelas ruas e avenidas vazias num bizarro cenário onde não se via mais pessoas nas ruas, o ônibus cruzou a ponte da Casa Verde, entrando na zona norte da cidade. Ônibus circulavam por ali, mas existia um clima de anormalidade sobre o corre-corre diário. Quando Júlia sentiu a desaceleração, viu que havia mais uma barricada à frente, no cru-

zamento da Brás Leme com a Doutor César. Desta vez, da Aeronáutica, que estava baseada logo ao lado, no Campo de Marte. Quando o veículo parou totalmente, o motorista abriu todas as portas e ergueu os braços para o policial que entrou.

_ Desçam do veículo com as mãos para cima um por um e formem uma fila ao lado da viatura.

Homens armados com escopetas se postaram nas portas abertas observando todo mundo descer. Usavam máscaras que ocultavam totalmente o rosto e a cabeça, dando-lhes um ar sombrio. Seguindo as ordens dadas, Júlia ergueu os braços e desceu do veículo. Todos os passageiros formaram uma fila ao lado de uma viatura da Força Aérea, braços para o alto.

_ Olhem para a frente e não abaixem as mãos.

Um oficial médico com uma pequena lanterna se aproximou e examinou os olhos. Um por um, ele olhava com atenção, sua farda branca destoando dos outros. Acendia a luz, observava, não encontrando nada, seguia para o próximo. A senhora que segurava uma fralda de pano na mão tremia e chorava e soltou um gemido de desespero quando o médico chegou perto dela.

_ Faz isso não, moço, por favor, me deixa ir embora pra casa… minha filha tá me esperando…

De posse da lanterna, o médico não ouviu o pedido angustiado. Examinou o olhar dela e deu um passo para trás quando terminou. Notou que a fralda que ela segurava junto à boca tinha manchas de sangue. Olhou para o oficial que o acompanhava nos exames e fez um sinal positivo com a cabeça. Ele mirou a cabeça da mulher e disparou com uma 9mm que sacou da cintura. As pessoas se encolheram no lugar, algumas gritaram. Júlia reprimiu o grito, mas não pode segurar as lágrimas, fechando os

olhos com força.

_ Mantenham-se em posição! Mãos para o alto!

O médico não se abalou. Continuou seu exame em tensa rotina. Júlia o viu se aproximar, colocar o feixe de luz em seus olhos amendoados e retirá-los, seguindo para o próximo.

_ Sigam para suas casas e permaneçam lá - disse o médico para a fila - A cidade está sendo posta em quarentena por decreto federal. Se não chegarem em casa até às dezoito horas, procurem um batalhão da PM, da polícia civil ou das forças armadas e busquem segurança lá. Não fiquem pelas ruas! As pessoas afetadas pela doença ficam desorientadas e vagam à esmo, tenham cuidado com elas!

Mal ele terminara de dizer isso e as pessoas foram liberadas, Júlia se pôs a correr. Sua casa estava nas imediações. Só tinha que correr. Subindo a Doutor César, tentando botar pressa nas pernas, Júlia arrumou os cabelos castanhos na presilha em um coque mal feito e continuou. Subiu a rua e começou a cortar pelas ruas do bairro, chegando à Alfredo Pujol. Dali continuou o caminho solitário. Só via policiais e soldados do Exército nas ruas, que a olhavam com atenção, para em seguida voltar a observar o pouco movimento. Todos usavam aquelas máscaras embutidas em capuzes. Acompanhavam seu caminho, mas viam que ela não apresentava sintomas da doença e a deixavam seguir sem importuná-la. As pernas doíam demais. Suor escorria por suas costas, a franja entrava em seus olhos. A subida era muito desgastante, sentia o coração latejando na garganta.

Júlia morava na rua Clara Camarão, uma travessa de pouco movimento que cortava a Avenida Imirim, na lateral do Cemitério Chora Menino. Ao avistar a placa com o nome da rua, sentiu o estômago afundar. Olhou para o relógio no visor do celular e se surpreendeu com a hora. Tinha saído onze e meia da manhã da faculdade. Eram quatro horas da tarde.

Na esquina com a Avenida Imirim, um carro ou outro passava. As pessoas andavam, pois os ônibus e lotações pararam de circular. Rodavam no centro, tirando as pessoas das zonas quentes, mas nos bairros, elas precisavam se virar por causa da demanda. Onze milhões de pessoas apenas na capital paulista, não haveria transporte suficiente nem ruas vazias para carros. Atravessou a avenida e já conseguiu ver o portão preto de grades descascadas de onde estava. Seu ânimo voltou e com lágrimas caindo dos olhos, ela entrou tropeçando nos cadarços desamarrados do tênis pela garagem descoberta e abriu a porta que estava sempre destrancada.

_ Mãe! Vó!

Capítulo 2

Tremendo, sentindo o suor frio subindo pela coluna, Júlia largou a mochila na cadeira perto da porta e seguiu até a cozinha. Respirou aliviada quando viu sua avó segurando uma travessa de comida recém-tirada do forno.

_ Júlia, fia, que foi?

_ Como? - não entendeu a pergunta de início.

_ Não devia estar no trabalho, benzinho?

_ A cidade tá uma zona, vó, cadê a mãe?

_ Tomando um banho. Que tá acontecendo? - ela percebeu a preocupação nos olhos da neta.

Voltando até a sala arrumada e com cheiro de lustra-móveis, Júlia pegou o controle remoto e ligou a televisão. Tinham cortado a TV a cabo quando sua mãe perdeu o emprego e, portanto a imagem não era das melhores. Era uma transmissão do plantão, que mostrava a situação em várias cidades do país, a maioria na área costeira. Reportes andavam junto dos comboios da polícia evitando o tiroteio. Trocando de canal, em todas as emissoras a exibição era de conflitos na rua, polícia atirando contra as pessoas e examinando os olhos e o sensacionalismo dos apresentadores, uma corrida aos supermercados e bancos, gente estocando água, correndo até às escolas que escolheram uma péssima hora para liberar as crianças da aula.

_ Equipes da Vigilância Sanitária montaram postos nas saídas das cidades, mas não deram declarações detalhadas sobre o surto de raiva que causou a explosão de violência que colocou cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Cuiabá, Brasília, Be-

lém, Natal, Recife e Salvador em quarentena federal. Há relatos de focos de violência também em cidades do interior. Os indivíduos são examinados enquanto evacuam as regiões periféricas e centrais das cidades com a ajuda da polícia e das forças armadas e os governos dos estados pedem que as pessoas permaneçam em suas casas. São Paulo já estabeleceu um toque de recolher para as 18 horas, horário de Brasília - disse a jornalista, olhando um papel amassado - Está prevista para as 20 horas um pronunciamento da presidente em rede nacional de televisão e de rádio. Repetindo, as grandes cidades das regiões metropolitanas encontram-se sob quarentena federal. A polícia tem tentado controlar a situação de confronto, porém, a violência extrema tem causado mortes e execuções pelos policiais na tentativa de se defender e defender os civis. Um grupo de revoltosos contra o tratamento dado aos doentes alega que as pessoas estão sendo executadas se apresentam hemorragia ocular e que esta não é a melhor maneira de identificar um doente. O diretor do Hospital das Clínicas criticou duramente a ação tomada pela PM e pede que os doentes sejam encaminhados para todos os hospitais da cidade, que estão preparados para lidar com um grande volume de doentes. A polícia afirma que não é uma ação das organizações criminosas. Existem ainda muitas informações desencontradas, mas há pouco, o ministério da saúde confirmou que é sim um surto de raiva.

Sentando automaticamente no sofá, Júlia não sabia o que dizer. Sua avó ainda segurava a travessa na mão e pareceu não entender o que estava acontecendo. O Alzheimer estava tomando conta de sua mente e, portanto às vezes ela não entendia o que ouvia nem o que dizia.

_ Você quer almoçar, meu anjo?

Num ímpeto, Júlia levantou do sofá com as chaves na mão. Foi até a garagem e trancou todas as fechaduras. Voltando para a sala, fechou a janela e as cortinas e trancou a porta. Subiu as escadas e entrou em seu quarto. Fechou a janela, baixou o vidro, enchendo o lugar de penumbra.

_ Filha?

Sua mãe estava no banheiro, terminando o banho e ouviu os passos apressados e o barulho das janelas.

_ Tudo bem aí, mãe?

_ O que faz em casa?

_ É uma longa história.

Fechando a janela do quarto da frente onde sua mãe e sua avó dormiam, ela voltou a descer as escadas e passou para o quintal. Se o que ela viu no centro tendia a se espalhar, a melhor maneira era se trancar em casa e esperar. Olhou os muros, eram altos para protege-la dos vizinhos, mas preocupava-se com o vizinho de trás, que tinha um terreno mais alto.

_ A gente tem comida em casa?

_ Tem, acabei de fazer comida, senta - sua avó deu um sorriso de incompreensão.

Abrindo armários e geladeira, Júlia averiguava a condição de suprimentos. Imaginava que em breve haveria racionamento e não sabiam por quanto tempo isso ia durar. Tinham comida suficiente para as três por alguns dias, mas não sabia se isso seria suficiente.

_ Sua mãe foi no mercado hoje. Senta, vem comer.

Realmente, estava com fome. Agora que estava em casa, achava que podia relaxar um pouco. Os músculos ainda doíam depois de tanta corrida. O cheiro da comida era ótimo, carne moída com purê de batata e parmesão em cima. Júlia pegou um prato, garfo e se serviu, para alívio de sua avó, que via que sua neta única estava muito angustiada. Comia sem pensar muito, sem lembrar das cenas terríveis que presenciou na rua poucas horas atrás. Tentava agir normalmente para não demonstrar o quanto estava assustada com a situação. Sua mãe desceu em seguida com os cabelos

molhados e uma bandagem no braço.

_ Que foi isso, mãe?

_ Acredita que um cara tentou me assaltar na saída do mercado? Ele me empurrou e eu arranhei no muro do cemitério, mas acabou desistindo e não levou nada. O que faz em casa? - seu olhar era questionador.

_ A cidade está em quarentena mãe, quase não saí da zona leste.

_ O que?

_ Dá uma olhada na TV que você vai entender - ela foi ríspida.

Comia em silêncio, vendo sua avó enchendo um copo com suco. O barulho dos tiros estava em seus ouvidos e o cheiro do sangue subia pelas narinas, se confundindo com o aroma da comida. Temia os dias que estavam por vir. Sua mãe voltou da sala com uma expressão diferente: apreensão. Agora ela entendia o temor da filha e ainda bem que ela conseguiu chegar em casa. O jornal local anunciava que os ônibus tinham parado de circular à 15 horas e que o toque de recolher entraria em vigor no início da noite. Aquilo era tudo muito estranho.

_ Como você conseguiu chegar, Jú?

_ Andando, correndo, em comboios… - raspava o prato - Falei, tá tudo uma zona.

_ Ainda bem que você chegou em casa. Ligou na loja?

_ Meu celular tá sem sinal.

Pegando o telefone, achava que deveria avisar que a filha não tinha como chegar para o trabalho, mas a linha estava muda. Tinha certeza que estava paga. Mas não funcionava. De repente, barulho de bombas explodindo. Pareciam aquelas de efeito moral. As duas ficaram apreensivas, em silêncio, ouvindo carros que passavam a toda velocidade pelas ruas próximas

e bombas e tiros ecoando pelo bairro. Sua avó parecia despreocupada, lavando a louça na pia.

_ Mas alguém deu uma explicação sobre o que está acontecendo? - sua mãe se servia para almoçar também.

_ Não, o governo pôs a cidade em quarentena, acham que é uma doença - Júlia respondeu.

_ Doença? Talvez a gente devesse sair daqui então.

_ Como, mãe? Tem toque de recolher, as estradas devem estar lotadas e nós não temos carro ou dinheiro - Júlia estava estressada com tudo o que passou naquela manhã, sentindo a comida pesar no estômago ao lembrar-se dos miolos do motorista - O melhor é a gente se trancar em casa e esperar.

_ Pra morrer? A gente nem sabe o que está havendo…

Um barulho de bomba interrompeu a fala de sua mãe. Pela janela da sala, elas tentavam enxergar alguma coisa, mas a rua estava vazia. Até um folheto de supermercado saiu voando pela calçada. Nas janelas dos vizinhos, elas viram alguns rostos conhecidos, também observando o exterior.

Quando o toque de recolher começou às 18 horas em ponto, a TV mostrava o pânico das pessoas que não conseguiram voltar para casa. Elas procuraram ajuda nas delegacias, postos da polícia e bases das forças armadas, para não serem presos. Os oficiais do Exército, Aeronáutica, da PM não davam declarações à imprensa, possivelmente por ordem do governador, talvez por não terem o que dizer ou não saberem o que dizer. A Marinha concentrou o efetivo nas cidades do litoral, onde diziam que a situação era ainda pior, pois os surtos se espalharam por lá rapidamente por causa do porto de Santos. A imprensa mostrava caminhões do Exército sendo carregados com sacos pretos. Corpos recolhidos pelas ruas, como aqueles que Júlia viu sendo mortos. Seguiam para o crematório da Vila Alpina, que tinha se tornado uma área militar. Mais e mais caminhões camuflados com corpos subiam as ruas na direção do crematório,

sendo sobrevoado pelo helicóptero de um importante canal. Especialistas em saúde pública davam entrevistas da frente de hospitais e prontos-socorros que estavam lotados.

Júlia olhava para sua mãe que agora compreendia a gravidade da situação. Felizmente sua avó não conseguia entender o que se passava e fazia seu crochê sob a luz do abajur. O brasão da república entrou na tela e o locutor avisou que a presidente faria um pronunciamento em rede nacional.

_ Meu caro povo brasileiro... - ela hesitou - Hoje o país vive uma situação inédita e grave. Nossas principais cidades e regiões metropolitanas encontram-se em quarentena por decreto federal para tentar conter uma variante perigosa de raiva que se espalha por contato com sangue, saliva, mordeduras e feridas expostas de doentes. Os que estão infectados apresentam uma hemorragia intraocular facilmente identificada por um exame preliminar. Em seguida, elas começam a apresentar comportamento agressivo e desconexo, com dificuldades para andar e coordenar pensamentos. Elas ficam extremamente agressivas, não lembrando nem de parentes ou amigos próximos. Temos visto esta situação se alastrar nas últimas semanas depois que vários pequenos grupos de doentes chegaram aos nossos principais portos e aeroportos. É possível que comida importada da Ásia também tenha trazido variantes desta doença - ela respirou fundo, parecendo muito cansada e aquela era um pronunciamento ao vivo - A quarentena federal foi instituída como medida extrema para conseguirmos identificar pessoas doentes que possam estar vagando pelas ruas. Se você suspeitar que há alguém doente na sua casa, antes que os sintomas de agressão surjam, o que acontece por volta de um dia depois da primeira exposição, leve esta pessoa até um centro de acolhimento de doentes. Eles foram formados pelos médicos das Forças Armadas e estão espalhados por todas as cidades. Lá eles poderão ser tratados com o tratamento que temos à disposição.

Quanta bobagem, senhora presidente, Júlia pensou sacudindo a cabeça. Sabia qual seria o tratamento, seria na bala. Não achava que ela de fato acreditasse no que estava dizendo, mas de alguma maneira tinha que acalmar a população.

_ Eu conversei pessoalmente com os nossos embaixadores na Ásia, que estão acolhendo brasileiros para sair das zonas quentes, pois recebemos a confirmação que o surto foi declarado uma epidemia na China, Japão, Mianmar, Índia, Paquistão, Mongólia, leste da Rússia, Indonésia e Tailândia. Por ser uma região muito populosa, o surto lá se espalhou rapidamente. Surtos semelhantes estão acontecendo em outros países, mas eles ainda não confirmaram as epidemias.

O que ela não dizia era que raiva não tinha cura e, portanto o futuro parecia muito sombrio para quem estivesse com a doença. A visão da cabeça explodindo no bloqueio do Gasômetro voltou à sua mente e Júlia não aguentou. Correu para o banheiro e vomitou o pouco que tinha comido até aquele momento. Sua mãe apareceu para ajuda-la e ampará-la. O choro compulsivo veio, as imagens do dia passando o tempo todo em seus olhos. O abraço quente de sua mãe a acalmou um pouco, enquanto tentava pensar. Era muita coisa para digerir em tão pouco tempo.

Mentalmente esgotada e depois de tomar um banho, Júlia deitou na cama e adormeceu. Um sono sem sonhos, apenas escuridão. Não chegou a ver o final pronunciamento da presidente, que nada acrescentou ao cenário que se desenrolava nas cidades. Nem mesmo as autoridades tinham alguma notícia positiva ou uma resposta. A população continuaria assustada, aquilo era de fato inédito na história do país. Nisso ela estava com a razão.

Achava que tinha acabado de pegar no sono quando ouviu um barulho. Pegando seu celular, viu que eram seis horas da manhã. Havia um silêncio incomum do lado de fora. Nem mesmo os passarinhos, que sempre começavam antes das quatro estavam cantando. Levantando para ir ao banheiro, Júlia parecia não ter se revigorado do dia anterior, ao contrário, parecia ainda mais esgotada. A casa estava em silêncio. Fez um xixi rápido e lavou o rosto cansado.

Ainda de pijamas, ela desceu as escadas e ligou a TV da cozinha. O jor-

nal matinal noticiava mais caos e problemas pelo país. A ferrovia Norte e Sul deixou de transportar soja para transportar pessoas para áreas de contenção e centros de tratamento. A presidente foi levada para um local seguro, bem como o seu gabinete, porém ninguém sabia para onde. As imagens de São Paulo mostravam uma cidade entregue ao caos nas estradas e nas principais avenidas. Pessoas assustadas carregavam malas, crianças e animais domésticos na esperança de irem para o interior, mas havia barricadas nas estradas impedindo a saída de todos. Com certeza isso não segurava todo mundo. O país simplesmente não tinha efetivo militar suficiente para conter milhões de brasileiros assustados e doentes.

Preocupada, ela se levantou e abriu a geladeira e o freezer. Não estavam tão cheios quanto deveriam. Os armários tinham comida para poucos dias. Na torneira ainda tinha água. Júlia então se trocou e saiu de casa vestindo um moletom, guardando no bolso canguru sua carteira e segurando firme um spray de pimenta que ganhou de um ex-namorado paranoico. Sua paranoia poderia ser de alguma ajuda. A rua estava fantasmagórica. Os terrenos altos da Serra da Cantareira jogaram uma neblina suave sobre as ruas que brilhavam com o sol. Ela começou a pensar que aquela tinha sido uma má ideia. Olhava para todos os lados e nem uma sombra. Ninguém. Aquele silêncio sepulcral continuava.

No final da rua, na esquina, existia um mercadinho de um amigo de longa data da família. Era costume comprar fiado ali quando a grana ficava curta no final do mês. Júlia viu que a porta lateral estava aberta, como sempre estava logo cedinho. Seu Henrique carregava o carro com garrafas d'água, comida, sacolas de roupas. Ele ouviu os passos atrás de si e ergueu um revólver 38 para a cabeça de Júlia que se assustou.

_ Ahh, minha filha, você quase me mata do coração! - ele levou a mão ao peito.

_ Eu? - Júlia percebeu que tremia - O senhor tá indo pra onde, seu Henrique?

_ Indo embora, meu anjo.

O senhor voltou para dentro do mercado, que ainda mantinha algum estoque de comida e produtos de limpeza.

_ Eu vou pro meu sítio em Iguape, não vou ficar aqui não. Meu filho já foi com a minha nora e minha neta. Você tem que ir embora também.

_ Eu preciso de comida, seu Henrique.

_ Ora, filha, pegue o que quiser. Eu vou deixar aqui aberto mesmo. Leve o que quiser.

Ele então entregou-lhe uma sacola de feira que ela se preocupou em encher com comida enlatada, macarrão e carne congelada. Catou alguns alvejantes e cloro puro para limpeza. Quando terminou, o senhor de cabelos brancos, calvo, com os óculos pendurados no peito já estava pronto para ir embora. De dentro do carro ele a observou com alguma compaixão, ligou o carro e desceu a transversal até sumir. Percebendo-se sozinha numa esquina fria, ela voltou para casa.

O cheiro de café fresco inundou suas narinas assim que entrou. Sua mãe já estava na cozinha, vendo o jornal matutino, carregada de apreensão.

_ Júlia, mas onde que você estava! - ela berrou num misto de alívio e repreensão.

_ Buscar mais comida. E produtos de limpeza. E então? - apontou a televisão com o queixo.

_ A presidente fechou o espaço aéreo nacional. Só aviões das Forças Armadas estão fazendo transportes de tropas, doentes, remédios, suprimentos...

Tiros foram ouvidos não muito longe dali. As duas se entreolharam preocupadas. Polícia? Pessoas lutando umas contra as outras? Mais execuções?

Foi um dia difícil, trancadas em casa, acompanhando os acontecimentos

pela televisão. Não entrou novela, nem filme, ou programação infantil, apenas um jornal contínuo e curiosamente alguns anúncios entre um bloco e outro o dia inteiro. A situação parecia ainda pior do que Júlia tinha visto. As imagens dos helicópteros mostravam corpos abatidos por toda a Avenida Paulista, onde um grupo tinha se reunido para protestar contra o governo, alegando que pessoas inocentes eram executadas pela polícia. Mas as imagens do protesto também mostraram que havia doentes ali que de repente mostraram o comportamento violento e passaram a atacar os companheiros. Um batalhão de choque foi enviado para conter a confusão sangrenta que se seguiu, deixando os corpos no asfalto.

Corpos eram vistos também na Avenida Inajar de Souza. Carros abandonados eram levados sem gentileza por tratores e guinchos para abrir caminho para caminhões frigoríficos e carros da polícia. Tropas chegavam ao Campo de Marte descendo de helicópteros, dotadas de máscaras e fuzis de assalto. Nos anúncios internacionais, a Grã-Bretanha também declarava epidemia. A família real fora enviada para o Castelo de Balmoral. Nos Estados Unidos, o presidente e sua família estavam em local não revelado. Epidemia declarada na costa leste. E por aí continuava...

Naquela noite, Júlia não conseguia dormir. Ouvia uma calma na noite que pouco condizia com uma cidade como São Paulo. Não ouviu carros, motos, caminhões, mas ouviu um grupo de pessoas que tentaram fazer silêncio, saqueado o mercadinho do seu Henrique. De sua janela, na madrugada, conseguiu ver parte da esquina mais abaixo e pode ver vai e vem apressado. Uma hora os saques começariam. Nas casas de seus vizinhos, era possível ver luzes escapando das brechas das cortinas, mas nenhum rosto. Era o medo se tornando palpável a ponto de barrar a vontade de fugir de casa.

Cedo pela manhã, Júlia acordou de um pesadelo. Sonhava que gritava pedindo ajuda e sua voz não saia. Um desespero a despertou na penumbra do quarto. Repetia para si mesma "foi um sonho, calma, foi um sonho". Levantou-se com preguiça para ir ao banheiro. Viu que a luz do quarto da mãe estava acessa. Empurrou a porta devagar e viu sua avó colocando um

pano molhado na testa dela, que tremia e suava frio, murmurando.

_ O que foi? - afastou todo o sono dos olhos.

_ Não sei, acordei com ela gemendo. Foi aí que vi que tava com febre.

E alta, pelo o que Júlia podia sentir quando encostou a mão em sua testa. Foi então que percebeu que a bandagem no braço direito dela estava suja de sangue. Ao abrir, viu que o machucado estava infeccionando e que o cheiro que saía era muito ruim.

_ A gente precisa de ajuda.

Pegando o celular e discando, sem pensar no que acontecia na cidade, viu que os serviços de emergência continuavam com excesso de ligações, pois nem completava. Enquanto se vestia e calçava o tênis, tentou ligar para o pai, e nada. Um inútil, como sempre. Tentou o vizinho, que era taxista, mas também não chamava. Estava se desesperando quando sua avó gritou. Voltou correndo e viu que sua mãe não se mexia na cama empapada de suor, os olhos parados, vidrados no vazio. O sangue no braço tinha parado de sair e o pus também. Tremendo, Júlia pôs dois dedos no pescoço da mãe. Sentiu uma pulsação e depois de um tempo mais outra. Mas o coração estava muito devagar. Sua mãe estava morrendo, e ela nada podia fazer para impedir.

Uma sensação de impotência e perda começou a lhe subir a garganta. Sua avó do seu lado chorava, sem nada dizer. Em meio às lágrimas, Júlia tentava discar o 190, 193, mas nada, nem sinal de chamada. O que eu faço, o que eu faço, ela pensava com raiva. Foi então que a mãe começou a tremer, como numa convulsão. Espuma vermelha começou a sair de sua boca, os olhos reviraram. As duas tentaram segurar a mulher que convulsionava debilmente, mas não adiantava. A cama rangia. Enfim, ela parou e seus olhos fecharam. Júlia pôs os dedos em seu pescoço e não sentiu nada. Sua voz sumiu na garganta enquanto sua avó sentava na cama para chorar, apertando o lenço molhado nas mãos.

_ Fica aqui, vó, eu vou buscar ajuda…

Entre lágrimas, soluços e desespero, Júlia desceu as escadas pulando os degraus e com o celular na mão, tentava em vão ligar para os serviços de emergência. Mas que inferno! Ao chegar na calçada, olhou para os dois lados, mas não via uma alma na rua. Normalmente as pessoas estariam já por ali, indo para os pontos de ônibus para mais um dia. Nada. Júlia correu até a Avenida Imirim, mas também estava vazia.

_ Mas… não é possível…

Voltando, ela tocou na casa do taxista, mas ninguém atendeu. Eram quase sete horas da manhã, sabia que era o horário que ele começava, mas mesmo com o carro na garagem, ninguém veio até o portão.

_ Minha mãe tá morrendo, seu Moacir! Por favor, me ajuda!

Sacudiu o portão com violência, ainda assim nem sinal. Foi então que um grito de dor e desespero veio de sua casa. Era sua avó.

_ Vó!!

Correndo de volta tropeçando nos próprios pés, Júlia voltou para casa, abriu o portão, entrou pela sala e subiu as escadas, mas antes de chegar no quarto, viu a avó sendo dilacerada. Sangue e pedaços de carne estavam no corredor. Seus olhos já estavam baços e sua boca entreaberta ainda pedia ajuda. Parte do corpo estava dentro do quarto da mãe, o tronco estava no corredor. Júlia estatelou no meio do caminho, o coração martelando na garganta. O pânico a tomou de tal maneira que seu corpo travou.

_ Mãe… mãe… - ela sussurrava.

Era possível apenas ver uma sombra se movendo, refletida na parede branca do corredor. Um ruído rouco e baixo vinha de lá junto com um som de mastigação. Algo muito estranho estava naquele quarto, não era sua mãe, era um animal. Seria a raiva? Só isso podia explicar o comportamento animalesco. Nada podia fazer por sua avó, morta no carpete. A sombra cresceu na luz refletida na parede. Uma sombra de mulher.

_ Mãe? - sua voz saiu mais forte.

A sombra engrandeceu e um vulto cruzou a porta, batendo com força na parede em frente. Um instinto de sobrevivência ativou algo em seu cérebro e Júlia se pôs a descer as escadas o mais rápido que pode, sem nem olhar para trás, os olhos embaçados de lágrimas.

Capítulo 3

Sua alma estava dilacerada. Seu espírito parecia perder o vigor que a fez lutar tanto um dia antes. A imagem do sangue brilhante e rubro no carpete ainda manchava sua visão. O som rouco e ameaçador que saía do quarto onde sua mãe morrera, a assombraria para sempre. O que estava acontecendo? O mundo estava acabando? Sem aguentar as imagens que manchavam seus olhos, ela vomitou bile enquanto se apoiava no poste. Seu corpo inteiro tremia enquanto ela chorava convulsivamente, agarrada à sua mochila, que pegou na correria e acabou não soltando. De onde estava ela vigiava a porta da casa. Tinha deixado o portão escancarado e a porta também, esperando para ver se alguém saía de lá. Será que conseguiria ajuda no Campo de Marte? Um vulto na garagem coberta da sua casa a assustou. O sol entrava até a metade da vaga e o vulto ficou ali. Tinha certeza que a observava firmemente. Impossível ver seu rosto, mas algo prendeu o vulto nas sombras, pois ele não se mexeu.

_ Mãe... - ela tremia - Por favor, mãe...

Júlia sentiu os cabelos atrapalhando os olhos. Quando olhou de novo para a garagem, o vulto desapareceu. Um medo apertou seu peito. Sentiu urgência em sair dali, mesmo querendo voltar para casa. Foi assim que Júlia virou as costas em prantos, sabendo que não poderia mais voltar para o lar onde nascera e crescera.

Descia a Avenida Imirim em direção à Santana e percebeu como as ruas estavam abandonadas. Nada de carros, nada de pessoas. Apenas papel, alguns sapatos deixados para trás, bem como sacolas e bolsas. Sacos de lixo nas esquinas esperando a coleta. Pegando uma presilha presa à alça da mochila, ela enrolou os cabelos despenteados e tentou pensar no que fazer, enxugando os olhos. Assoou o nariz com um lenço que tinha no bolso da mochila. A quem recorrer se nem conseguia fazer uma ligação? Vendo um orelhão na esquina à frente, Júlia se apressou em discar o nú-

mero de casa, numa tentativa de encontrar uma explicação para o que vira. Mas antes mesmo de terminar a discagem, a ligação caiu. Tentou o 190 mais uma vez e a mensagem automática de sobrecarga no sistema foi alta e clara. Tentou o pai, tentou o amigo de infância que morava na mesma rua, tentou a vizinha, D. Dirce. Nada. As linhas telefônicas não funcionavam. Não era possível que ninguém soubesse de nada. Em fúria, ela destruiu o fone contra o aparelho. Merda!, ela pensava.

Júlia caiu na calçada, chorando mais uma vez. Sua mente tentava assimilar a enxurrada de informações, mas sentia que falhara ao sair de casa correndo de medo. Pensou em voltar, ver se sua mãe estava bem, tinha que ter outra pessoa na casa... Mas estava imóvel na calçada incapaz de uma ação coerente. Mal conseguia se mover. Lembrava-se das pessoas na rua, atacando umas às outras, a polícia abatendo sem dó com tiros na cabeça... Para com isso, Júlia!, ela gritava consigo mesma, enxugando o rosto. O Campo de Marte talvez fosse sua única opção. Ou quem sabe o quartel do Exército não muito longe dali. Sentindo uma injeção de ânimo, Júlia amarrou os tênis desamarrados e começou a descer a rua em direção à rua Alfredo Pujol. Foi nesta rua que ela começou a ver as primeiras pessoas e uma certa confusão. A rua estava bloqueada com barricadas no quarteirão que abrigava o quartel e homens armados, com os rostos cobertos por máscaras. Havia até um tanque no meio da rua, apontando na direção das pessoas. Com um megafone, um tenente dizia:

_ Há um centro de triagem montado no Campo de Marte. É necessário passar pelos médicos de lá para ser encaminhado aos ônibus de evacuação. Aqui é um posto de checagem, não fazemos triagem.

O pânico que Júlia via no rosto das pessoas mostrava claramente que elas não entendiam o que era orientado. Acotovelavam-se, balbuciando o que achavam ser verdade, falando de algum vizinho, algum parente, alguém doente e que precisavam de ajuda. Quem tentava chegar perto de um soldado, era empurrado de volta. Júlia sentiu o ânimo murchar. Vendo que não tinha opção, ela começou a caminhada até o tal centro de triagem. Evacuação era estranho... Evacuariam São Paulo inteira? Quase 12 milhões de habitantes? Parou no meio do caminho, olhou para trás, vendo

tudo o que andou para conseguir ajuda para sua mãe e sua avó... E agora?

Mais pessoas surgiam, carregando bolsas, sacolas e malas, crianças de colo, gaiolas de passarinhos, cachorrinhos e casinhas com gatos. Algumas levavam colchões amarrados, sacos de dormir, até um carrinho de supermercado com duas crianças e sacolas ela viu. Foi então que uma luz de esperança surgiu quando Júlia viu o velho amigo de infância e namorado na adolescência, Marcus. Ele não era alto, mas seu cabelo liso de dar inveja era facilmente reconhecível. Andava sozinho com sua mochila camuflada nas costas, bebendo água de uma garrafa de meio litro. Barba por fazer, os mesmos olhos atraentes da época do ensino médio.

_ Marcus!

Ele se virou, procurando a voz familiar e sorriu ao ver a amiga, ex-namorada e vizinha. Os dois se abraçaram longamente com um alívio por ver um rosto conhecido. Marcus tinha chorado muito, via-se sua face abatida.

_ Júlia, como é bom te ver... - disse com a voz trêmula.

_ O que tá acontecendo, Marcus?

_ Estão evacuando as pessoas que não estão doentes. Você não soube?

_ Não, não sei de nada.

_ Vamos… - segurou seu pulso e voltaram a andar - O anúncio foi feito de madrugada em rede nacional. O ministro da defesa mandou que as regiões metropolitanas fossem evacuadas.

Apertando-a junto a si pelos ombros, eles seguiram o grupo que ia aumentando e que descia em direção do Campo de Marte. Jipes do Exército vinham devagar, acompanhando as pessoas com atenção e era impossível ver seus rostos por trás das máscaras, o que aumentava a sensação de

insegurança.

_ A mensagem dizia para pegar somente documentos e algumas roupas e se dirigir para o centro de triagem mais próximo.

_ Você está sozinho? - ela se preocupou.

_ Levaram meu pai ontem, disseram que ele estava doente. Minha irmã… não consigo falar com ela. Essas merdas desses telefones não funcionam. E você, cadê sua mãe e sua avó?

Júlia apenas o olhou com lágrimas rolando pelo rosto, sem nada conseguir dizer sobre o que tinha acontecido, ainda indecisa sobre o que viu e o que faria dali para frente. Marcus entendeu e deu um beijo em sua testa. A caminhada era lenta e angustiada. As pessoas choravam pela falta de respostas e pela falta de parentes. Assim que avistaram as torres do Campo de Marte, homens armados, tanques nas esquinas, barricadas com sacos de areia e jipes munidos de metralhadoras de grosso calibre formavam um corredor.

A Braz Leme nem era a mesma avenida que Júlia conhecia. Estava tomada por militares. Eles indicavam o caminho a seguir para o centro de triagem em silêncio. Caminhões parados em ruas vicinais carregavam sacos pretos com corpos. Armamento pesado chegava enquanto helicópteros sobrevoavam toda a área, em círculos. O posto de triagem começava ainda na avenida. Médicos e enfermeiros de farda branca e máscaras tinham em mãos aquelas pequenas lanternas e paravam as pessoas para examinar seus olhos. Desta vez, elas não eram executadas em plena rua como Júlia vira, mas eram arrastadas para caminhões frigoríficos sem direito à retaliação, os punhos presos por algemas de plástico e suas bocas eram tampadas com mordaças de borracha. Os caminhões, depois de cheios, eram trancados e deixavam a rua.

O barulho do pânico vindo da multidão apenas piorava as coisas. Elas gritavam, dizendo que não queriam morrer, que não queriam ser conge-

ladas. Soldados agrediram os mais nervosos. Marcus e Júlia foram separados para a triagem, mas continuavam lado a lado. O médico iluminou o olhar da moça duas vezes. Depois pegou um termômetro digital daqueles que se põe no ouvido e mediu sua temperatura.

_ Normal. Pode ir.

Um soldado pegou em seu cotovelo, carimbou sua mão esquerda com um selo verde e começou a levá-la na direção de vários ônibus que aguardavam numa rua lateral, todos eles com uma bandeira verde perto da porta.

_ Marcus…

O médico se aproximou de seu velho amigo. Iluminou seu olhar duas vezes e mediu a temperatura em seu ouvido. Sem nada dizer, o soldado o pegou pelos braços, tirou sua mochila de seus ombros e o algemou com uma tira de plástico, amordaçando-o com um pedaço de borracha que prendia atrás da nuca. Foi tudo tão rápido que ele nem teve como protestar.

_ Não! Marcus!

Seu amigo não conseguia falar, mas o medo em seu rosto não precisava de palavras. Ele não se sentia doente, aquilo era absurdo! Outras pessoas eram levadas para os ônibus verdes, mas muitas iam para os caminhões frigoríficos, que partiam um atrás do outro. Júlia perdeu o amigo de vista e sua alma se dilacerou mais uma vez.

Um tumulto começou no meio da avenida na multidão que se aproximava da triagem. Um grito desesperado foi ouvido, de uma mulher. Os militares correram para o local do evento enquanto as pessoas corriam e gritavam. Uma poça de sangue se concentrava no asfalto enquanto um homem estava ajoelhado sobre o corpo de uma moça ensanguentada, os

olhos distantes. Uma cena muito familiar para Júlia. Sem nada dizer, um soldado se aproximou do homem ensandecido e atirou contra sua cabeça, que teve a parte de trás dilacerada. A mulher no chão, também foi baleada. No fundo da avenida, mais pessoas ensanguentadas vinham a passos lerdos, olhar baixo, sangue na boca e feridas pelo corpo. Os militares começaram a atirar. Júlia não acreditava no que via e não achava estar sonhando também. Pareciam… mortos. Mas porra, mortos não andam!, ela olhava para aquela cena petrificada. Ainda assim, eles caminhavam, alguns se arrastavam no asfalto.

Enquanto todos estavam concentrados com a cena sangrenta, três helicópteros de combate da Força Aérea pearearam próximos à ponte da Casa Verde. O barulho das hélices chamou as atenções de todos e quando Júlia viu os militares recuando para trás das barricadas, ela entendeu o que aconteceria. Sem nenhum aviso, os helicópteros dispararam mísseis contra a construção que ligava duas partes distintas de São Paulo. A onda de choque derrubou pessoas, tendas, virou carros, elevou poeira e lançou escombros no ar. Um prédio próximo teve suas paredes rachadas. Por um instante, tudo ficou no mais absoluto silêncio. O barulho dos ônibus de evacuação saindo do estacionamento improvisado em sistema de comboio a fez cair em si. Eles estavam partindo. Mas como ir embora sem ajudar sua mãe doente? E Marcus, colocado num caminhão frigorífico? Sem saber para onde ir, Júlia começou a correr ao ver a brecha nas barricadas, já que a triagem tinha simplesmente parado com o avanço daquelas coisas pela avenida. As pessoas que ficaram no bloqueio da triagem corriam sem amparo e a aparente ordem que os militares tinham imposto se desfez na fumaça. Queria sair dali, queria sair das redondezas ou seria mais uma daquelas pessoas no caminhão frigorífico.

A ponte do Limão. Júlia lembrou subitamente da próxima ponte e torceu que não estivesse destruída. Teria que ser rápida. Viu que havia barricadas pesadas na Braz Leme, então aproveitou a poeira e a fumaça que ardiam seus olhos e entrou nas ruas vicinais para cortar caminho. Conseguiu via livre por quase todas elas, mas viu gente vagando sozinha por algumas ruas estreitas e precisou reduzir o ritmo. Sem ter tempo de olhar com atenção, apenas corria, passando por elas, ouvindo aquele grunhin-

do baixo tão bizarro. Seu relógio apitou quando parou para tomar fôlego próximo à Marginal Tietê. Onze horas… mas já? Seu caminho seguia por uma rua paralela à marginal, visto que tinham muitos jipes militares por ali. As lágrimas voltaram. Sua cabeça estava confusa. O estômago doía. Estava virando um deles? Viraria um daqueles seres sanguinários que atacavam as pessoas? Não, seu exame deu normal no posto de triagem. Marcus parecia normal também...

Vendo uma loja de eletrodomésticos mais adiante, ela notou que na vitrine existiam televisores ligados. Todos eles mostravam uma repórter em meio à multidão desesperada. Despenteada, com uma máscara pendurada no pescoço, ela relatava o caos estabelecido num posto de triagem na zona leste, onde um grupo de doentes avançou por sobre as barricadas. Não conseguia ouvir muita coisa pela vitrine, mas percebia-se que as tropas federais perdiam pouco a pouco o controle da situação e não atiravam na cabeça como vira acontecer no Gasômetro. No rodapé da tela, um aviso: Governo Federal proíbe execuções de civis. Por isso os caminhões frigoríficos e todo o cuidado para não acertar ninguém na cabeça. De repente, a repórter foi derrubada e seu operador de câmera também. Uma imensa mancha de sangue esguichado distorceu a imagem e a cobertura ao vivo saiu do ar.

_ Perdemos contato com nossa unidade da zona leste - disse o jornalista no estúdio do jornal paulista que tentava se controlar - e anunciamos também que, por medidas de segurança que constam do decreto federal de emergência, encerraremos nossas transmissões ao meio-dia. Permaneça em sua casa ou em local seguro, evite o centro da cidade e mantenham-se calmos. Ônibus de evacuação estão partindo do estádio do Pacaembu, de Interlagos, do Jóquei Clube, da Barra Funda, das estações Luz, Brás e Tatuapé do Metrô e do Aeroporto de Congonhas. Autoridades informaram que o posto de triagem do Campo de Marte, do Parque do Carmo, do terminal Cachoeirinha e da estação Tietê pararam de funcionar e não estão mais evacuando os saudáveis. O centro expandido é por decreto federal uma área de quarentena e seus acessos estão sendo neste momento isolados por tropas federais.

Júlia sentiu as forças se esvaindo. Os acessos isolados, as pontes destruídas...

_ Isso não está acontecendo, não está acontecendo… - apoiou a cabeça na vitrine.

Helicópteros cruzavam o ar. Jipes e caminhões pesados passavam pela Marginal seguindo na contramão. Em menos de 48 horas, Júlia estava sozinha e sem casa. De onde estava conseguia uma visão parcial da ponte do outro lado do rio, mas teria que se arriscar em área aberta para ver o acesso do seu lado. Gritos de dor e desespero a despertaram da agonia. Na rua lateral, oposta à sua esquina, Júlia viu um homem sendo atacado por mais outros dois que o mordiam, seguravam seus braços e o mantinha imóvel enquanto seu corpo era atacado. O sangue rubro esguichou pela calçada e ele parou de se mexer. Sem querer esperar para ver o que aconteceria, Júlia correu para a Marginal Tietê. Conseguia ver a montanha-russa do Playcenter e esperava conseguir atravessar a ponte antes que a destruíssem. Mas antes mesmo de seu pensamento terminar, os helicópteros de combate voltaram, rasando próximos às margens, pareando num movimento ensaiado, apontando para o centro da cidade. Dispararam mísseis e a ponte do Limão explodiu em milhões de escombros que afundaram no rio. Sem conseguir parar a corrida a tempo, a onda de choque jogou Júlia no ar. A queda no asfalto expulsou o ar de seus pulmões. Júlia sentia um apito no fundo do ouvido, impedindo que ouvisse qualquer outra coisa. Por um momento, parecia que estava em um sonho, oscilando entre a realidade obscura com um mundo feito pelo o seu inconsciente. Os sons de fundo eram confusos, não conseguia dizer nada. Era assim que o mundo acabava? Em meio à poeira, ao cheiro de morte e à escuridão?

Capítulo 4

Quando Júlia abriu os olhos, a sensação de ser atingida por uma onda de choque a despertou completamente. Pondo-se de pé num pulo, sentia-se desnorteada e cansada, com pontos de luz brilhantes nos olhos, a cabeça pesando como se fosse desmaiar de novo. Onde estava? Não sabia, estava meio escuro ou era sua vista ruim? Viu uma brecha aberta e correu para ela. Escancarou a primeira porta que encontrou e se pôs a correr sem saber direito para onde. Mas tinha que continuar correndo se quisesse salvar a própria vida.

Escadas, muitas escadas, mas a sensação de fuga era intensa. Como a cabeça pesava... Antes que conseguisse alcançar a rua um par de braços a envolveu com força e sua boca foi tampada para abafar qualquer tentativa de gritar. Júlia sentiu o coração bater descompassado. A pessoa que a segurava contra o corpo respirava calmamente, mas nada dizia. Ela percebia que era alguém mais alto, um homem, pois sentia uma barba mal feita na sua têmpora direita e um forte cheiro de suor masculino. O que ele faria? A mataria? A estupraria? O que?

_ Se eu te soltar, promete que não vai gritar?

Ele sussurrou de maneira quase inaudível em sua orelha direita. Era um tom de medo, de precaução. Se quisesse seu mal, a soltaria daquela maneira? Intrigada com a atitude, Júlia assentiu com um movimento positivo de cabeça. A mão em sua boca se afastou e o braço em sua cintura afrouxou.

_ Temos que entrar, anda.

Segurando em seu cotovelo, ele a escoltou no meio da penumbra de volta para o local de onde Júlia tinha saído ao acordar, escadas acima. Ele fechou todas as portas que ficaram para trás e ao chegar a um lugar seguro,

ele acendeu as luzes, fazendo-a piscar por uns instantes até se acostumar.

_ Você apagou por dois dias. Ainda bem que voltou. Senta, come alguma coisa.

Suas pernas bambearam e ele a colocou sentada numa cadeira. Olhando para o homem à sua frente, tentava associar todas as palavras que ouviu ao cenário em que estava. Percebeu que ele era um policial civil. Usava a roupa preta do GOE, o grupo que era treinado para lidar com situações de crise da Polícia Civil de São Paulo. Era um traje completo, como se tivesse acabado de sair do combate. Coturnos, calças pretas com coldre de armas ajustado na coxa, uma faca presa na perna esquerda e outra no cinto, um colete preto à prova de balas, com vários bolsos e um pesado fuzil preso num fecho do colete, onde ele podia soltar as mãos para outras coisas. Seu rosto tinha uma barba por fazer de uns três dias, seu rosto estava cansado e seu cabelo preto era cortado à máquina 2, bem rente à cabeça. Seus olhos eram castanhos e meigos. Seu nariz era bem desenhado e a boca fina tinha uma cicatriz no lábio inferior que mal aparecia sob a barba.

_ Ei, você me ouviu? - ele estalou os dedos duas vezes - Acorda.

Júlia olhou ao redor. Era um apartamento. Pouco mobiliado, com colchões na sala, mas certamente mais aconchegante do que a rua. Numa mesa de vidro tinha comida quente e frutas, garrafas de água e barras de cereal. O estomago começou a roncar e a cabeça a girar. Mais tranquilo, mas de olho na moça, ele soltou a arma, pousando-a num sofá de três lugares, quase ocupando sua extensão e tirou o colete. Usava uma camiseta preta do GOE por baixo.

_ Você disse que eu apaguei por dois dias? - a voz de Júlia saiu rouca e fraca.

_ Apagou. Trouxe você pra cá na esperança de que acordasse - ele sentou-

-se à mesa e começou a comer de uma lasanha descongelada - Posso perguntar o que estava fazendo no meio da marginal Tietê?

Vendo que havia uma lasanha quente à sua frente, ela puxou a cadeira para mais perto da mesa e começou a comer.

_ Destruíram a ponte, não foi? - ela deu uma boa garfada na massa.

_ Não só ela como todas.

_ O que? - Júlia achou ter ouvido mal.

_ Come primeiro, depois eu explico ou vai desmaiar de novo - ele parecia mais interessado na refeição do que no papo.

Júlia achou uma ótima ideia. Puxando a lasanha mais perto de si, ela comeu com gosto apesar de estar um pouco fria no meio. Raspou o molho com pedaços de pão um pouco endurecidos e bebeu água fresca em longos goles. Pegou uma maçã e a comeu, enquanto o policial tirava pacientemente as cascas de uma mexerica. Sentindo-se satisfeita, ela o observou por uns instantes, pensando no que perguntar. Ele retribuiu o olhar, curioso com a atenta observação. A moça era até que bonita.

Leonardo corria para salvar a vida assim que o último colega da sua equipe se transformou numa daquelas coisas e o inferno tomou conta do cenário. Eles tentaram assegurar a retirada de um dos secretários de governo que ficou ilhado em casa ali mesmo, perto da ponte. Mas assim que a van levando o secretário e a esposa cadeirante saiu da avenida, ele viu que uma transportadora de valores estava sob ataque de vândalos que tentavam saquear e roubar o dinheiro dos carros-fortes. Infelizmente, lá dentro existiam pessoas doentes trancadas e os policiais caíram numa armadilha em que só Leonardo conseguiu sair correndo em direção à marginal. Já não bastava ter perdido metade da equipe original, agora tinha que correr para salvar a pele. Atrás dele, mais daquelas coisas que vinham dominando o centro da cidade com espantosa rapidez. Raiva uma porra, aquilo era gente morta e reanimada, pois por mais que atirassem no corpo, eles não caíam. Neste momento, os helicópteros da Força Aérea destruíram a Ponte do Limão. Ele viu a onda de choque derrubar uma pessoa no chão

e jogou ele próprio contra um veículo abandonado no meio-fio. Assim que se pôs de pé, passou ao lado do corpo no asfalto e já estava uns bons passos à frente quando ouviu disparos de metralhadora vindo do helicóptero. Aqueles merdas que andavam mesmo estando mortos estavam na pista da Marginal.

Indeciso, segurando o fuzil junto ao corpo e olhando para todos os lados, Leonardo voltou correndo e colocou a moça nos ombros, quase mudando de ideia. Assim que a colocou no colchão já em segurança e em casa, ele buscou informações em sua mochila. Livros de faculdade, uma blusa de frio, um caderno grosso bastante escrito, uma bolsinha com coisas de mulher e sua carteira vermelha com um gato de feltro estampado na parte superior. Não parecia ter 27 anos, parecia bem menos.

_ Qual o seu nome? - ela quis saber.

_ Leonardo - ele estendeu a mão e a cumprimentou - E você é Júlia. Olhei na sua carteira - ele colocou um gomo de mexerica na boca ao ver que ela perguntaria isso.

_ Onde estamos?

_ No meu ap , eu moro aqui.

_ O que tá acontecendo?

_ Por que você ainda tá na cidade?, deveria ter saído na evacuação - cuspiu uns caroços na bandeja vazia de lasanha.

_ Acha que eu não tentei?

_ Ah, sei lá, não era eu caído na marginal, era? - seu tom era de repreensão.

_ É mesmo uma doença?

_ É sim. Agora a gente tá pagando o preço dessa merda - deu um riso de desgosto.

_ Eu vi os militares executando as pessoas. Vi gente em caminhões frigoríficos…

_ Você não acompanhou então desde o início?

_ Não…

_ Ah, ótimo. Bom, não te culpo, sabe? Tudo foi pro inferno faz tempo - ele cuspiu as sementes do último gomo.

_ Como começou?

Leonardo a olhou, enxugou a boca com a mão e fez um sinal para que o seguisse. Ele abriu a porta do quarto onde uma cama de solteiro estava sem colchão, que devia ser o que estava na sala. Os dois pararam na frente da janela, onde o sol já tinha se posto e tudo o que restava era uma mancha púrpura no horizonte. Júlia viu que várias partes da cidade estavam sem luz. Havia rolos de fumaça ainda visíveis pelo pôr do sol recente.

_ Ninguém sabe com certeza como, mas o primeiro surto apareceu na Ásia. Algum tipo de raiva muito virulenta e perigosa foi o que eles disseram. A OMS e o CDC começaram a investigar e mandaram equipes. Mas outros casos surgiram no resto da Ásia, afinal tem gente pra cacete naquele lugar. Mas na real mesmo a origem ainda é incerta. Tem quem diga que vieram de morcegos. O CDC afirmou que é um vírus diferente de raiva...

_ E aqui, como que chegou?

_ Pelos portos. Muitos navios chineses, taiwaneses e indonésios descarregando e levando nossa soja. No Porto de Santos começaram a surgir os primeiros sinais dela.

_ Você não parece achar que é raiva.

_ Ahh, raiva não faria o que essa merda faz - ele riu de lado de maneira trágica.

_ E o que ela faz?

Difícil de explicar, pois nem as autoridades sabiam direito. Ele sabia pelo o que tinha visto e pelo o que não tinha sido dito à imprensa.

_ Bem… ela te transforma num morto-vivo, um zumbi se preferir.

Leonardo esperava que Júlia desse risada. Zumbi é coisa de filme, de quadrinhos como os que ele costumava ler, não do mundo real. Mas seu olhar amendoado era claro. Ela vira a coisa em ação. Vira os ataques, o sangue, talvez até a transformação.

_ Foi por isso que eu te tirei da marginal. Tinha uma leva chegando - ele concluiu.

_ Eles estão vivos, digo, alguma parte deles, não está? Eles andam…

_ Depende do que você chama de vida. Pelo o que eu entendi, esse patógeno deixa algumas partes do cérebro ativas. Enquanto uns transformados querem comer, outros apenas se comportam como animais selvagens. Mas são bem agressivos. Uns são rápidos, outros são uns bocós. Mas todos têm problemas com a luz, pois as pupilas dilatam, essa então é uma vantagem pra gente.

Olhando para baixo, ela conseguia ver a rua deserta. Não havia barulho de tipo algum. Mas era possível ver pessoas vagando em passos trôpegos aparentemente sem sentido. Alguns rodavam no lugar. Outros tentavam passar por um caminho onde tinha um poste, mas não conseguia desviar. Olhou para os apartamentos ao redor. Pensou ter visto uma cortina se fechando rapidamente. Mais gente escondida.

_ Por isso me impediu de sair? - ela o olhou.

_ Exato. Daria de cara com eles. Estão no prédio também. Pra alguns dos meus vizinhos, foi bem feito.

_ Mas e o governo?

_ Que tem?

_ Ele não tá fazendo nada para impedir isso?

_ Execuções em praça pública contam? Incendiar periferias inteiras como fizeram com algumas partes de São Mateus e Parelheiros? O governo tentou, mas nenhum governo do mundo tem preparo para executar em massa seus cidadãos. Mas o governo sabia. Por que acha que eles atiravam na cabeça das pessoas? - apontou para a própria testa - Porque é a única maneira de parar essas coisas. Quando a opinião pública e os grupos de direitos humanos reclamaram, a ordem do governo mudou. Foi aí que deu merda de vez.

_ Como acontece? A infecção? Na TV disseram que é por sangue, mordidas... Não é pelo ar, é?

_ Não, ainda bem que não - voltaram para a sala e ele fechou a porta do quarto - Ela é transmitida por contato com saliva e sangue. Como eles são violentos e com instintos primitivos eles mordem e arrancam pedaços. É assim que as pessoas se contaminam.

O machucado no braço da mãe veio à tona.

_ E quanto tempo leva?

_ Depende. Horas, três dias no máximo. Pelo menos foi o que eu vi. Vem uma febre violenta. Depois o vírus se instala no cérebro, o pior lugar para se tentar tratar qualquer coisa com remédios e vacinas. Ele começa a desligar o cérebro superior e deixa apenas as partes automáticas funcionando. A pessoa tem delírios, convulsões, sonhos, algumas até saem correndo. Depois… ela morre. Quer dizer, morre e volta.

Ele descrevia tudo o que tinha acontecido com sua mãe dias atrás.

_ Por que os caminhões frigoríficos?

_ Para reduzir a febre. A mordaça para impedir que a pessoa morda al-

guém. As algemas para impedir arranhões. Acham que o frio reduz a atividade da pessoa, ela fica rígida, é mais fácil de lidar com ela. Mas não morre.

Procurando um lugar para sentar ou iria para o chão, Júlia se sentou no braço do sofá e apoiou a cabeça na mão, lutando para entender, para aceitar. Leonardo percebeu que era muito para Júlia aceitar ou absorver. Ele mesmo não acreditaria se contassem, mas viu nas ruas, precisou matar civis para se proteger ou seria um deles. Entendia como a moça se sentia.

_ Por que você ficou? Disse que houve evacuações dois dias atrás - ela perguntou.

_ A gente estava nas ruas, tentando controlar a situação, mas o governo nunca pensou que a coisa se espalharia tão rápido. Com medo das execuções, as pessoas não procuraram hospitais, mesmo que estivessem machucadas. Inclusive dentro meu grupamento. Perdi metade dos meus colegas quando um dos policiais atacou o motorista e o carro capotou, matando todo mundo dentro. Eu fiquei… - ele se sentou na cadeira - nem sei por quê. Por não ter pra onde ir, eu acho. Voltei pra casa e me tranquei.

_ Por que destruíram as pontes?

_ A zona quente tá no centro da cidade. Toda a área do centro expandido foi tomada por eles.

_ Por quê? - achou aquilo curioso.

_ Porque é mais escura. O excesso de prédios cria mais zonas de penumbra. Eles têm as pupilas dilatadas, não toleram luz forte. Destruíram as pontes e também as estradas de acesso. Pena estarmos entrando no inverno, as horas de sol vão diminuir.

_ E o que o governo diz?

Era melhor mostrar do que falar. Ele pegou o controle remoto e ligou a televisão num grande canal de notícias. Apenas chuvisco. Não só nele, em todos. O canal NBR, o canal do governo federal, uma faixa passava pela

tela de fundo preto dizendo:

TRANSMISSOR FEDERAL FORA DO AR

_ Nos rádios também - ele disse.

_ Estamos… sozinhos, desamparados, é isso que quer dizer?

_ É, é isso mesmo.

O silêncio atordoante se estabeleceu. É aquele momento em que a realidade dá um soco nos incrédulos.

_ Aproveita pra tomar banho antes que a eletricidade caia também.

Ele lhe entregou uma toalha limpa que pegou no quarto e indicou o banheiro no final do pequeno corredor. Era fato. Os mortos realmente podiam voltar para nos assombrar e cobrar o seu espaço. Júlia se trancou no banheiro e se olhou no espelho. O rosto cansado que a observava estava sujo de fuligem, com alguns arranhões na testa, a boca seca com pele solta. Olheiras pesadas. Voltando a chorar, ela ficou um bom tempo embaixo da água quente tentando pensar.

Havia um cheiro de comida no ar. Foi o que despertou Júlia. Deitada em um colchão num canto da sala, ela abriu os olhos enevoados e viu o policial de costas, fazendo o café na cozinha. Entre os dois ambientes tinha um balcão e ela podia ver apenas seus ombros e a cabeça. Teve dificuldades para dormir depois de tudo o que ouviu e de imaginar que sua antiga vida tinha acabado tão subitamente, sem que pudesse realizar muita coisa. Enquanto tentava dormir na noite anterior, ouvia os passos de Leonardo pelo apartamento escuro, ora olhando pela janela, ora com o ouvido colado à porta, tentando escutar algo. Se aqueles seres podiam enxergar melhor no escuro, certamente a noite era um ambiente perigoso.

No fim, chorou até pegar no sono. Em algum momento, ele também aca-

bou dormindo, pois havia uma manta amassada sobre o sofá e em cima dela o fuzil que ele carregava para todo lado. Era estranho estar protegida por alguém que nem a conhecia. Com um mundo do avesso como estava naqueles dias, segurança era algo raro de ter. Ele podia tê-la deixado no asfalto e seguido seu caminho.

_ Bom dia.

Ele a observava enquanto colocava comida fresca sobre a mesa.

_ Nem vou perguntar se dormiu bem, sei que não.

_ Como sabe? - ela se pôs em pé e tentou estalar as vértebras da coluna.

_ Você se mexeu muito e resmungou a noite toda.

Tentando desamassar o cabelo bagunçado, pediu licença para ir ao banheiro, carregando sua mochila no ombro. Dormiu com uma camiseta do GOE e uma calça de moletom duas vezes maior, por isso parecia a menininha que vestiu as roupas do pai. Assim que entrou no banheiro, em cima da tampa do vaso tinha uma calça jeans preta, um par de meias com estampa de zebra, uma camiseta azul com uma estrela brilhante no peito e uma jaqueta de moletom do GOE. Será que eram roupas da namorada dele?

Assim que saiu já com o rosto menos amassado, com roupa limpa e os cabelos presos, Leonardo comia em silêncio e de cabeça baixa. Ela se sentou ao seu lado e começou a comer, quando viu a observação que ele fez para a roupa.

_ Obrigada - Júlia agradeceu.

_ De nada. Você precisava de roupa limpa.

_ Me desculpe a curiosidade…

_ Eram da minha irmã. Ela morava comigo por causa da faculdade. Meus pais moram em Sorocaba - ele a olhou com certa tristeza - Eu… a mandei para um centro de triagem quando a febre começou. E vi quando ela entrou no caminhão frigorífico.

_ Sinto muito.

Soltando um resmungo, ele continuou comendo, como se tentasse afastar uma má lembrança que tinha sido inadvertidamente acessada.

_ O que acontece?

_ Com o que? - ele comia de cabeça abaixada.

_ Com aquele povo nos frigoríficos?

Pelo visto, Júlia tinha perdido alguém para um deles. Ele não sabia direito, mas como sabia não haver cura, a resposta só podia ser o extermínio.

_ A gente não pode ficar aqui muito tempo - disse ele de boca cheia e mudando de assunto.

_ Por quê?

_ Olha pela janela depois.

Sem querer esperar, ela deixou o pão meio duro e requentado e olhou pela janela que estava aberta. Havia focos de incêndio no horizonte na direção do centro da cidade. O prédio mais alto que ela conseguia ver estava em chamas, com bolhas de calor estourando as janelas.

_ O que é isso?

_ Purga. Estão limpando a cidade e tirando os corpos - disse ele da sala.

_ O que?

_ Vão fazer isso na cidade toda. Estão seguindo o plano original.

_ E você parece muito tranquilo - Júlia pareceu inconformada.

_ Relaxa, eles ainda vão demorar pra vir pra esse lado. Além do mais, a gente vai precisar de um carro, suprimentos, água.

_ A gente? - ela se espantou pelo plural.

_ Por que, tem outros planos?

Leonardo se levantou, enchendo a sala com sua altura, recolhendo a louça que jogou ruidosamente na pia de alumínio.

_ Você pode pegar as roupas da minha irmã. Encha a sua mochila. Eu vou descer e pegar meu carro numa oficina aqui perto - ele pegou seu colete, suas armas e começou a se preparar para sair, verificando munição, mira.

_ Você vai me deixar aqui?

_ Vou. Fica tranquila. Vou ter que te trancar. Ignore qualquer barulho que vier de lá de fora. Eu vou usar a porta da cozinha, não da sala, aliás não abra essa porta da sala por nada, eu voltarei pela outra. Fique longe da janela. Vai se preparando que eu volto logo.

Segurando seu fuzil junto ao peito, Leonardo saiu do apartamento fechando a porta de serviço com cuidado. Sozinha e sem alternativa, ela teve que obedecer. Bem ou mal, não estava mais sozinha no mundo e tinha um policial como companhia. Vendo a segunda porta fechada no pequeno corredor do banheiro, Júlia a abriu e entrou no quarto. Notava-se que era um quarto de mulher. Edredom florido, fotos num painel metálico na parede, um notebook fechado, almofadas e bichos de pelúcia ao lado de uma pilha de livros no chão. Era pequeno, mas bem arrumado. Júlia se sentiu uma invasora, pois ali era o lugar de descanso de uma pessoa. Era ciumenta com seu quarto, portanto se sentia mal de entrar no quarto de alguém. Mas esta pessoa possivelmente morreu, assim como Marcus.

O barulho de um tiro a assustou. Dando um pulo no lugar, ela sentiu que era um aviso. Leonardo deve ter encontrado algum deles pela frente lá na rua. Afobada, começou a abrir as gavetas e as portas do armário. Escolheu camisetas e calças jeans e legging, meias, agasalhos. Sorte que sua mochila era espaçosa. Tentou arrumar tudo da melhor maneira que podia para não ficar embolado. Pena que ela calçava um número menor, ou pegaria um par novo de tênis que viu no armário, o seu estava muito surrado. Foi com uma dor no coração que ela se separou dos livros da faculdade, pensando que menos de uma semana atrás ela estava preocupada com provas e notas.

No quarto de Leonardo, uma mochila já esperava na cama sem colchão, portas do armário abertas. Curiosa, Júlia entrou. Era quarto de homem, com certeza. Roupa pelo chão, alguns perfumes numa cômoda e uma televisão ligada num X-Box. Mas dentro de uma das portas do armário, ela o viu abraçado a uma bela moça loira, com uma praia no fundo. Se não tinha guardado aquela foto com ele, era sinal de que não estavam mais juntos.

Júlia esperou por longas três horas. Silêncio. O mais absoluto silêncio era tudo o que ouvia da cidade. Torcia os dedos, andava de um lado para o outro no apartamento. Tentou ligar a TV e o rádio, mas só tinha estática e chiado. Abrindo o notebook da irmã de Leonardo, nada de internet. Um barulho na porta da sala a assustou. Parecia que alguém passava as unhas na madeira pelo lado de fora. Quem ouvia de dentro sentia um arrepio subindo pelas costas. Suando frio, Júlia se aproximou, percebendo que estava bem trancada e passo após passo chegou perto do olho mágico. Mas só havia escuridão do outro lado. Na parede tinham dois interruptores. Um para acender a luz da sala e outro para iluminar o hall dos apartamentos. Sem saber o que veria, ela tentou acender, mas não conseguiu. Um baque surdo na porta a fez pular um passo para trás. Um chiado rouco e doentio junto com o arranhar da madeira fez Júlia se afastar cada vez mais, até tropeçar no colchão e cair sentada em cima dele.

_ Ah… não entra, por favor não entra…

Um novo barulho de porta abrindo a assustou. Mas enfim era Leonardo, afobado, ofegante, que pelo visto subiu as escadas correndo. Sua testa brilhava de suor.

_ Tá pronta? Vamos, anda logo. Pega as mochilas.

_ O que foi?

_ Anda!

Catando as duas mochilas, colocando uma em cada ombro, os dois desceram as escadas pulando os degraus. Leonardo morava no sexto andar e carregando malas era um caminho bem cansativo. Júlia arfava depois de três lances de escada.

_ Leonar…

_ Shiih!

Ele estava nervoso e com pressa. O dedo alisava o gatilho o tempo todo. Quando chegaram ao nível térreo, ele ergueu o punho esquerdo fechado e antes que conseguisse parar, Júlia trombou em suas costas. Com o dedo na frente da boca, ele pediu silêncio.

_ Siga cada um dos meus passos, fica bem atrás de mim - ele sussurrou.

_ Tá…

Júlia ajeitou as mochilas nos ombros, já sentindo a dor do peso sobre eles e Leonardo ajeitou o fuzil. Pelo visto, aquelas criaturas estavam lá embaixo. Abrindo a porta devagar, que não fez ruído algum, ele colocou o pé para segurá-la aberta e observou o hall do prédio. Vazio. Com um sinal de cabeça, era para segui-lo. Os dois começaram a andar rápido. Saíram na lateral do edifício em direção à rua. O dia estava nublado e pelo visto

viria chuva. E o primeiro zumbi apareceu perto da guarita. Era um dos zeladores, pela camisa azul que usava. Sua pele não tinha viço, os olhos eram baços e com pupilas dilatadas, a boca entreaberta soltava um chiado rouco e um fio de sangue com baba caía no chão. Júlia não tinha visto nenhum de tão perto antes. Tão humano. Assim que viu os dois, ele parou, observou, mexendo a cabeça para o lado e então disparou para frente, andando rápido, grunhindo. Sem titubear, Leonardo ergueu o fuzil e estourou a cabeça do zumbi. O corpo tombou para trás sem mais se mover.

_ Rápido, o tiro vai atrair vários deles.

Na frente do prédio tinha uma Blazer preta, de vidros escuros, esperando, pintura fosca. O portão de acesso já estava aberto. Correndo, eles chegaram à calçada e no banco de trás, Júlia jogou as mochilas. Leonardo fiscalizava a rua, olhando para os dois lados e vendo mais daquelas coisas se aproximando. Assim que vissem os dois ou sentissem o cheiro, eles disparariam em sua direção. Júlia entrou e se acomodou e ele se sentou no banco do motorista, ligou o veículo e acelerou para longe dali. Dentro da Blazer, Júlia podia sentir cheiro de gasolina e percebeu que no bagageiro tinham quatro galões vermelhos chacoalhando.

_ Por que demorou tanto? - ela recuperava o ar.

_ A oficina não é tão perto daqui.

Alguns zumbis caminhavam pela rua. Leonardo nem desviava, fazia questão de acertá-los para vê-los cair e rolar pelo asfalto.

_ Para com isso.

Ele continuou atingindo o que pudesse, deixando um rastro de corpos caídos pelas ruas.

_ Chega, Leonardo!

_ Chega o que?! Que parte dessa merda você ainda não entendeu? Olha a cidade como tá, olha a vida como tá?! Não me enche!

Os dois continuaram pelas ruas da Casa Verde, evitando grandes avenidas. Leonardo estava nervoso, dirigia como se fosse uma operação do GOE. Júlia até prendeu o cinto de segurança As equipes do governo estavam limpando as ruas e tudo o que andasse que não fossem eles, seria abatido. Júlia não podia acreditar em seus olhos quando via o que antes eram cidadãos comendo carne podre de outros corpos já caídos na rua. O cheiro ruim de podridão já se espalhava como uma pesada mortalha por sobre a cidade.

Capítulo 5

As ruas estavam vazias num cenário que lembraria o pós-guerra, exceto que as construções estavam de pé. A agitação corriqueira da maior cidade da América Latina evaporou no ar e nada lembrava mais o grande centro e coração financeiro do país. Era apenas uma paisagem, com construções, sem vida, sem movimento. E aquele cheiro. O cheiro de morte com lixo e fumaça. Leonardo desligou o ar condicionado do carro. Não falava nada desde o esporro que deu em Júlia, quarenta minutos antes. De uma coisa ele sabia, tinham que sair da cidade. Mas de fato, se perguntava: por que trazia a moça com ele? Se sobreviver sozinho já seria difícil, com um peso morto seria ainda pior. Mas larga-la no meio do nada, com zumbis por aí não era algo que o agradava também.

_ Pra onde a gente vai?

_ Tô pensando - ele resmungou.

_ Você não disse que eles destruíram as estradas?

_ Destruíram algumas, as outras estão bem vigiadas, a gente vai ter que se virar por dentro mesmo.

Dirigindo rápido, contornando ruas, seguindo pela contramão, Júlia viu quando entraram na Avenida Nossa Senhora do Ó. Muito lixo no asfalto, alguns corpos imóveis também. Parando repentinamente, Leonardo encostou o veículo e desligou o motor.

_ O que foi?

_ Suprimentos.

Ao seguir o que ele apontava, conseguiu ver a placa de um grande supermercado. Havia luzes em seu interior, possivelmente de algum gerador próprio. Mas não podiam simplesmente entrar e pegar o que queriam, o que os esperava lá dentro? Havia um estacionamento coberto e um ao ar livre, mas com certeza havia mais daquelas coisas espreitando na penumbra do subsolo. Além do mais, era uma área muito aberta. Logo ao lado do mercado tinha a ponte da Freguesia do Ó e seus escombros que antes ligavam o bairro da zona norte com a Lapa.

_ A gente tem que ir num mercado menor - Júlia pareceu ler seus pensamentos.

_ É, tem razão. Eu não me lembro de nenhum por aqui… - coçava a cabeça, pensando.

_ Tem um na Itaberaba, lá em cima - ela apontou - com entrada para a avenida. Deve ser fácil encostar na frente e entrar.

Ligando novamente o carro, os dois atravessaram a Avenida Inajar de Souza e seguiram na contramão até a Avenida Itaberaba, importante eixo de circulação do bairro. Leonardo seguiu por ruas paralelas, temendo encontrar zumbis ou forças federais. Quando entraram na avenida de fato, já perto do mercado que Júlia mencionara, viram um cenário de guerra. Barricadas tinham sido montadas na porta do supermercado. As grades estavam no chão, retorcidas. Carros virados nas calçadas, lojas pegando fogo. Sangue manchando o asfalto e pessoas mortas baleadas no estacionamento de uma loja. Analisando a entrada do mercado, Leonardo viu que ele estava escuro. Tinha muito lixo na porta, que estava escancarada. Alguém já passara por ali e a cena de desordem passava muita insegurança. Não entraria naquele lugar.

_ Valeu a tentativa - ele disse - a gente não tem escolha, tem que ser lá mesmo.

_ Mas e se tiver daquelas coisas lá dentro?

_ Se a gente não arriscar, Júlia, não tem como a gente sair da cidade.

Fazendo a volta, eles continuaram pela avenida que conduziria de volta à Nossa Senhora do Ó, o ponto de partida. Mas quando já estavam perto da descida, Leo parou, deu marcha ré e parou para observar a delegacia do bairro. Portas abertas, muita bagunça no interior, corpos estirados na entrada e no estacionamento, barricadas com sacos de areia nos acessos laterais e um jipe militar virado do avesso na calçada.

_ O que foi?

_ Armas. Preciso de armas e munição. Fica aqui.

Antes de tentar protestar, Leonardo já estava lá fora, fuzil apontado para frente, passos cautelosos para o interior. Ele a trancou dentro da Blazer e mesmo que pudesse, Júlia não gostaria de estar do lado de fora. E se tivesse daquelas coisas lá dentro?

A delegacia tinha cheiro de podridão. Era até difícil de respirar. Com passos precisos, acostumado a lidar com situações de crise, Leo sabia que havia um armário de armas cuja chave ficava com o delegado, para o caso de invasões ou de operações. Tudo o que pudesse pegar para se defender, seria bem vindo. Papéis, canetas, computadores, tudo no chão. O cheiro ficou mais forte. Na sala do delegado, o mesmo estava em sua cadeira, cabeça jogada para trás, uma grande mancha de sangue na parede, resultado do tiro que ele mesmo deu. Entrando na sala, Leonardo recolheu a pistola caída no chão e munição na gaveta que vasculhou. Na sala dos investigadores, mais bagunça e corpos. Marcas de tiros na parede. Uma grande mancha de sangue marcava o piso frio, já pastoso e coagulado. O armário do arsenal estava no fundo, ainda fechado. Recolhendo todas as pistolas dos investigadores no chão, ele seguiu até o final da sala. Foi então que sentiu agarrarem seu pé. Um daqueles malditos, um dos investigadores mortos, tentava morder sua canela, mas o coturno grosso não deixava. Leonardo mirou e atirou, virando o rosto para não receber respingos de sangue.

O armário estava com um cadeado, mas com a coronha do fuzil, ele foi arrebentado. Dozes, pistolas semiautomáticas, fuzis, muita munição. Com uma sacola grande que era de um dos mortos, Leonardo tirou as roupas de dentro e encheu com o armamento pesado que seria essencial nos dias que viriam. Um grunhido sombrio o fez mirar o fuzil para a porta. Um policial militar entrava arrastando uma perna atingida por um tiro. Faltavam alguns dedos em sua mão podre. Ele vinha caminhando enquanto Leo o observava. Na mão esquerda, uma aliança. O que será que tinha acontecido com sua família? Um tiro do fuzil o colocou no chão para sempre. Com a bolsa no ombro, ele refez o caminho para a rua quando ouviu o grito agudo de Júlia, abafado pelos vidros da Blazer. Dois zumbis batiam os punhos na tentativa de entrar. Assustada, ela gritava encolhida no banco de trás entre as mochilas. Um seguido do outro, dois disparos os colocaram no chão. Ele estava de volta, finalmente.

_ Tinha mais deles lá dentro? - ela voltava para frente.

_ Tinha - ligou o carro e seguiu e em diante - Mas consegui mais armas.

O horizonte estava escurecendo, nuvens pesadas de chuva se aproximavam da cidade. Mais daquelas coisas apareciam pelas ruas, seguindo o barulho dos disparos.

_ Mas e quanto ao mercado, como a gente vai entrar?

_ Eu vi uma entrada lateral quando a gente passou do lado dele. Ela dá pra rua. Vou colocar o carro com o porta-malas de frente pra porta. Você entra comigo. Enquanto você pega as coisas, eu vigio.

Cinco minutos mais tarde, Leonardo manobrou a Blazer, engatou a ré e observou as portas de vidro do grande supermercado. Os quatro degraus da entrada não seriam problema. O carro acendeu os faróis traseiros e rapidamente subiu a pequena escada num tranco, parando logo depois com a puxada no freio de mão. Perfeito. As portas de vidro estavam até aber-

tas. Mas Leonardo percebeu que ali também era acesso de quem vinha do estacionamento do subsolo. Possivelmente tinha daqueles cretinos lá embaixo, na penumbra da construção.

_ A gente vai ter que ser rápido. Seguinte - ele a olhou como se falasse a um policial novato - Água, comida pronta enlatada, coisa que demora pra estragar, tá ouvindo? Pega essas barrinhas de cereal. Lá dentro de uma farmácia também, não tem?

_ Tem.

_ Pega remédios, coisa pra primeiros socorros.

Voltando a pôr o fuzil em posição preso ao colete, Leonardo saiu e Júlia o seguiu, sem a mínima vontade de entrar naquele mercado e dar de cara com aquele monte de zumbis. As portas que davam acesso ao estacionamento estavam fechadas, mas não trancadas. Mexendo nos bolsos, ele achou seu molho de chaves e analisou várias delas. Parou quando achou uma que queria, toda preta, com o brasão da polícia civil. Ele enfiou no buraco da fechadura e a porta trancou. Júlia não acreditou no que via. Era uma chave mestra e com ela todas as portas que davam para o estacionamento foram trancadas, deixando-os em segurança. Dando uma piscada, Leonardo passou em frente e subiu as rampas de acesso ao mercado. Indo atrás, viu como ele mirava locais em busca daqueles monstros. Grandes janelas jogavam a luz natural de fora para dentro e, portanto estava claro como um dia ensolarado. Havia sinais de saques em alguns lugares e havia marcas de tiros e sangue em algumas das prateleiras. Suco que tinha sido alvejado pingava no chão. Carrinhos estavam virados com produtos dentro. Dinheiro e cartões espalhados perto dos caixas.

_ Vai - ele murmurou.

Correndo, Júlia pegou um carrinho e passou para as sessões de comida enlatada. Leonardo a seguia alguns passos atrás, verificando os espaços

entre as gôndolas, à procura de ameaças. Nada até ali. Carne, vegetais em conserva, vidros de palmito, frutas, tudo o que estivesse conservado em latas caiu ruidosamente dentro do carrinho. Nada que precisava de cozimento ou aquecimento seria útil. Percebendo que teria problemas para carregar, astutamente, ela colocou caixas de papelão dentro do carrinho, assim poderiam colocar no carro. Quando já não tinha mais espaço para nada, os dois desceram, carregaram o porta-malas e voltaram. Água, Júlia procurou por água. Conseguiu encher mais um carrinho. Repetiram o mesmo procedimento. Barras de cereal, caixas de suco e de leite, tudo o que fosse longa vida foi para o carro do mesmo jeito. No setor automotivo, Leonardo buscou por estepes para a Blazer, óleo de motor, um macaco novo e no setor de cama mesa e banho, Júlia pegou cobertores, edredons e toalhas de banho. Em breve o inverno chegaria e eles precisariam de aquecimento. Até desodorantes ela se preocupou em pegar, como se estivesse a caminho de um longo acampamento. Leonardo, do seu lado, olhava para umas roupas masculinas penduradas nos cabides, quando ouviu um barulho. Parecia de uma porta se batendo com o vento.

_ Chega, vamos descer - puxou o cotovelo dela - Vai pra rampa e desce, eu vou ver o que é.

Sem protestar, Júlia empurrou o carrinho e vendo que lá embaixo estava livre, ela desceu e começou a jogar as últimas coisas que tinha pegado no banco de trás da Blazer. Mal daria para se olhar pelo retrovisor central, pois estava até em cima, por sua vez estavam bem abastecidos. A avenida estava vazia e um vento de chuva se aproximava agitando a franja do seu cabelo.

Apoiando o fuzil no ombro e deixando o dedo no gatilho, Leonardo foi passo após passo até a origem do ruído que o deixou alerta. Era mesmo uma porta de plástico batendo, daquelas que leva até o depósito do mercado. Tomando distância, ele contornou uma mesa de demonstração e olhou para o fundo. Estava escuro, mas o som baixo que ouviu era fácil de distinguir. Viu movimento na penumbra do ambiente e sabia. Eles estavam lá. Melhor ir embora sem fazer barulho. Um trovão o assustou. A chuva estava chegando e Júlia já estava dentro do carro, esperando. De

repente, ela ouviu um tiro.

Leonardo disparou contra um zumbi que apareceu atrás do balcão de carnes. Sem conseguir erguer a cabeça por causa da luz, ele vinha aos tropeços da direção de Leo que atirou. Antes de atirar, ele observou aquele pobre diabo. Teria ainda memórias deslocadas na sua mente tomada por uma maldição viral? Achava que não. O olhar de uma pessoa é tudo o que você precisa saber sobre ela, pois ali não há barreiras. Olhando para aquelas criaturas, o que havia de humano se esvaiu por completo.

Todo o mercado ecoou o disparo e aqueles que estavam ocultos na sombra do depósito começaram a sair, incomodados com a luz forte acima de suas cabeças. Correndo, ele seguiu pela rampa abaixo e trancou as portas. Viu um deles, mais rápido que os outros, descer e se bater contra o vidro, querendo sair. Leo não conseguiu evitar e se lembrou da irmã. Será que ela era uma daquelas coisas? Era um açougueiro do mercado, marcas de mordidas pelos braços e pescoço, um olho faltava. A órbita vazia o encarava do outro lado do vidro.

Dando as costas, ele soltou o fuzil do colete e entrou no carro. A rua continuava vazia. Deu a partida, desceu os degraus e se afastou do mercado sem olhar para trás. A chuva tinha começado a cair sobre a cidade fantasma com a violência de sempre. Focos de incêndio eram apagados pela água que caiu como uma maldição, pois escureceu o dia e alguns zumbis começaram a sair de suas tocas, perambulando pelas ruas com a água.

Júlia se encolheu no banco e fechou os olhos, não querendo ver aqueles rostos sem expressão, os olhos sem vida, o sangue marcando o chão. A sombra se mexendo na luz refletida na parede... Nunca se livraria destas imagens, nunca pensaria em outra coisa. Leo a observou de onde estava, sabendo que ela padecia de uma dor semelhante, a de perder alguém querido. O silêncio, o sacolejar do veículo e o barulho da chuva na lataria acabaram fazendo com que pegasse no sono depois de um tempo. Não perguntou para Leonardo qual era seu plano, pois afinal, ele também não sabia. Acreditava que ele faria o que fosse melhor.

Júlia sentiu que o véu do sono lhe caiu pesadamente, pois acordou por sentir-se desconfortável. Estava encostada de uma maneira pouco ergonômica no banco do passageiro e sentia a boca seca. O sol raiava firme no horizonte. Seu relógio marcava duas da tarde, apesar de achar que ele estava um pouco atrasado. A Blazer estava parada. Leonardo não estava no banco do motorista. Então ela despertou de vez. Olhando em volta via que estava numa área descampada, com uma estrada de terra terminando onde estavam. Todo o chão era coberto por pedriscos e havia uma abundante mata ao redor. Marcas profundas de pneus sulcavam a terra. Por que estavam parados? Nem o fuzil estava lá dentro, então Leonardo estava do lado de fora.

Abrindo a porta e descendo, Júlia sentia sua perna direita formigando pelo tempo em que esteve adormecida em tão má posição. Olhou em volta e levou um susto ao ver pernas estiradas nos pedriscos. Não era Leonardo, era um daqueles malditos zumbis, com a cabeça estilhaçada pelo tiro do fuzil de Leonardo, cujo sangue se esvaiu cobrindo uma grande área de escarlate. O estômago deu uma revirada, mas com menos intensidade que antes. Mais à frente, numa pedra, Leonardo estava lá em pé, seu fuzil nas costas. Ele olhava o horizonte em silêncio, sem praticamente se mexer. Alguma coisa tinha acontecido.

Júlia caminhou até ele, de olho nos arredores. De uma maneira estranha, ver corpos e sangue já não conseguia produzir o mesmo efeito de antes. Acostumando-se à tragédia, muito possivelmente. Impossível não perceber que alguém caminhava pelo barulho dos pedriscos na sola de seu tênis, mas Leonardo nem se moveu. Ela escalou a pedra onde o policial estava e então viu porque sua observação era tão severa. Era o braço de um rio, mato ciliar alta nas duas margens. Dentro dele um caminhão baú com as portas traseiras abertas. Dezenas de corpos em sacos pretos de necrotério boiavam, sendo levados pela correnteza. Alguns se mexiam, mostrando que havia gente ou zumbis lá dentro. Corpos amarrados em mortalhas de hospital iam embora com a corrente, algumas se mexendo. Olhando para trás, Júlia conseguiu ver o trajeto do caminhão. Alguma

coisa aconteceu ao motorista, o caminhão ficou desgovernado e voou para dentro do rio, ficando parcialmente submerso e encalhado. As portas se abriram ou foram abertas e os corpos começaram a boiar. Alguns morreram afogados, outros simplesmente não conseguiam sair dos sacos pretos e mortalhas. Mas por que ali? Era uma área muito afastada de qualquer centro de triagem ou local de quarentena. Leonardo também tinha percebido isso. Era só olhar à esquerda e ver um grosso rolo de fumaça subir. Provavelmente, era um necrotério improvisado do governo.

Como se estivesse cansado de ver aquilo, Leonardo desceu respirando fundo o ar ainda salutar do local. Júlia o viu pegar o corpo do zumbi e jogar no rio. Ele então voltou para o carro, abriu o porta-malas e abriu uma garrafa de água dando vários goles. Apesar de parecer lidar com a situação, ela acreditava que Leo estava frustrado por se ver inerte diante da situação complicada em que estavam. Como policial treinado para lidar com esse tipo de situações de crise, se ver inerte diante do problema o frustrava até o talo. Júlia andou novamente até ele, pensando no que dizer, colocando as mãos no bolso frontal do agasalho.

_ Leonardo…

_ Rio Juqueri - ele disse rapidamente, para evitar outros tipos de pergunta - Esse é um dos braços dele. Não sei quanto a você, mas eu estou com fome.

Montaram um pequeno piquenique próximo à pedra grande do terreno. Assim ficavam de frente para a estrada e para as outras direções de onde podiam vir aquelas coisas. Sem cerimônia, eles comeram frutas secas, barras de cereal e alguns chocolates. Tinham bastante comida ali, além de água e suco, mas teriam que racionar se não encontrassem um lugar seguro para ficar. Comeram em silêncio, nada tinham a dizer por enquanto, cada um com seus demônios particulares, cada um enfrentando sua dor e sua perda, sem muita perspectiva. Júlia olhou de novo para o rolo de fumaça no horizonte. Parecia bem longe deles, mas era visível contra o céu azul.

_ Isso aí é na Fernão Dias. Tive que procurar estradas alternativas pra evitar as grandes rodovias e os possíveis bloqueios. Essa fumaça é de um dos bloqueios. Teve uma explosão um pouco antes de você acordar. A fornalha deve ter sobrecarregado - disse com certa ironia.

_ O que será que tá acontecendo?

Ele terminou de raspar uma lata de milho em conserva com um garfinho de plástico e mostrou a ela um rádio como aqueles que a polícia tem em suas viaturas. Estava pendurado em seu cinto, com o fone preso em velcro no ombro.

_ Funciona? - ela pareceu esperançosa.

_ Consegui pegar uma transmissão de um rádio amador. Ele disse que o governo de São Paulo caiu. O governador e todo o seu gabinete. O governo federal mandou fechar todas as fronteiras internacionais e estaduais. As forças armadas e a polícia têm ordem de atirar em qualquer um fora das zonas de segurança pra onde as pessoas saudáveis foram evacuadas. Ou seja, na gente - ele abriu um chocolate e começou a comer - Aviões da Cruz Vermelha chegaram em Viracopos com suprimentos médicos e sacos de necrotério... mas não acho que serão de grande utilidade.

_ Leonardo, não podemos ficar aqui fora.

_ Você acha que esses centros de segurança vão durar? - seu olhar era firme - Acha mesmo que todo mundo que está lá não corre o risco de virar uma dessas coisas? Eu vi isso acontecer com a minha equipe. Eles ficaram com medo de ser executados pelos próprios amigos e escondiam as feridas. Quando a gente via, era tarde demais. Aqueles que tiveram a decência de dar um tiro na cabeça pouparam o nosso esforço! Então não me venha com o seu papinho de que a vida é uma merda, lindinha, pois enquanto você estava na facul com seus amigos, eu atirava na cabeça de um monte de cretino como esses! - ele se levantou furioso, apontando para o rio repleto de corpos.

Júlia sentiu seu sangue ferver. Nunca ligava muito para o que os outros diziam, mas não tolerava que a confundissem com uma patricinha.

_ Não grita comigo não, seu otário, quem você pensa que é?! - ela se levantou também - Tá achando que eu sou uma dessas patricinhas que vai pra facul e depois sai pra curtir com os amigos?! Eu tinha que sustentar uma casa com mãe desempregada, vó doente, ainda tinha que estudar, trabalhar até dez da noite e levantar de madrugada! Tinha que ficar contando moeda pra comer salgado no centro da cidade porque não tinha dinheiro pra almoçar! Tinha roupas usadas das minhas vizinhas riquinhas e ia pra aula com roupa rasgada! Acha que só você deu duro pra tentar ser alguém?! Não! Então vai se foder, seu cretino!

Irada, sentindo o corpo tremer e lágrimas descendo, ela saiu andando, tentando se distanciar dele, ou continuaria a soltar impropérios. Ela só parou quando um tiro a deixou imóvel no lugar. Um daqueles zumbis ouviu a discussão e saiu da mata em sua direção. Júlia não o viu enquanto andava rápido enxugando as lágrimas e olhando para o chão, mas Leonardo foi rápido em sacar a pistola no coldre da sua perna e acertou a cabeça do safado, que tombou como um saco de areia. Sentindo o coração martelando no peito, Júlia precisou se abaixar um instante, pois pensou que fosse desmaiar ao ver o que quase a atacou.

Arrependido pelas palavras contundentes, talvez saturado de toda aquela merda de situação, ele guardou sua arma e foi até ela. Segurou em seus ombros e a levantou.

_ Me desculpe. Eu não devia ter dito aquilo. Eu… - hesitou - Só não sei o que fazer pra ajudar a nós dois. Você tem razão, a gente não pode ficar assim.

_ Eu… não devia ter dito…

_ Devia sim - ele a interrompeu - Eu exagerei. Me desculpe.

_ Se você acredita que esses centros são perigosos…

_ E acho que são mesmo. Mas aqui fora também é. Vai ter gente saqueando casas, até matando pra ter combustível e água. Não podemos sair do estado por enquanto. Quanto mais longe das cidades a gente ficar, melhor.

_ Pra onde quer ir então?

Era nisso que ele pensava desde que viu a explosão do bloqueio algum tempo atrás. Locais longe dos grandes centros urbanos eram bons lugares para começar. O litoral norte e a baixada santista estavam fora de cogitação. Ele sabia que Santos foi a primeira cidade a entrar em quarentena no estado inteiro por causa do porto. A Ilha de São Vicente tinha barcos da Marinha prontos para atirar em quem tentasse sair. Em seguida foi toda a baixada e o litoral norte. O litoral sul, por ser mais isolado e de difícil acesso, talvez não tivesse tantos casos. Mesmo assim, a faixa de areia do litoral de todo o país seria um corredor perfeito para a doença se espalhar. Eles tinham que seguir para locais bem isolados, cujo acesso era por estradas secundárias e de terra. Não podiam ficar parados.

_ O cara do rádio disse que as zonas de segurança estão próximas às estradas principais que levam a São Paulo - ele voltou para o carro e abriu um mapa no capô - A Dutra foi destruída em vários trechos porque o Rio inteiro, todo o estado, estava em quarentena bem antes que a gente. Tem tropas federais nos pedágios. Acho que o sul do estado pode ser uma boa, pouco urbanizado, quase todo ele protegido por lei ambiental. Tirando a Régis, que é a grande estrada federal da área, tem muita estradinha secundária que a gente pode usar.

_ Mas são pelo menos umas seis horas de viagem até lá. E ainda temos que cortar a Bandeirantes e a Anhanguera no caminho - ela apontou.

_ Duvido que tenha muitas tropas pela área, pois eles destruíram parte da alça de acesso da Anhanguera. A gente vai ter que desviar um pouco pra depois ir pro sul, aí sim a gente vai ter mais segurança. Mas antes você vai ter que aprender algumas coisas.

_ Eu? Por quê? - ela perguntou confusa.

_ Porque nem sempre eu vou estar por perto e você vai ter que usar uma arma pra se defender, querendo ou não.

Isso a pegou de surpresa. Ainda processava a informação enquanto ele colocava umas latas vazias no alto de uma pedra para serem os alvos.

_ Ma-mas… eu nunca peguei numa arma antes.

_ Chegou o seu dia - ele voltava com uma pistola na mão, um pouco diferente da que estava em seu coldre lateral - Eu também nunca tinha manuseado uma arma até ir para o Exército.

_ Isso não é uma boa ideia…

_ Deixa de ser medrosa. Te apresento a Taurus PT, ponto 40 - ele a segurava no nível de seus olhos - Fabricação nacional. Semiautomática, pente de 11 tiros, uma na agulha. Pesada e letal, tem um ótimo alcance. Mirar na cabeça não é algo simples. Tem que ter prática. Mas se você conseguir atingir algo como a perna, ou até perto do joelho, seja gente ou seja zumbi, você consegue derrubar o cretino. Segura - virou a arma com a coronha livre e colocou na mão direita de Júlia que a achou pesada e fria - Afasta um pouco as pernas - ele separou seus pés com a ponta do seu coturno preto - Consegue ver as latas?

_ Consigo - disse insegura.

_ Quando você dispara uma arma, o recuo pode assustar um pouco. Depois você se acostuma. Eu tenho bastante munição pra ela, mas não se acostuma, só atire se precisar.

_ Ah, Leonardo, isso…

_ Shiih!, não reclama. Olha pro alvo, ergue o braço e apoia sua mão esquerda embaixo da direita, pra dar sustentação e tentar barrar um pouco o recuo. Dobra um pouco o esquerdo pra ficar mais confortável. Você vai reparar que tem uma mira na ponta, tá vendo aqui? - ele mostrou uma pequena ponta de metal no final do canto.

_ Já vi.

_ Dedo no gatilho, olho na mira, pode atirar.

Júlia achou que seria difícil fazer aquilo disparar. Mas o gatilho recuou com tanta facilidade, que ela praticamente não fez força alguma. Conseguiu disparar e apesar de não acertar a lata, seu tiro acertou embaixo, tirando lascas da pedra. O recuo, por sua vez, a pegou de surpresa. Deu até um passo para trás para não cair.

_ Pra quem nunca atirou, seu primeiro disparo foi melhor que o meu - Júlia ouviu sem acreditar em nenhuma palavra - De novo, vai lá.

Mais uma vez, Júlia desceu o dedo no gatilho e disparou. Novamente, acertou a pedra. O recuo pareceu menor dessa vez. No quinto tiro, sucesso. A lata saiu voando na direção do rio. E ele tinha razão, o recuo era forte, mas depois do primeiro, se acostumou com o tranco.

O grunhindo típico, o qual não gostavam de ouvir, foi ouvido junto de um farfalhar na mata atrás deles. Dois zumbis os observavam de lá, não querendo sair da penumbra das árvores por causa do sol forte que brilhava. Mas era possível ver seus rostos sem expressão definida. Um dele estava com as orelhas comidas e um olho faltando. O lábio inferior do outro era inexistente. Atirar contra uma lata era fácil. Mas ter uma mira humana, era outra história. Leonardo a observou para ver qual seria sua reação. Mas Júlia estava imóvel, com os olhos colados nas criaturas, a arma em punho e tremendo. Provavelmente os dois zumbis vagavam pela mata, sem lembranças, apenas instinto e ouviram os tiros. Enquanto o sol estivesse sobre suas cabeças ambos estariam seguros, mas não podiam deixá-los ali.

_ Vai conseguir? - ele a observava.

Sentindo o coração acelerar ainda mais no peito, ela ergueu a arma do jeito que ele lhe ensinara. Viu quando a cabeça do zumbi se alinhou com

a mira da .40. Puxou o gatilho e disparou. O zumbi caiu de costas, deixando o companheiro furioso, se remexendo inquieto no mato alto. Pela expressão dela, foi uma decisão difícil de tomar. Sabendo que não era algo prazeroso de se fazer, ele puxou seu fuzil para frente e acabou com o outro, que desapareceu atrás das folhagens.

_ Júlia, olha pra mim - e ela obedeceu, mostrando os olhos cheios de lágrimas - Não são pessoas. São bichos. São predadores. E somos nós as presas. Você fez isso pra sobreviver. Se você pensar em todo mundo que virou essas coisas antes de atirar, vai ficar igual a eles.

Mas não mudava o fato de que ela tinha atirado na cabeça de um deles. Bicho ou não, já fora uma pessoa, já teve pensamentos e sonhos, errou e acertou na vida. Júlia ainda tentou devolver a arma, mas Leo insistiu, era dela, andaria armada o tempo todo a partir de agora.

Logo iria escurecer, portanto, entraram no carro e Leonardo tratou de achar um lugar alto para poderem passar a noite. Viajar de noite não era uma boa ideia. Podia até acontecer algum acidente e eles se dariam mal. Felizmente, ali perto, eles avistaram o que deveria ser um sítio, muito bem cuidado. A casa, infelizmente, era inabitável, pois tinha pegado fogo, mas no alto de um morro, o dono construíra um quiosque com uma churrasqueira e uma piscina. Para chegar lá era preciso subir uma escada e abrir um portão baixo que fazia muito barulho. O carro ficou estacionado ao lado da escada e daquela altura eles podiam avistar todo o vale do rio Juqueri lá embaixo. Um lugar suficientemente seguro e calmo para poderem comer e descansar.

Pegando um monte de latas que estavam em caixas no porta-malas, Leonardo achou uma panela limpa no quiosque e fez uma gororoba em alguns minutos com verduras e carne em conserva. Tinha até cogumelos. Um jantar bem vindo, com um pouco de suco de caixinha. Júlia apenas observava, agradecendo por não ter que cozinhar. Não sabia fazer isso nem para salvar a própria vida.

_ Onde aprendeu isso? - ela observava, curiosa, o modo cuidadoso com o qual ele colocava a comida em pratos que estavam no quiosque.

_ Exército Brasileiro - ele riu - Servi por dois anos antes de ir para a faculdade.

_ O que você fez? - ficou surpresa.

_ Sou biólogo. Bom… sou formado em Biologia. Enfim. Dei aula um tempo, trabalhei como estagiário em Sorocaba, mas me mudei pra São Paulo quando passei no concurso da polícia civil.

_ Quantos anos você tem?

_ Quantos eu pareço ter? - perguntou com um tom irônico.

_ Ah, sei lá… 28, 29?

_ Puxa, valeu - ele sorriu - Mas são 35 primaveras.

_ Sério? - ela retorquiu - Puxa, não parece.

_ Eu tinha quase dez anos de polícia - falou com a cabeça baixa - Não era uma vida fácil, mas eu curtia.

Foi uma noite agradável em um mundo cuja segurança estava perdida. Puderam comer e conversar sem correrem o risco de serem surpreendidos por algum zumbi que vagueava pela região. Falaram de qualquer coisa fora da realidade suja onde estavam. Falaram dos filmes favoritos, das séries de televisão, dos livros. Júlia foi a primeira a dormir. Leonardo ainda ficou de olho por um bom tempo, com o seu fuzil à mão, ao lado do portão que levava ao ponto alto da propriedade, acompanhado de uma garrafa de vodca que pegou no mercado e escondeu nos suprimentos. Mas enfim o sono o abateu também. Os cobertores e edredons que Júlia pegou no mercado foram a melhor cama que eles puderam ter. Ela embaixo do quiosque, ele quase sentado ao lado do portão. E foi um sono sem surpresas, apenas eles e a noite fria e estrelada.

Capítulo 5

Com o sol da manhã no rosto, Leonardo acordou dolorido por ter dormido encostado à grade do deck da piscina. Seu relógio marcava sete da manhã. Um ar frio da madrugada ainda pairava sobre os morros do vale do Juqueri, mas o sol brilharia com força mais tarde. Júlia estava quase invisível sobre a montanha de edredom com cobertores e a única parte visível era a cabeça e tufos de cabelo. Ele estava cansado, queria poder dormir numa cama e ter uma boa refeição. Mas um banho já resolveria seus problemas por ora. Olhando para a piscina que, apesar de ter algumas folhas e gravetos flutuando estava limpa, Leonardo pensou num banho matinal gelado para despertar. Lembrou-se do Exército e das vezes em que precisou nadar em rios congelantes em treinamentos na serra. Aquilo seria suave.

Rodou todo o quiosque olhando ao redor. Lá embaixo, no carro, tudo vazio. Nada se mexia em volta. Sinais de fumaça negra no horizonte, longe deles. Tudo calmo por enquanto. Em um canto isolado da piscina, ele se desequipou e tirou a roupa. O sol e o vento na pele foram bem vindos. Entrou em silêncio na água fria, murmurando impropérios e xingando a terrível sensação de ser envolvido por gelo puro.

Júlia sentiu o sol batendo em seu rosto. Acordando de um sonho sem sonhos, respirou fundo o ar gelado da manhã e ouviu o barulho de água. Não se lembrava de estar na praia. Quando se virou, viu que Leonardo nadava na piscina de tamanho razoável. Era uma manhã bem fria. Mas ele parecia não se importar. Dava longas braçadas, indo e voltando, indo e voltando, com grande habilidade. Como ele conseguia, ela nem podia imaginar. Mas seus olhos ficaram grudados quando Leo apoiou as mãos na beira da piscina e num impulso pulou para a parte seca. Era um corpo atlético, muito bem cuidado. Ainda tinha marca de uma sunga, deixando suas nádegas brancas. Tinha um dragão negro de olhar feroz e fumaça saindo pelas ventas tatuado na omoplata esquerda, um arame farpado

abraçando todo o seu bíceps esquerdo e o tigre branco, símbolo do GOE tatuado no ombro direito. Taí uma coisa que não se via todos os dias, ainda mais molhado. Júlia pareceu perder os pensamentos por um instante, enquanto apenas o via sacudir o corpo, tirando o excesso de água para terminar de se enxugar. Voltando à posição original, ela esperava não ser pega no flagra e fingiu continuar dormindo. Só ouviu o portão fechando o mais silenciosamente possível quando ele desceu para trocar de roupa.

Assim que Leonardo voltou com alguns bolinhos e suco para o café da manhã, a viu de pé bocejando e procurando calçar os tênis.

_ Ei, bom dia.

_ Bom dia… - ela resmungou, vendo que ele já estava completamente vestido, jeans, tênis, camiseta do GOE e um agasalho preto por cima.

_ Café da manhã?

_ Ah, valeu. Onde você tomou banho? - ela viu seu cabelo molhado.

_ Na piscina, quer tentar? Só que tá gelada - falou de boca cheia de bolo.

Leonardo parecia tão bem disposto, que ela arriscaria um banho.

Após comerem, ele colocou as cobertas no carro e ficou lá embaixo esperando, com o fuzil de prontidão e recarregado, de vigia. Não ouviu grunhidos, nem o farfalhar de passos pela grama seca ao redor da casa, mas sabia que tinha mais daquelas coisas por ali. Ouviu o gritinho abafado de Júlia quando ela entrou na água e riu de lado com as reclamações dela. Era bom ter companhia. Sua ex-namorada e ex-noiva Rafaela não aguentou a rotina de um policial e o deixou quando ele entrou para o GOE e não retornou para Sorocaba como tinha prometido que faria. Deixou a única foto que ainda tinha dela na porta do seu guarda-roupa. Pensou na irmã Lilian, uma moça jovem, cheia de vida, feliz por ter entrado em Biologia na USP, que pegou uma doença maldita no campus que ela venerava e era melhor estar morta do que ser um zumbi. Seus pais... sem ter como saber se a família em Sorocaba estava bem, sentia um aperto no coração. A úl-

tima notícia que recebeu foi da mãe, avisando que eram levados para um campo de quarentena, onde seu pai já estava. O campo foi purgado algum tempo depois. Era muita coisa para pensar de uma vez. Leonardo sentiu o coração apertar por pensar nisso. Talvez tenha ficado em seu apartamento por ser a única coisa que tinha que mais se aproximava de uma casa.

Deixando tais pensamentos de lado ao ouvir Júlia resmungando lá em cima, ele puxou seu smartphone do bolso do moletom. Estranhamente tinha sinal. E quando tentou acessar a internet, ela entrou. Não acreditou no que via. Sinal de civilização, enfim. As notícias, no entanto, eram de um dia. Até os grandes jornais do país estavam desatualizados. A palavra em letras garrafais era EVACUAÇÃO em todos eles, por decreto federal. Imagens de conflitos nas ruas, rodovias detonadas e ruas entupidas cheias de carros com pessoas que tentaram fugir das cidades. Imensos crematórios ao ar livre com os zumbis já abatidos e pessoas que virariam zumbis sendo executadas pelas autoridades. Todos os aviões estavam no chão com ordens de Brasília para derrubar qualquer tipo de aeronave não autorizada. Tentativas desesperadas de conter uma doença que se espalhava mais rápido que o próprio medo dela.

Júlia descia as escadas secando o cabelo com uma toalha e o viu mexer no celular. Será que eram notícias? Pulou os últimos degraus e parou ao seu lado.

_ O que foi?

Ele mostrou a notícia estampada no jornal do dia anterior.

PANDEMIA – Não há vacina

O resto da reportagem falava da situação caótica das grandes cidades, da perda de controle do governo nas regiões metropolitanas e os civis que criaram grupos de extermínio, procurando por pessoas com sinais de infecção e executando zumbis pelas ruas. Pessoas sem treinamento médico

que matavam indiscriminadamente.

_ Está ouvindo? - Leonardo interrompeu sua leitura.

_ O que? - ela se preocupou.

_ Nada. Absolutamente nada.

Nem as folhas se moviam. O ar estava parado, nenhum passarinho cantava, não se ouvia o barulho do rio. Puro e mortal silêncio.

_ Vamos, a gente tem muita estrada pela frente.

Desconfiado, ele ainda olhou ao redor já com seu fuzil apontando para qualquer coisa que surgisse da mata. Mas nada. Entrou no carro e deixou a chácara sem vida para trás. Pegariam umas estradas de terra e algumas vicinais de menor tráfego até conseguirem seguir para o sul.

Enquanto seguiam pela estrada de saída da chácara, bem irregular e com pedriscos, os instintos de policial diziam que tinha algo errado por aquelas bandas. Por isso, ele diminuiu a velocidade e quando uma área de sombra cobriu toda a área à frente, foi que ele viu. Um bando de zumbis rodando no lugar, gemendo, como se estivessem presos entre focos de luz e não pudessem sair. Tinha pelo menos uns quinze ali. Dando marcha ré o mais rápido que pode, ele manteve a Blazer parada sob o sol, enquanto pensava no que fazer.

_ Será que nos viram? - Júlia parecia assustada.

_ Acho que não… Não, não nos viram - olhava pelos retrovisores e para frente.

_ E agora?

Lembrando-se do caminho que fizera no dia anterior, ele bolou um jeito de saírem dali.

_ Sabe dirigir?

_ Sei, mas…

_ Eu vou sair.

_ O que? - sua voz subiu uma nota acima.

_ O terreno é irregular e tem muitos lá na frente. Não vai dar certo tentar passar com o carro. Eu vou pra mata, atiro neles e você dispara com o carro quando começar a ouvir os tiros - verificava munição e colocava uma mira no topo do fuzil.

_ Ah, não, Leo.

_ Relaxa. Júlia, confia, vai dar certo. Lá na frente, depois deles, a estrada faz uma curva pra esquerda e segue reto na direção de uma ponte de madeira. Eu te encontro lá.

Fechando a porta com cuidado, Leonardo se escondeu no meio da mata e desapareceu de vista. Júlia se sentiu desamparada, sentia as mãos geladas. Pegou num carro com 22 anos e depois nunca mais. A Blazer era grande, parecia pesada, continuava ligada, apenas esperando seu comando.

Correndo entre as folhagens, tentando não fazer barulho, Leonardo subiu numa árvore como um guepardo, com uma visão perfeita para o local onde os quinze zumbis estavam presos. Apoiou o fuzil da melhor maneira possível em seu ombro, já dolorido de tanto carregar aquele trambolho e mirou no primeiro. Um tiro de 762 faz um estrago imenso na saída. O tiro cruzou a cabeça do primeiro zumbi e a estourou quando saiu. O barulho os alertou. De onde estava Júlia conseguia ouvir os grunhidos e berros, quase como se estivessem desesperados. A imagem do zumbi morto por seu disparo no dia anterior voltou sem querer. Lembrar-se-ia daquele rosto para sempre.

Leonardo continuava o extermínio, mas viu que eles ficaram erráticos, entrando pela floresta, procurando sombra, pois o sol machucava seus olhos dilatados. Aqueles que vinham para seu lado, conseguiu detonar, mas o que foram para o sentido do rio, ele perdeu de vista. Ouviu o ronco do motor de sua Blazer e viu contente quando ela passou a toda velocidade pela sua frente.

Aquele carro parecia mais pesado do que um carro comum. Júlia mal conseguiu fazer a curva. Mas assim que avistou a ponte de madeira, respirou mais aliviada. Viu a figura de um homem logo a frente, mas quando chegou perto viu que não se parecia com Leo. E realmente não era, quando o homem atirou contra o carro. Para sua surpresa, o carro era blindado. No reflexo, ela soltou o volante, mas o pegou logo em seguida. O tiro acertou a parte superior do para-brisa e quase a matou de susto. Pisando firme no freio viu o homem se aproximar com uma pistola apontada para sua cabeça. A porta não estava trancada, por isso ele a abriu e puxou Júlia pelos cabelos para fora.

_ Sai daí! Sai daí, porra!

Caída no chão, ela o viu mexer nas coisas do porta-malas, nas caixas de comida. Fora de si, ele resmungava que estava salvo, que agora tinha uma chance de sobreviver, mas Júlia viu seu braço ensanguentado e mordido. Ele logo seria uma daquelas coisas. A .40 que Leo tinha lhe dado estava presa na cintura da calça, nas suas costas. Quando tentou pegar, sem saber se conseguiria disparar, o homem viu seu movimento. Arrancou a arma de sua mão. Puxou-a novamente pelo cabelo e bateu sua cabeça contra o capô da Blazer, várias vezes. O grunhido de fome e ausência de personalidade foi ouvido por perto. O homem se assustou e apontou a arma a esmo, buscando um alvo, enquanto Júlia escorregava para o chão, semiconsciente.

_ Desgraçados! Vocês não vão me pegar, ouviram, vocês não v…

O disparo certeiro de fuzil o derrubou no chão e ele sequer completou a frase. Mais um, mais outro, e zumbis surgiram da mata como que atraídos pelo barulho. Estavam se aproximando, sedentos, pois o sangue fresco que emanava do morto atiçava suas mentes primitivas e os deixavam alertas. Correndo até a ponte, Leonardo recarregou seu fuzil e viu Júlia se levantar aos tropeços, tentando se apoiar na porta aberta da Blazer. Um zumbi esticou o braço para tocar em suas costas assim que saiu da mata fechada, mas o tiro do fuzil o arremessou de volta para a penumbra.

_ Júlia! Entra no carro!

Ainda zonza, ela deu a volta e sentou no banco do passageiro, tropeçando nos próprios pés. Leonardo correu e entrou subitamente, seguindo com o carro o mais rápido que estrada irregular deixava.

_ Porra, de onde aquele merda surgiu?! - ele respirava fundo - Ei, olha pra mim? Tudo bem? Olha pra mim!

_ Tô bem, calma. Tudo bem.

_ Ele te machucou, te mordeu?

_ Não. Estou legal - massageava a testa com as mãos para tentar afastar a dor.

O jornal tinha razão. Era mesmo uma pandemia. Espalhando-se rápido, não encontrando barreiras. Como poderiam se manter vivos daquele jeito? Leonardo não admitiria nem sob tortura, mas estava com medo. Tinha medo o tempo todo.

Chacoalhando na Blazer por tanto tempo, Júlia sentia que ia desmaiar a qualquer momento. A cabeça rodava com tantos acontecimentos em tão pouco tempo. Sem contar que doía muito. Vendo que ela não estava bem, Leonardo resolveu parar e deixá-la respirar. Júlia saltou do carro e puxou fundo o ar úmido. A cabeça ia explodir a qualquer momento. Vomitando

todo o café da manhã, ela assim permaneceu no asfalto por um tempo. Seu nariz começou a sangrar e antes que percebesse, Leo lhe estendeu um comprimido de analgésico, uma garrafa de água e um pacote de lenços. Ela engoliu o analgésico sentindo o gosto férreo do sangue misturado à água e à bile, mas ainda tremia nervosa pelo ocorrido.

_ Calma, respira fundo… Deixa eu ver.

Leonardo segurou sua cabeça com gentileza e a inclinou para trás, pressionando seu nariz e contendo o sangue com lenços de papel. Ela chorava. Chorava como se tudo o que tinha vivido em tão poucos dias voltasse como uma avalanche, trazendo sentimentos contraditórios, de dor por quem morreu, de alegria por estar viva, por lembrar dos rostos das pessoas queridas que se foram.

Estavam longe do lugar onde pernoitaram. Era em campo aberto no que parecia uma plantação de cana. Era uma estrada vicinal mal sinalizada e esburacada que vinha servindo com um roteiro alternativo para não cruzarem com tropas federais. Assim que o sangramento parou, Leonardo a abraçou com força, sentindo-a soluçar com o choro convulsionado. Não podia culpá-la pelo pranto. Ele mesmo poderia estar neste estado. Quem era para julgar? Tudo o que podia fazer era mantê-los vivos. Não disse isso à ela, mas por pouco não a deixou no asfalto da Marginal. Corria de volta para o seu apartamento após perder a sua equipe, quando viu a explosão que também o lançou alguns centímetros no ar. Viu quando Júlia, mais próxima da ponte, voou para trás com a onda de choque e bateu violentamente a cabeça no chão. Não tinha intenção de carregar ninguém nos ombros. Algum sentimento de pena, ou de impotência o fez tirá-la de lá.

Júlia o apertou com força, querendo esconjurar os sentimentos ruins. Tinha medo de morrer, medo de não morrer e ficar como um daqueles zumbis, medo de ficar sozinha. Parecia que tudo estava ficando mais difícil. Encontrariam um pouco de paz naquele mundo virado de pernas para o ar? Leonardo precisava também daquele abraço, daquele calor perto de si. Estava vivo e isso era importante.

O farfalhar no canavial o deixou alerta. Tentou apurar os ouvidos e percebeu que algo vinha na direção deles.

_ Entra no carro - sussurrou em seu ouvido.

Sacando sua arma, ele deu a volta pela frente do veículo para entrar. Foi então que um dos zumbis saiu do canavial em sua direção, parte do rosto arrancado por uma mordida e seu crânio foi perfurado por um tiro. Outro veio do outro lado da estrada, mancando, sem um pedaço do pé. Num volteio rápido, Leonardo se esquivou, chutou o zumbi no estômago e assim que ele caiu, estilhaçou sua cabeça. Pelo aumento no farfalhar da cana e pelo cheiro ruim de carniça, mais estavam a caminho. Hora de sair dali.

Pelo retrovisor, ele viu meia dúzia sair da lavoura sem chances de tentar seguir o veículo. Estavam em todos os lugares?

_ Eu nunca te agradeci - Júlia murmurou.

_ O que? - ele não entendeu, pois estava de olho nos zumbis na estrada lá para trás.

_ Você me tirou da zona de perigo, tem me carregado sem ter obrigação… eu…

_ Para - seu olhar era de advertência - Tá? Para. Eu teria feito por qualquer outra pessoa, você não tem que me agradecer. É minha função, proteger e servir - falou com certa ironia e assumiu o tom sério - Mas você não tem que se sentir culpada por nada do que aconteceu nem pela situação atual. Nós dois estamos nessa, a gente tem é que pensar no que fazer agora.

_ Eles estão em toda parte, o que a gente pode fazer?

_ Ser otimista, por exemplo - foi num tom de bronca que Leonardo disse isso - Além do mais, nós estamos na região da Grande São Paulo, um dos lugares mais infectados do país, é lógico que eles vão estar por toda parte. A gente tem que se manter em movimento. Achar um lugar bem aberto, com bastante incidência de sol pra ficar seguro. Mas o que não me sai da cabeça é esse vírus, seja lá o que for - bateu com raiva a mão no volante.

_ Por quê?

_ Ele parece muito com a raiva. Ela afeta os mamíferos, mas só transforma seres humanos, é causada por um vírus e se instala e se multiplica nos nervos periféricos e depois no sistema nervoso central. O contágio pode ser por saliva, mordedura, feridas abertas, mucosas ou arranhões - Leonardo puxava as aulas da faculdade de volta - O sistema é o mesmo. Eles são agressivos, agem instintivamente. É muito similar. Só que nesse caso ele parece agir sobre o cérebro desativando as regiões do cérebro superior, mantendo só a parte primitiva. É como se transformasse o hospedeiro num predador. Pelo menos está restrito a humanos, não vi cães e gatos ainda com esse tipo de doença.

_ Só que raiva não tem cura, certo?

Ele a olhou com um olhar que não precisava de resposta. Depois que a pessoa é infectada com raiva, não há mais cura. O que se pode fazer é prevenir, por isso existe a vacina contra raiva e campanhas de vacinação de animais domésticos. No mundo todo, só houve um caso de cura contra a raiva, a de uma moça nos Estados Unidos, mordida por um morcego e que se curou.

_ Não é possível que ninguém saiba de nada - ele reclamou.

Num impulso, ele ligou o rádio. Somente estática em qualquer estação. Começava a se exasperar conforme os dias passavam e torcia para que Júlia nada percebesse. De repente, uma voz em meio ao chiado. Júlia tentou sintonizar direito enquanto ele dirigia procurando o fio de voz com palavras incompreensíveis que surgiram. Novamente, ela apareceu, ainda com estática, mas audível.

_ ... então, por favor, se você está sozinho, busque um lugar iluminado para se esconder. Saia das grandes cidades, procure auxílio em cidades pequenas do interior, aonde a doença ainda não chegou. Sim, tem lugares aonde ela não chegou, mas os militares estão bloqueando as estradas vicinais e grupos de milícias formados por policiais e por militares, isso mesmo que você ouviu, aqueles que deveriam guardar nossos direitos e

nos defender - falou com firmeza - estão saqueando casas, roubando carros e confiscando combustível com a desculpa de que é necessário para manter a ordem e a segurança. As zonas de segurança viraram campos de concentração, qualquer pessoa que apresente febre ou até convulsões, é executada na hora. Como eu sei disso, você deve tá se perguntando? - sua voz tinha urgência - Eu sou militar, eu era da 5ª Brigada Paraquedista do Exército, servindo no estado de São Paulo na tentativa de ajudar os cidadãos e o que aconteceu? Meus colegas, vendo a situação desesperadora que se instalou e sabendo que são os únicos armados e com condições de lidar com esses zumbis filhos da puta, se uniram. Não fica no caminho deles, procura um lugar pra se esconder. Não contem com o governo. Até dois dias atrás, antes que eu desertasse, nós não tínhamos contato com o governo federal nem com o ministério da defesa ou com o comando militar do sudeste. A gente tá por conta agora. Fiquem com Deus.

E chiado novamente. Parando o carro bruscamente, Leonardo saiu feito um foguete da Blazer, batendo a porta com violência. Começou a andar, afastando-se do veículo, com as mãos na cintura, cabeça baixa. Estava frustrado e sem esperanças, não importava o que dissesse. Júlia abriu a porta e desceu, com cuidado para não fazer barulho. Ele estava com raiva. Irado, puto, qualquer palavra servia para descrever seu rosto contorcido de ódio.

_ Isso é ótimo!

_ Leo, fala baixo, eles podem nos ouvir - Júlia olhava para todos os lados.

_ Com um sol desses, eu acho difícil.

_ A gente tem que continuar na estrada, volta pro carro.

_ Você ouviu o que o cara disse? Os militares controlam as rodovias.

_ A gente conseguiu evitar até agora. Quem foi que disse pra eu ter otimismo? - ela apontou o óbvio.

Isso calou o contra argumento dele. Detestava quando Júlia tinha razão

sobre coisas que ele próprio dissera.

_ Onde a gente tá agora?

_ Grande São Paulo ainda.

_ Então vamos logo. Tem muita estrada ruim pra gente pegar. Eu dirijo, você dorme um pouco - ela deu um sorriso para tentar animá-lo.

Foi uma boa oferta. Mesmo com medo de pôr Júlia no volante, ele logo apagou no banco do carona depois da noite mal dormida. As estradas vazias estavam mal cuidadas, pois eram aquelas pequenas estradinhas nos arredores das cidades. Mas havia um aparelho de GPS no painel do lado esquerdo do volante que conseguiu guiá-la muito bem, assim como Leonardo fazia. Conseguiu evitar as grandes rodovias e circulou sempre por estradas secundárias. Ela não queria parar, queria ir para longe, o máximo que pudesse, tentando deixar seus próprios demônios para trás. Se os militares estavam pelas estradas, eles provavelmente concentravam suas atenções na Dutra e na Fernão Dias, e como dirigiam em direção oposta, ela não viu zumbis ou milícias.

Depois de sete horas direto no volante, sentindo a bunda quadra e o estômago roncar, Júlia encostou e alongou os braços. O GPS indicava que estavam na área rural de Pilar do Sul. O tanque estava quase vazio e então ela parou em um posto de gasolina, fechado aparentemente. Mas as bombas funcionavam. Ela desceu, com a arma presa na cintura da calça, de olho em todos os lugares. Abrindo o tanque, começou a enchê-lo. Foi quando Leonardo acordou um pouco assustado, talvez por sentir que o veículo tinha parado. Abriu a porta e colocou as pernas para fora, procurando por Júlia.

_ Bom dia, policial - ela ironizou.

_ Ei… - pigarreou, limpou a garganta e continuou - problemas?

_ Não. Tudo calmo até agora.

_ A gente tá…? - ele não reconhecia o lugar.

_ Pilar do Sul, área rural. Já se foram sete horas. Você precisava dormir.

_ E preciso mijar também.

Enquanto ela terminava de encher o tanque, ele foi até o banheiro do posto. Limpo, por estranho que pareça e sem zumbis. Deu uma mijada longa, lavou as mãos e o rosto para acordar e olhou para si no espelho. A barba estava quase cobrindo toda a sua cara.

Quando saiu, Júlia tinha aberto o porta-malas e enchia os galões de combustível. Leonardo chegou procurando o que comer. Nada muito diferente do que vinham comendo. Abriu uma lata de salada de atum, que tinham em montes e comeu com gosto, acompanhada de água. Desse jeito, comendo atum, queijo e tomando água, ficaria pele e osso logo. Havia um cheiro de mato no ar. Cheiro de interior. Algum barulho apenas do vento nas árvores, cigarras e passarinhos ao longe.

_ Acha que a gente deve entrar na cidade? - ela perguntou de boca cheia.

_ Nem ferrando.

_ A gente vai precisar de suprimentos logo - olhou para as caixas de comida.

_ Essa cidade tem uns trinta mil habitantes. A gente não pode arriscar. Era pra gente estar mais longe.

_ Estradas secundárias e tantas voltas custam tempo.

_ Eu sei - ele não a culpava - mas a gente tem que ir mais longe.

Tiros ao longe ecoaram por toda a região. Só podiam significar uma coisa. Hora de dar no pé. Ainda comendo, ele assumiu a direção e continuaram o caminho pela pequena estrada que cortava plantações de feijão, uva e soja.

Conforme seguiam pela rodovia estadual, um tiro acertou a traseira da Blazer. Sorte o carro ser blindado, Leonardo o comprou num leilão de carros apreendidos pela polícia. Afundando o pé no acelerador, ele cortou caminho por vias de terra, cheias de pedriscos, na tentativa de escapar do que quer que fosse. Continuaram por mais umas duas horas nesta estrada, sacudindo, sem quase nada dizer, até que chegaram à uma outra estrada, asfaltada, mas que tinha grandes extensões de nada nas duas direções. Leonardo sabia que se virasse à direita, voltaria no sentido de Pilar do Sul. Então era melhor ir à esquerda. Mas em breve escureceria, eles estavam numa área muito remota e havia sinais de tiros e violência na cidade que deixaram para trás. Só podiam ver grandes extensões de terras até onde a vista alcançava.

Foi então que, um pouco recuado da estrada, uma pequena via de paralelepípedos levava a um motel, chamado L'Amour. Leonardo e Júlia se olharam com um sorriso irônico. Era uma placa que mal se via da estrada, de neon com fundo branco desbotado, com um coração rosa em cima de uma cama. Os muros eram bem altos, com grades nas janelas, provavelmente para impedir algum engraçadinho de fugir sem pagar. Lembrava de longe muros de um castelo medieval, pintado de branco e azul nas bordas. Mais segurança com rolos de arame farpado por toda a extensão. Era brega, mas parecia ser um bom lugar para passar a noite.

_ Espero que tenha hidro - Leo ironizou.

Devagar, Leonardo seguiu até a entrada. A cabine estava vazia, a porta fechada. Mas tinha eletricidade, pois ele tentou o pequeno abajur na mesa e acendeu. Procurando pelo botão certo, ele conseguiu acessar o portão, que se ergueu lentamente.

_ Fica aqui - pegou seu fuzil e bateu a porta da Blazer.

Lá dentro existiam vários quartos privativos, com garagens na frente para guardar os veículos. De fora ninguém diria que era tão grande. Deviam

ser no mínimo uns trinta quartos. A porta de saída, curiosamente não ficava ao lado da entrada, era do outro lado, à esquerda, com outra cabine, em outra via de paralelepípedos. Leonardo se demorou em investigar quarto por quarto, cujas portas ficavam abertas para limpeza e arrumação, verificou as cabines dos portões e a cozinha, a administração. Ninguém, nada. As portas de serviço estavam escancaradas para uma pequena rua de terra que servia de acesso nos fundos do motel, que Leonardo se encarregou de trancar. Elas tinham até uma barra de metal na parte de trás, provavelmente para evitar roubos. No vestiário dos funcionários, armários abertos, alguns papéis e roupas que ficaram para trás. Possivelmente, todos correram para ficar com suas famílias quando a quarentena começou. Pneus marcavam o asfalto do estacionamento ao lado da entrada dos funcionários.

Assim que se certificou que tudo estava trancado, Leo fez sinal para que ela entrasse. Assim que a Blazer passou, ele fechou o portão e o trancou, virando e trancando as chaves que o ligavam às paredes laterais.

_ Ninguém? - ela perguntou.

_ Nada. Eles foram embora, talvez quando a quarentena começou.

_ Acha que é seguro?

_ Estamos no meio do nada, quilômetros de distância de duas cidades no interior. Aposto que aqui fica bem escuro à noite, ninguém vai ver que tem movimento aqui.

_ E se tiverem a mesma ideia que a gente?

_ Não seja negativa, Júlia. A gente pode alugar os quartos - ele brincou.

As garagens em frente aos quartos também tinham um portão que fechava até o chão e tinham somente uma saída de ar em cima para sair o monóxido de carbono do escapamento. Cinco degraus levavam até a porta. Enquanto Leonardo se certificava de que as luzes automáticas não ligariam o letreiro com a escuridão, Júlia procurou um quarto para si.

Encontrou uma das suítes e quem diria, hidro e água quente no chuveiro. Tentou a televisão, mas estava tudo fora do ar, assim como o rádio. Nem o pornô automático da TV funcionava.

Assim que escureceu, Leonardo começou a fazer uma ronda, se certificando que todas as portas estavam de fato trancadas, bem como as janelas. O muro brega visto de fora parecia uma miniatura de um castelo. De dentro, tinha passagens que vinham da cozinha e da lavanderia, com vista para fora, interligando os quartos. Foi então que ele percebeu que estavam em um terreno alto, protegidos por árvores. Lá embaixo, num vale, era possível ver uma cidade, possivelmente a próxima do mapa, São Miguel Arcanjo. De posse de seu binóculo, ele conseguiu ver focos de incêndio, barreiras policiais, conseguiu ouvir tiros distantes. A doença tinha chegado ao interior. Conseguia ver uma correria na pequena cidade. Não saberia dizer se eram milícias chegando ou se era a população assustada fugindo.

Leonardo ficava de guarda todos os dias nos muros do anoitecer até as quatro da manhã, olhando para a estrada e para a cidade abaixo. Viu a confusão nas ruas da pequena e pacata cidade se tornar caos. Viu carros de polícia voando pelas estradas, pessoas fugindo e saqueando mercados, pessoas armadas com foices, facas, tudo o que pudesse protegê-las. Volta e meia algum carro em alta velocidade passava pela estrada acima do motel. Viu os zumbis entrando na escola onde tinham refugiados. Crianças, pais, professores e funcionários. Ele conseguiu programar as luzes dos muros para acender com o movimento. Assim, se algum zumbi se aproximasse, o holofote acenderia e seus olhos não tolerariam, por causa das pupilas dilatadas. Era uma medida de segurança, mas esperava não atrair mais pessoas para lá. Queria que pensassem que fosse um sistema automático. No entanto, alguém poderia pensar que ali seria um lugar seguro e tentar buscar refúgio. Eram muitos se…

O motel tinha um bom estoque de comida nos freezers, mas era muito difícil saber até quando a eletricidade duraria. Tinham bebida à vontade, que Júlia não via com bons olhos. Nos primeiros dias, Leonardo parecia

otimista, bem disposto. Começou a ensiná-la como atirar com todas as armas que tinham, inclusive aquelas da delegacia. Ensinou técnicas de defesa pessoal com o que tivesse a mão, até cabos de vassoura. Era um pouco cansativo no início, visto que ela nunca teve treinamento, mas se tinha uma coisa da qual ela se orgulhava era de aprender rápido.

Tudo o que Leonardo aprendeu na academia, ele conseguiu ensiná-la com relativo sucesso nos primeiros dias. Conforme as semanas passavam, ela foi ficando mais rápida, mais ágil e melhor no gatilho. Ele temia não estar sempre por perto quando necessário. E ela teria que se defender sozinha nestas ocasiões, o que o enchia de preocupações. Tudo o que aprendeu no Exército também foi ensinado. Fazer fogo, fazer cordas, caçar. Essa parte era a pior para Júlia, ela ainda não conseguira abater nada nos arredores do motel, por dó dos animais, alguns bem assustados.

Após algumas semanas, Júlia viu os estoques de bebida do motel acabando. Especialmente a tequila e a vodca. Em cima do muro nas suas vigílias até de madrugada, ele bebia. E bebia muito. Ele colocava uma cadeira no muro perto do portão de saída por causa de uma árvore alta que o ocultava para quem viesse pela estrada. Bebia muito e comia pouco. Depois ir para seu quarto e caía na cama até duas da tarde. Levantava de ressaca, comia o que Júlia deixava para ele na mesa do quarto e ia para o banho. Deixando-se consumir pela realidade, Leonardo ia aos poucos se prendendo às garrafas. Uma vez ou outra, ela ouvia tiros por sobre o muro. Eram eles, os zumbis, deixando as imediações da cidade, pois as luzes das ruas acendiam à noite.

Já estavam sitiados naquele motel de beira de estrada havia cinco meses. Júlia acordou com a luz do dia vindo pelas janelas e levantou para tomar um banho. Foi um inverno difícil e as noites continuavam frias naquela primavera. Não sabia como Leonardo aguentava ficar sobre o muro até de madrugada. A bebida o esquentava. Pelo menos tinham comida e eletricidade. Parecia até que a vida não tinha mudado nada. Mas mudou e não havia perspectiva de voltar a ser o que era. Era difícil aceitar, quanto mais entender. Júlia realmente se sentiu derrubada quando as linhas telefônicas caíram. Nem mesmo o Iphone de Leo funcionava mais. Talvez

as baterias das torres de telefonia móvel tivessem acabado. O rádio estava em silêncio também. Ao menos, era o que ele dizia à Júlia, pois captou várias transmissões de milícias buscando suprimentos, combustível e água.

Eram onze horas da manhã. Júlia passou uma parte da noite lendo de novo o livro que tinha em sua mochila, Estátuas de Sal. Falava sobre a destruição da cidade de São Paulo e sobre a busca de uma jovem pela verdade. Curioso. Parecia muito com a sua situação atual. Na cozinha industrial do motel, ela preparou a refeição de sempre. Pão, ovos e o resto do queijo da geladeira. Cinco meses consumindo e racionando, não duraria para sempre. Tinham comida para poucos dias agora. Fez café pensando em onde conseguiriam suprimentos e preparou uma bandeja para Leonardo, que deveria estar dormindo. Quando entrou em seu quarto, pura penumbra e cheiro de bebida. Com a claridade do dia entrando pela porta aberta, ela o viu jogado na cama, vestido, ainda com o fuzil preso ao seu colete do GOE, calçado. Simplesmente entrou e deitou. De novo. Deixando a bandeja na mesa, ela desatou seus coturnos, deixando-os juntos ao lado da cama. Tentou virá-lo com a barriga para cima, queria desprender o fecho que prendia o fuzil ao seu colete. Ouviu seu resmungo sonolento e continuou. De repente, num impulso, ele agarrou seu cabelo e sacou sua arma do coldre na perna, apontando para sua cabeça. Um momento de sonho misturado com realidade o fez acordar e ver os amendoados e assustados olhos de Júlia, paralisada pela ação e ofegante.

_ Leo… sou eu, calma…

Respirando fundo, ele definitivamente acordou ao ouvir sua voz. Era um sonho ruim que quase virou realidade quando pensou que um zumbi o atacava. Bateu a coronha na testa algumas vezes, afastando a sensação ruim. O zumbi tinha o rosto de Rafaela...

_ Porra, o que você tá fazendo aqui…

_ Vim trazer seu café.

_ Que horas são?

_ Quase meio dia - ela disse com reprovação.

_ Tá… eu vou pro banho… - ele tentava se erguer da cama, mas o mundo à sua volta girava.

_ Você vai comer primeiro e depois vai tomar banho.

Colocando a bandeja no colchão, o cheiro abriu o apetite de Leonardo que comeu com vontade. Júlia o observava. Tinha noites em que na escuridão de seu quarto, embaixo das mantas para mantê-la aquecida, ela o chamava aos sussurros. Queria seu calor, seu cheiro. Mas nunca admitiria isso. Nem sob tortura. Com um olhar carinhoso, o observava comer e como gostaria que ele não se acabasse daquele jeito na bebida. Tentou conversar algumas vezes, mas ele pedia para ser deixado sozinho sempre. Achou que aquela era uma boa para tocar no assunto.

_ Precisa parar, Leo.

_ Com o que? - disse com a boca cheia, mas sabia bem do que se tratava.

Olhando para o chão, Júlia pegou a garrafa vazia de tequila prata e olhou bem fundo em seus olhos.

_ Já se olhou no espelho, Leonardo?

Sermão de novo, ele pensou? Resmungando, ele encostou a cabeça no travesseiro e puxou fundo o ar, buscando paz de espírito também.

_ É, o papo chato de novo. O que você quer? Que a situação te vença e te jogue no chão? Que tipo de soldado é você?

_ Não enche meu saco, Júlia - a ressaca o deixava muito rabugento.

_ Nós precisamos um do outro - ela abrandou o tom - E você não está se ajudando desse jeito. Você tá magro, ou dorme ou bebe, não faça isso com

si próprio.

_ Correção, lindinha, você precisa de mim ou teria virado comida de zumbi há muito tempo…

Tendo cruzado uma linha que não deveria, Leonardo se arrependeu assim que as palavras saíram de sua boca. Mas Júlia não esperou um pedido de desculpas, pois virou um tapa em sua cara forte o suficiente para fazê-lo deitar de novo. Deixou o quarto batendo a porta e Leonardo se remoendo com a culpa.

_ Ahhh… que merda… - ele resmungou.

Inacreditável, Júlia pensava. Entrou em seu quarto batendo a porta e trancando-a depois. Não podia acreditar no que tinha ouvido. É, realmente, talvez ela já tivesse morrido há muito tempo. Então por que a tirou da marginal naquele dia, por que não passou reto e foi cuidar da sua vida? Agora tinha que ouvir merda por um erro que ele cometeu?

Depois de tomar um longo banho e fazer a barba, Leonardo conseguiu se encarar no espelho. A realidade o estava massacrando, estava se entregando, e Júlia queria tirá-lo daquele estado de autodestruição com bebidas e noites mal dormidas, mas ele ignorava seus apelos. Vendo seu rosto mais magro, abatido e com olheiras, ele percebeu o que estava fazendo. Sentia-se um cretino. Não podia negar que vinha agindo como um. Em seu rosto, conseguia sentir todos os dedos de Júlia no lugar do tapa que o acordou.

Uma garoa fina caía do lado de fora do motel. Ele fechou seu agasalho e colocou o capuz, caminhando até o quarto de Júlia. Cada degrau que subiu até a porta foi difícil, seguido de pensamentos negativos ainda inchados de tequila. Bateu com cuidado na porta, mas não obteve nenhuma resposta.

_ Júlia… vamos conversar, por favor.

Nada. Aquilo seria muito difícil. Apoiando as mãos nos batentes, ele ficou olhando para a porta como se Júlia estivesse à sua frente.

_ Me desculpe. Você tem razão, eu estou me acabando, me afundando e não prestei atenção no que você disse. Me perdoa… eu… ando um pouco perdido.

O silêncio do outro lado da porta já dizia a opinião de Júlia. Era um foda-se claro. Desapontado por não vê-la, mas conformado, já que era sua culpa, Leonardo desceu as escadas e foi na direção da cozinha. Pensou em comer alguma coisa. Fazia tempo que não entrava ali sozinho, pois em geral era Júlia que preparava as refeições. Olhando os três freezers, viu como dois já estavam vazios e como o terceiro estava perigosamente esvaziando.

Um arranhar na porta de serviço o deixou alerta. Sacou sua arma, sempre junto dele e se aproximou com cuidado, colando o ouvido na madeira. Eram unhas, disso ele tinha certeza. O grunhido sem sentido do outro lado era definitivo. Um zumbi estava do lado de fora. Talvez a garoa e as nuvens cinzentas no firmamento tenham incentivado alguns a sair de suas tocas. A maçaneta chegou a se mover um pouco. Como não havia olho mágico na porta, ele subiu até o muro e olhou de cima, perto de uma das caixas d'água do motel. Era uma mulher. Sua pele estava cinzenta, seu olhar morto, a boca aberta pendia sangue e havia marcas de mordida em seus braços. Era uma guarda rodoviária estadual, ele reconhecia a farda. Assoviando brevemente, isso chamou a atenção da morta. Seus olhos sem expressão olharam para o rosto de Leonardo e depois não viu mais nada. Ele disparou contra sua cabeça e o zumbi tombou para trás, sem mais se mexer.

Foi um dia moroso, com garoa e frio. Leonardo ficou perto da caixa d'água o resto dia, observando as redondezas. Viu rolos de fumaça na direção de algumas fazendas e da cidade. Com o binóculo, ele tentava enxergar alguma coisa, mas as ruas estavam mortas. Alguns corpos nas ruas. A cidade

lutou em todos aqueles meses, ele acompanhou do muro, mas enfim o silêncio se estabeleceu. Volta e meia o rádio amador voltava a tagarelar, falando para tomar cuidado com milícias, grupos armados procurando mulheres para estupros em massa, policiais que saqueavam mercados e pessoas e a situação caótica das zonas de segurança. Já começava a faltar comida e água, as pessoas protestavam e em duas delas, uma perto de Campinas e outra perto de Ribeirão Preto, os civis tinham tomado o controle dos militares e executaram vários deles que teriam cometido abusos contra mulheres. Era só o mundo acabar que o ser humano mostrava sua verdadeira face.

Conforme a noite foi se aproximando, ele se armou de novo, colocou um gorro na cabeça, pois garoava e fazia muito frio. Verificou portas, janelas, fechaduras e o quadro de luz, a rotina de sempre. Tudo normal. Andando pelo pátio central, ele olhava para cada garagem, uma a uma. Quando olhou para a garagem de Júlia, viu a luz saindo pela porta aberta e ela andando em sua direção. O coração até acelerou. Estava séria, usando seu blusão com capuz, o cabelo comprido todo para um lado. Parou na sua frente, olhando fundo em seus olhos. O que ela estava pensando? Devia estar furiosa e se ela resolvesse meter a mão na sua cara de novo, não protestaria, pois merecia. Estava muito frio, a vida estava de pernas para o ar, ele não queria problemas com a única companhia que tinha. Mas Júlia não disse nada. Apenas deu um sorriso de lado, pegou em sua mão com carinho e a beijou. Lábios quentes, ele pensou, com uma ponta de excitação. Ela então deu um passo à frente e tocou seu rosto frio.

_ Júlia…

_ Não fala nada.

Para silenciá-lo, ela o beijou. Ele estava sendo seduzido e gostou disso. Retribuiu com paixão, com volúpia, querendo sentir seu corpo quente e ter uma noite de sossego daquela realidade tão cruel. Os dois entraram no quarto de Júlia, tiraram as roupas com pressa, com ânsia de tocar a pele um do outro, sentir seu cheiro. Ambos ansiaram por aquela noite, mas nunca tinham ultrapassado uma linha imaginária que tinha sido traçada

em algum momento, não sabiam bem quando. Leonardo pensava muito nela, mas sempre manteve a distância por respeito. Júlia quebrou esse vidro invisível que os afastava. E ambos tiveram uma recompensa pela solidão que os cercava. Os corpos quentes e suados se entrelaçavam. As estocadas ritmadas de Leonardo eram vigorosas, sentia a pele pegando fogo embaixo de seus gemidos. Não queria mais estar longe dele, nem Leonardo longe dela.

Leonardo olhava para o teto, com a cabeça vazia. Júlia estava ao seu lado, sobre seu ombro e ele acariciava seus cabelos. Uma penumbra avermelhada da segunda luz do quarto, deixava o ambiente quente, aconchegante. Como quis aquela mulher… Ela nem sabia o quanto. Enfim, ele poderia dormir uma noite inteira.

Capítulo 6

Estavam quase pegando no sono bem merecido, quando as luzes se apagaram no motel. Ele ouviu um barulho distante como se uma chave desligasse a energia elétrica. O espasmo de seu susto acordou Júlia. Tudo o que iluminava o ambiente era a luz branca de emergência sobre a porta.

_ Que foi? - ela perguntou.

_ Não sei, a luz caiu.

Ambos pularam da cama e se vestiram rapidamente. Pegando seu fuzil e o engatilhando rapidamente, Leonardo abriu a porta num puxão rápido com Júlia logo atrás segurando uma lanterna. O único som era do vento e das folhas. A garoa continuava. Estava frio. Não havia movimento algum no pátio central. Encostado na parede, ele olhou os dois lados e não havia ninguém.

_ Sobe no muro, vê se a cidade ainda tem luz - ele murmurou.

Concordando em silêncio, Júlia ficou com sua arma em mãos e correu para a parte administrativa do motel, subindo pelas escadas internas até o alto do muro, enquanto Leonardo conferia as entradas e saídas do motel. Tudo fechado, trancado do jeito que ele deixara horas antes. Júlia chegou ao topo do muro e olhou ao redor. A escuridão reinava em todas as direções. Até apagou a lanterna para não chamar atenção. Ouviu os passos apressados de Leo nas escadas e quando ele chegou, não precisou dizer nada. O vale onde ficava a cidade tinha sido engolido pela noite.

_ Merda… Agora vai ter mais daquelas coisas por aí - ele olhava pelo binóculo, mas era inútil.

_ O que a gente vai fazer?

_ Se trancar no quarto até de manhã e aí a gente vê.

Ambos voltaram para o quarto, mas só Júlia conseguiu pegar no sono após muito brigar contra os olhos que insistiam em fechar. Leo colocou uma cadeira atrás da porta e sentou, com os pés para cima, esperando. Mantinha seu fuzil no colo, volta e meia cochilando, sem nunca deixar de estar alerta. Mas enfim, a longa noite deu lugar a um amanhecer tímido, sob garoa e ventanias e o mais puro silêncio.

Os dois deixaram o aconchego quente do quarto para apenas se certificarem de que estavam sozinhos, com poucos suprimentos e sem eletricidade. A pouca comida do freezer desligado logo estragaria. Enquanto Júlia preparava alguma coisa para comerem, ele continuava com o binóculo no alto do muro, olhando em volta. Não havia mais sons de tiros, nem gritos, carros derrapando, sirenes, nada. Uma angústia tomou o coração de Leonardo. Havia corpos pelas ruas da pequena cidade de São Miguel Arcanjo, mas não havia mais o movimento desesperado que ele vira dias antes. Olhando na direção da estrada, também não havia sinais de vida. Na mata, ele conseguiu ver alguns zumbis zanzando, ocultos pela penumbra das árvores, mas longe deles. Ao voltar para a cozinha, sentindo o cheiro de comida e percebendo o roncar do estômago, ele viu Júlia observar o interior do freezer. O degelo tinha derramado água no piso frio.

_ Isso é péssimo - ele resmungou, colocando o fuzil na mesa - A gente não vai conseguir se virar com meio presunto, uma caixa de hambúrguer e pão.

_ O jeito é a gente buscar suprimentos na cidade.

_ É… mas fico pensando se não vai ter milícia por lá… Enfim. É uma coisa que a gente vai ter que fazer. Acho que o melhor a fazer é a gente sair daqui, procurar um lugar que chame menos atenção. Não sei como não vieram ainda pra cá - seu tom era preocupado - Merda…

Comeram em silêncio, apenas saciando a fome, perdidos em seus pensamentos. Leonardo estava com o olhar perdido e um semblante cansado, sinal de que mal dormiu de madrugada. Mas Júlia estava mais do que grata de tê-lo ao seu lado. A noite anterior, apesar do final tenso, foi melhor do que podia querer ou esperar. Ele percebeu seu olhar que buscava compreensão e carinho e retribuiu com um beijo molhado. Abraçando-a e envolvendo seus braços naquele corpo quente e macio, ele sabia que precisava ir até a cidade ou estariam condenados a morrer de fome.

Por isso, assim que a refeição acabou, ele engatilhou seu fuzil, pegou munição extra, fechou o blusão e catou a chave da Blazer. Júlia estava insegura de vê-lo sair assim, mas quando Leo botava uma coisa na cabeça, ele fazia e pronto. Disse que voltaria com comida, água, combustível e bateria para o veículo, com certeza iam precisar.

E assim, ela o viu sair apressadamente do motel. Acompanhou todo seu caminho com o binóculo do muro do motel. As ruas estavam livres. Carros parados abandonados por seus donos aqui e ali, mas no geral, tudo vazio. Mas em um determinado momento, ela não o via mais, a estrada sumia no começo do vale e a mata encobria a entrada da cidade.

Leonardo diminuiu a velocidade ao ver uma barricada da Polícia Militar na avenida principal. Mas estava abandonada. Corpos pelo chão, abatidos como animais. Ele passou por cima de um e prosseguiu. Lojas, casas, todas trancadas e com madeira em portas e janelas. Se tinha gente lá dentro, com certeza o observavam. Ele encostou em um posto de gasolina e atento, olhando em volta sempre, encheu o tanque e os galões no porta-malas. Vazia e silenciosa, nem mesmo os pássaros sobrevoavam a cidade. Entrando novamente na Blazer preta, ele continuou o caminho por ruas paralelas à avenida principal e viu um mercado numa esquina. Estacionando do outro lado, ele se deixou observar o lugar por um bom tempo. Estava escuro no interior e as portas abertas, caixas e produtos pelo chão indicavam saque.

Seguiu adiante. Deveria haver outro mercado por ali. Achou ao descer

a próxima rua. Suas portas estavam fechadas, mas nada que sua chave mestra não ajudasse. Estacionando um pouco adiante da entrada, para deixar o porta-malas de mais fácil acesso, ele abriu a porta de vidro e imediatamente apontou o fuzil para o interior. Acendeu a pequena lanterna que adaptou no corpo do 762 e tomando à direita, ele começou a andar. Havia alguma confusão nos corredores entre as gôndolas. Caixas e produtos caídos. Cheiro de frutas no ar, estragadas. Parado na entrada, ao lado dos carrinhos, só havia uma leve penumbra causada pela porta aberta. Leonardo parou de respirar um instante para tentar ouvir passos arrastados ou grunhidos. Nada. Não totalmente seguro, ele continuou. Puxou um carrinho para perto e começou a jogar pacotes de macarrão instantâneo dentro dele. Pacotes de batatas, barras de cereal, enlatados de todos os tipos. Com o carrinho já cheio, ele seguiu para a rua e despejou o conteúdo no porta-malas. Fechou e voltou a entrar. Queria água, artigos de higiene, o que pudesse encontrar e logo iria embora.

Tinha a impressão de que era observado. Colocando o que pode achar, pois o estoque de água era baixo, ele seguiu para o fundo do mercado. Tinha cheiro de podre por ali, mas viu que estava na sessão de carnes. Foi então que ele ouviu. Passos arrastados e um grunhindo de incompreensão. Abaixando-se para se esconder atrás da gôndola, ele viu uma sombra se mover em sua direção. Quando ouviu o som dos passos acelerar, direcionou sua lanterna e viu um homem com uniforme do mercado e parte dos lábios faltando. Sujo de sangue, parecia que tinha comido da carne armazenada nas gôndolas. Leonardo disparou contra sua cabeça e o estampido ecoou por todo o mercado. E então o som de vários resmungos e passos arrastados surgiram atrás das gôndolas de carne. Havia então um bom motivo para terem trancado o mercado.

Júlia estava apreensiva, andando de um lado a outro do muro com o binóculo na mão. Viu a Blazer passar por uma rua de seu campo de visão, mas a perdeu atrás das árvores. Mas então ouviu um som conhecido de ronco de motor. Com o binóculo, ela buscou pela estrada e lá vinha ele, saindo da cidade a milhão. Ele deve ter encontrado alguma coisa, talvez mais daqueles zumbis malditos. Júlia às vezes se repreendia por pensar

assim, pois eles foram pessoas um dia.

Ela desceu correndo as escadas, pegando o controle que abria o portão. Ficou esperando, oculta por uma parede, esperando pelo sinal, duas buzinadas de leve. Pouco tempo depois, ouviu o chiado nervoso do motor encostado perto do portão e o sinal. Subindo devagar, o portão de ferro deu passagem e Leonardo passou apressado para dentro e parou bem adiante. Nenhum zumbi do outro lado, Júlia fechou o portão. Voltava com um sorriso tímido indo ao seu encontro e o viu sair da Blazer, batendo a porta com força, jogando o 762 no chão, algo que ele sempre tinha muito cuidado. Com as mãos no capô, ele resmungava, xingava, bufava, sem lhe dirigir o olhar.

_ Leo, que foi?

Ele tremia, seu rosto nem parecia do sempre calmo Leonardo. Olhava para baixo o tempo todo, arranhava a lataria do capô, socando ao mesmo tempo. Quando Júlia tentou chegar perto ele se afastou, contornou a Blazer e foi para o outro lado, longe dela.

_ Que foi? O que aconteceu?

Girando no lugar, sem saber o que fazer, Leo abriu o porta-malas e ela viu a quantidade de coisas que ele trouxera.

_ Você vai ter bastante suprimento, é só racionar que vai ficar tudo bem…

_ Leo…

_ Tem combustível aqui suficiente até pra sair do estado, mas procure áreas menos populosas… - sua voz era trêmula e tinha lágrimas pendendo dos cílios.

_ Leo, para! - ela o interrompeu de novo.

_ Cala a boca e escuta!

_ Você tá me assustando! - ela berrou com ele.

Júlia nunca pensou que fosse vê-lo chorar. E era um choro de desespero. Segurando seu rosto com as duas mãos, ele a olhou profundamente, querendo beijá-la, mas sem poder.

_ Você vai ter que ficar sozinha, minha gata… Eu não posso te acompanhar mais, nem te proteger…

_ … o que…

_… mas com o que eu te ensinei, você é esperta… vai conseguir se virar.

_ Leonardo, o que aconteceu lá embaixo?

Ele tremia tanto que nem conseguia falar. Júlia pensou o pior. Viu seu agasalho aberto e o tirou. Ao levantar sua camiseta, perto das suas costelas, duas marcas nítidas de mordida. Pequenas, como de crianças. Leonardo nunca saía sem seu colete. Justo naquele dia, ele não o usou.

_ Ah, não… - lágrimas verteram de seus olhos - Leo…

_ Você vai ter que ficar longe de mim, meu anjo… Eu vou ser um perigo pra você em pouco tempo.

Uma dor capaz de dilacerar seu coração a impediu de gritar, mas Júlia estava desesperada por ver a pessoa que salvou sua vida, aquele que amava, para quem se entregou sem pudor, agora condenado e sem chance de salvação. Sentindo-se um imbecil, burro e descuidado, ele também chorava, distante dela pelo menos uns cinco metros. Sabia que logo viria a febre, as convulsões, as dores pelo corpo cedendo ao vírus e ele se tornaria um perigo a qualquer um ao seu redor. Gemendo de dor, de medo, pela perda, pela solidão que a envolvia, Júlia caiu no chão e lá ficou vários minutos, apenas chorando.

O que ele tinha feito? Tinha estragado tudo…

Vários zumbis consumiam carne do mercado. O cheiro do sangue deve ter atiçado seus apetites. Vindo de costas, de olho no movimento, ele precisou atirar contra uns apressadinhos que vieram em sua direção. De olho em sua retaguarda, conseguiu se esquivar com sucesso de mais três que vinham do corredor paralelo e estourou suas cabeças. O que Leonardo não viu foi uma criança se aproximar por trás. Sua altura o enganou, pois ele nunca tinha pensado em crianças zumbis. Ela o agarrou com força e mordeu um pouco acima de sua cintura. Conseguiu chutar a menina para longe e ainda detonar outros dois que vinham na sua frente. Mas o estrago já estava feito.

Tentando raciocinar, Leonardo puxou fundo o ar, secou o rosto das lágrimas e puxou Júlia para cima, segurando-a gentilmente pelos ombros. Ela chorava compulsivamente e se agarrou a ele, num abraço sofrido, de dor.

_ Não chora… - afagava seus cabelos - Você vai ficar bem. É esperta, inteligente… Mas… olha pra mim. Você vai ter que poupar suas balas. Vou deixar com você todas as minhas armas. Use o meu colete. Também vou deixar minha insígnia… talvez abra algumas portas. Fala que é minha esposa, caso precise - hesitou ao ver que o choro não parava - Meu amor, a culpa é minha. Não chora.

_ Eu não vou conseguir sozinha, Leo…

_ Vai sim. Vai conseguir e sabe por quê? Você é muito melhor do que eu. E vai conseguir sobreviver.

_ Eu não quero te perder…

_ Nem eu, mas a gente sabe que isso é um caminho sem volta. Você ouviu tudo o que eu disse, você vai precisar racionar comida e balas. Não perca tempo atirando no corpo deles, atira na cabeça. Lembra quando você

treinou com o fuzil?

_ … lembro.

_ Usa a maior parte do tempo, vai por mim, você pode acertar dois ao mesmo tempo.

Júlia sentia-se a pessoa mais sozinha do mundo. Havia agora uma distância de mil quilômetros entre eles dois. Uma distância que era para o bem dela, sabia disso, mas machucava seu coração.

_ Me arrependo de muita coisa. Menos de ter tirado você do asfalto - e abraçou de novo.

No final daquele dia, a febre começou. Leve de início, forte o suficiente para Júlia o colocar num banho de imersão no começo da madrugada. Mas nada abaixava aquela febre. Leonardo foi ficando fraco enquanto o dia seguinte avançava. Começou a vomitar e nem água seu estômago aceitava mais. Tentou mantê-la longe, tentando protegê-la de alguma atitude insana, mas Júlia não arredou pé e começou a cuidar de seu machucado, que não cicatrizava. Pus vertia dele cada vez que apertava para limpar. Pensou na mãe de novo... Estaria vagando pela zona norte da cidade?

Já era por volta de três da tarde do dia seguinte, quando ele começou a tremer e a bater os dentes, sentindo calafrios. Nenhum cobertor o mantinha aquecido. As convulsões começaram algumas horas depois. Nenhum analgésico ou antitérmico fazia sua febre baixar. Ele se debatia na cama, aos delírios sem que Júlia pudesse contê-lo. Com a arma no colo, ela permaneceu ao seu lado o tempo todo. Do lado de fora apenas frio e garoa, além da escuridão completa. A Blazer estava abastecida e pronta para uma saída caso fosse necessário. Mas para onde ir?

Ele balbuciava coisas incompreensíveis, algumas coisas sobre a família, outra sobre Rafaela, a loira na porta do guarda-roupa. Pedia perdão pelas vidas que tirou, mesmo que fossem zumbis. Pediu perdão à família, por não ter ido até Sorocaba e resgatá-los. Disse que amava a Júlia, perdido em delírios. Chamava o nome de colegas, pedindo que recuassem de suas

posições. Ela apenas chorava, sem nada poder fazer para impedir a transformação.

A noite mais difícil de sua vida teve fim. O sol fraco entrava pela pequena janela do motel. Era por volta das seis e meia da manhã quando ele chamou seu nome.

_ Júlia…

_ Estou aqui - enxugou as lágrimas.

_ Você vai ter… que atirar em mim…

_ Para, Leo.

_ É sério - sua voz já não tinha mais a convicção de antes - Sabe… é estranho. Eu sempre soube que morreria com um tiro. Mas nunca pensei que seria pra impedir que eu me transforme num monstro. Fiz muita merda, Jú… muita merda.

_ Não fala assim. Você é uma pessoa maravilhosa.

_ Eu pelo menos tive cinco meses com você - a olhou profundamente - Eu te amo, sabia?

Seus olhos pareceram distantes quando suas pupilas dilataram. Sua respiração ficou fraca e a força de sua mão, segurando a de Júlia, desapareceu. Aquela fora sua última frase... Como poderia ficar sozinha agora? Para que viver em mundo que sempre lhe fora hostil, agora mais do que nunca? Fechando seus olhos, ela acariciou o rosto suado, não mais contorcido pela dor, parecendo pacífico de alguma maneira estranha. Lembrou-se de suas piadinhas, de sua ironia, de sua força que a protegeu por tanto tempo. Tudo pareceu distante demais daquele quarto.

Sem saber por quanto tempo ficou ali, olhando para um Leonardo que parecia adormecido, viu quando um leve tremor mexeu suas pernas. Aquilo era mau sinal. Com o coração disparado, ela apertou o cabo da

arma e saiu da cama. Tinha que se lembrar de que ali não era mais Leonardo e sim um monstro, que a mataria se tivesse a chance. De repente, os olhos dele se abriram, fitando o vazio e ela deu um pulo para trás. O olhar continuava perscrutando o vazio, boca entreaberta. Devagar, Júlia deu alguns passos para trás, se afastando da cama, com a arma na mão, pronta para disparar, a pistola dele, sua arma de serviço. Tremia sem conseguir se controlar. As lágrimas desciam, molhando seu rosto.

Então aconteceu. Ele piscou. Uma, duas, três vezes. Seu corpo se mexeu debilmente, ele grunhiu alguma coisa, enquanto Júlia continuava a se afastar. Com um olhar vazio ele ergueu a cabeça e a observou. Não havia mais memória, não havia consciência alguma ali. Era como ele sempre dizia. Veja os olhos dele, Júlia se lembrou daquela tarde, observando um grupo ocasional de zumbis que arranhava os muros do motel. É nos olhos que a gente enxerga a humanidade de alguém. Eles não têm nada, ele dizia. Leonardo grunhiu de maneira ameaçadora e começou a se erguer sobre o cotovelo esquerdo, querendo sair da cama. Um pouco desajeitado, o zumbi não conseguia se mexer direito, mas sua intenção era Júlia. Os olhos eram de fato vazios. Com um aperto no coração, ela empunhou a arma e tentou mirar. A mão tremia.

_ Me perdoa… eu te amo.

E disparou. O estampido a desnorteou um instante, mas ele ficou imóvel, caído na cama. Ela o acertara na cabeça. Realmente, os treinamentos deram certo. O tiro ainda parecia ecoar em sua cabeça. Caindo no chão, em desespero, ela chorou no piso frio do quarto. Não sabia o que fazer. Agarrou-se à perna de Leonardo e chorou por sobre seu peito por muito tempo, até seu corpo esfriar de vez.

Após enrolá-lo com lençóis do quarto e carrega-lo em um carrinho que o motel devia usar para trazer suprimentos para a cozinha, Júlia abriu uma cova do lado de fora do motel fundo o suficiente para não encorajar nenhum zumbi a tentar se alimentar dele. Cobriu o fundo com folhas secas e com dificuldade o transportou até lá e o enterrou. Demorou muito tempo,

boa parte do dia, mas enfim terminou. Ficou ali, apoiada na pá, olhando para a simples lápide de pedras empilhadas que fizera. Por quê? Por que tirá-lo dela? Era tudo tão injusto.

Sozinha novamente no mundo, um mundo que ela não mais conhecia, dominado por criaturas que nada mais queria além de carne e sangue, Júlia ainda permaneceu no motel por alguns dias. Observava o túmulo de Leonardo do alto do muro. Sem eu quarto, ela dormiu agarrada ao seu agasalho favorito. Juntou o que pode ali, lembranças dele que não queria perder. Pegou sua carteira, onde tinha sua identificação de policial e guardou. Pegou as roupas que podia usar e guardou também na mochila. Uma semana depois, ela olhou para o motel uma última vez. Tinha colocado flores frescas que cresciam no muro sobre o túmulo dele e se despediu. Foi a última vez que chorou. Trancou o portão, subiu no carro e pegou a estrada.

Parte II

Capítulo 7

Júlia vinha dirigindo direto pelos últimos 500 km, atenta ao movimento nas estradas. Aliás, pouco ou nenhum movimento nas estradas desde que o fim do mundo começou. Carros abandonados jaziam pelas vias, queimados, saqueados e com partes essenciais roubadas como baterias, pneus, rodas, combustível. Estava cada vez mais difícil achar combustível.

Sentindo as costas rígidas, Júlia encostou o carro e olhou os arredores. Nunca se separava de suas armas. Ou melhor dizendo, armas de Leonardo que morrera um ano antes sem que ela pudesse fazer nada. Tinha uma semiautomática presa na calça jeans e carregava o fuzil da polícia que ele a ensinou a usar. Abriu a porta com cuidado e sentiu a brisa quente que soprava naqueles dias. Seria verão? Não sabia. Ou melhor, não ligava.

Estava em uma estradinha secundária do sul do estado de São Paulo. Tinha tentado sair do estado várias vezes no último ano e não conseguiu. Havia bloqueios em praticamente todas as rodovias e estradas secundárias, tanto de milícias quanto de zumbis. Os malditos proliferavam. Havia um cheiro de morte pairando em qualquer lugar que ela fosse.

Pior que os zumbis que teimavam em não morrer eram os milicianos. Na maioria ex-policiais que se aproveitaram do fato de terem acesso a armas, carros e locais seguros e criaram fortificações em quarteis da polícia e do Exército. Pelo visto o governo tinha caído e o que restava da população estava entregue aos carniceiros… e aos zumbis também.

Júlia viu de tudo neste último ano. E passou por muita coisa também. Tinha perdido quase vinte quilos com a dieta ruim e a vida nômade. Foi preciso passar a tesoura nos cabelos, pois quase foi sua sentença de morte ao ser pega por milicianos. Felizmente o campo deles fora atacado em seguida por um bando de zumbis famintos e na confusão ela escapou.

Como estava magra demais, os atributos normalmente vistos em uma mulher quase desapareceram. As mulheres eram as maiores vítimas nos últimos meses. Estupros coletivos eram frequentes em alguns centros de refugiados e quarteis. Ela mesma foi vítima de um, mas conseguiu se esgueirar uma manhã e abriu um portão lateral. Quando os zumbis entraram, ela se vestiu e voltou para seu carro que não tinha sido mexido desde a noite anterior.

Viu refúgios de civis sendo atacados pelos mesmos milicianos, que mataram os sobreviventes para ficar com os suprimentos saqueados de um mercado. Basta ter a vida em risco para que o ser humano mostre ser um animal predador como qualquer outro.

A estrada estava em silêncio. Ouvia algumas cigarras ao longe. Olhou em volta engatilhando o pesado fuzil e viu vários focos de incêndio no horizonte. Então tinha funcionado… Antes de morrer, Leonardo tinha lhe ensinado técnicas de combate e de sobrevivência, inclusive fazendo bombas caseiras com materiais variados. Especialmente com fertilizantes. Foi assim que detonou o muro de um forte da milícia e conseguiu fazer os zumbis entrarem. Quase foi agarrada por um deles.

Por que tanta raiva deles? Eles promoviam estupros coletivos, matavam pessoas se não pudessem alimentar todas e vendiam gasolina e etanol por preços absurdos. Sexo era em geral a moeda de troca.

Um farfalhar chamou sua atenção. Apontou o fuzil para o outro lado da estrada e qual não foi sua surpresa quando uma dúzia de cachorros saiu em disparada do mato e sumiu logo em seguida. Se estavam correndo, boa coisa não era. O farfalhar continuava. Ajeitando o fuzil no corpo, ela respirou fundo e apontou o cano na direção do ruído abafado. Eis que uma sombra cinzenta, com dentes aparentes, um olho faltando e muito sangue pela roupa esfarrapada saiu do mato alto e a observou por um instante. Júlia sabia que o tiro chamaria atenção e ficou na dúvida. Atiraria e limpava o mundo de mais um zumbi ou o deixaria passar para não atrair a atenção de ninguém.

O zumbi apertou o passo da maneira que podia, babando sangue fresco de alguma vítima recente. Vai ver era por isso que os cachorros correram. Voltou para o carro, bateu a porta e antes que o zumbi a alcançasse, Júlia deu ré até uns 50 metros e depois acelerou tudo o que pode. O alvo crescia no seu para-brisa, uma mancha cinza e vermelha, grunhindo. A pancada fez o zumbi se chocar contra o vidro e sangue pastoso e escuro encheu o horizonte da estrada. Júlia ouviu apenas o baque surdo do corpo caindo no asfalto. Sem nada dizer, ela trocou de marcha e acelerou. A placa mais adiante dizia: São Paulo, 360km.

O carro tinha morrido e Júlia foi obrigada a parar. Já conseguia ver a grande mancha cinza e mal cuidada que era São Paulo no horizonte. A cidade parecia pulsar no horizonte. Faltava pouco. Pelos seus cálculos, estava em algum lugar de Pirituba ou talvez em Caieiras, não sabia ao certo. Engatilhando o rifle, ela acendeu um cigarro com o acendedor do painel e desceu da Blazer, a blazer dele. Admitia que precisava cuidar melhor do carro, ele vinha morrendo constantemente. Seus conhecimentos de mecânica se limitavam ao manual do veículo no porta-luvas.

Rondou o veículo com calma, procurando problemas e quando viu que estava tudo calmo, tirou o galão de gasolina que tinha no porta-malas. Tivera a sorte de encontrar um caminhão tanque da Petrobras semienterrado na lama de um rio alguns dias antes. Conseguira encher os quatro galões que carregava, sendo que estava despejando o conteúdo do segundo naquele momento. Grilos e cigarras se faziam ouvir. Ela olhava para os lados em busca de humanos e zumbis, mas via apenas cadáveres, bairros destruídos e carros desmontados pelas ruas. De onde estava tinha uma boa visão do vale abaixo e a estrada que serpenteava pelo bairro rumando na direção da Anhanguera. E no fundo, São Paulo. Desde que tinha deixado a cidade havia um ano e meio esteve evitando ir até lá.

Mas a vida era outra agora. Aquela moça assustada que levava uma vida monótona foi tirada de sua rotina por um apocalipse zumbi e se transformou na criatura amarga e silenciosa que era agora, sobrevivendo dentro

de um carro. Talvez fosse para dar um novo sentido à sua vida que ela resolveu voltar à São Paulo. Passou a mão nos cabelos curtos mal cortados e tragou fundo seu cigarro. Aquilo ajudava a matar a fome. Por que estava voltando? Talvez porque não tinha mais para onde ir.

Júlia se pôs no caminho. Resolveu seguir por dentro do bairro, ziguezagueando por ruas mal cuidadas e volta e meia tendo que retornar, pois elas estavam intransitáveis. Escombros, cadáveres, carros virados. Morte para todos os lados. A vida sempre foi assim, não é? Cheia de morte para todos os lados. Mas é quando nos atinge que ela parece real, palpável.

Júlia avançou devagar quando viu a alça de acesso destruída da Anhanguera com a marginal Tietê se agigantar no para-brisas. De onde estava, era possível ver focos de incêndio ao longe. Barricadas militares pipocavam em todas as avenidas que descem acesso à marginal. Mas algo não estava certo. Em um prédio mais adiante, ela conseguia ver algo brilhando. De início achou que era alguma antena, mas depois percebeu que o brilho piscava. Não tinha energia elétrica em toda a grande São Paulo, então de onde vinha?

Desceu com o carro e entrou na marginal Tietê sentindo Fernão Dias. Um ano e meio de abandono tinha feito crescer o mato nas calçadas e no asfalto. As margens do rio estavam cobertas de mato alto também. Num posto de gasolina à sua direita viu alguns dos zumbis zanzando, aproveitando a penumbra que a cobertura das bombas lhes dava. As pupilas dos zumbis eram dilatadas, afinal eles são mortos reanimados e por isso a luz forte era uma vantagem.

Um tranco no carro e uma fumaça sob o capô fizeram seu carro parar no meio da marginal Tietê. Já estava quase na esquina da Raimundo Pereira de Magalhães, onde tinha um longo muro branco mal cuidado de uma escola estadual. Seu coração acelerou como não fazia há muito tempo. Irritada com a imobilidade, Júlia desceu da Blazer e abriu o capô, sendo abraçada pela quente fumaça que vinha do motor. Não entendia muito de motores, mas aquilo certamente não era nada bom.

Os grunhidos típicos dos zumbis começaram a aumentar. Eles estavam ocultos na sombra de uma ponte que servia para o trem da CPTM que passava sobre o rio. Apesar de destruída, suas pilastras na marginal ainda cobriam parte da pista. Atrás de si, um grupinho saía da proteção da cobertura do posto, lentamente por causa do forte sol de meio dia que cobria a cidade. Júlia os observou bem. Eram cidadãos comuns. Um dos zumbis era adolescente e carregava nas costas a mochila do governo do Estado. Estavam todos muito apodrecidos, pele escura, exalando um cheiro muito ruim. Dois que rodavam no lugar na penumbra nem tinham olhos. Estariam todos se decompondo lentamente?

Um tiro passou zunindo no seu ouvido esquerdo. Sentiu o sangue escorrer de sua têmpora e todo o mundo sumir por um instante. Os grunhidos pareciam mais altos. Júlia foi ao chão. Mais disparos, pés arrastados, cheiro de morte e uma sombra negra e indefinida sobre sua cabeça…

_ Ela vai ficar bem?

_ Eu não sei… Ela teve muita sorte de você ter errado.

_ Não era nela que eu mirava - disse irritado.

_ Sei… Foi bem difícil suturar a têmpora dela, então eu vou manter o sedativo, vou aplicar uns antibióticos e a gente vê.

_ Ok, obrigado.

…

_ E então, como ela está?

_ As pupilas estão normais, a febre baixou desde ontem, mas o lugar está bem quente e inchado ainda.

_ Acha que a visão dela vai ter problemas?

_ Não, esse vermelho é por causa do hematoma, mas acho que ela vai ficar bem.

…

_ Júlia? Consegue me ouvir?

_ Alguma mudança?

_ Ela tem resmungado muito nos últimos dias. Teve um pouco de febre ontem, mas está baixa agora.

_ Júlia? Pisca os olhos pra mim, querida?

_ Nada… - suspirou desanimado.

_ Ela levou um tiro de raspão na cabeça. Esperava o que? Que ela levante e saia correndo?

…

Muitos zunidos e pensamentos erráticos passavam por sua mente. A cabeça latejava como se tivesse levado uma pancada severa e seu próprio cérebro estivesse inchado. Ouvia comentários e conversas ao seu redor, sem saber exatamente o que significavam, via dois pontos de luz em suas vistas de vez em quando, ouvia chamarem seu nome, mas não conseguia responder. Sentia sede. Sentia fome. Sentia a pele ardendo. Já sentia quando desabou no asfalto. Ela era um zumbi? Será que era isso?

…

_ Júlia? Tá ouvindo? Mexe a mão se estiver?

As luzinhas voltaram nas suas vistas, mas desta vez ela conseguiu focalizar um rosto.

_ Ora, que coisa boa. Está me vendo?

_ …

_ Júlia? Quantos dedos têm aqui?

_ … do-dois…

_ Bom, muito bom. Meu nome é Carla, doutora Carla, eu sou médica. Você está inconsciente há cinco dias.

_ E então? - uma voz masculina disse.

Júlia conseguiu focalizar a visão na médica, vendo um rosto cansado, magro, mas ainda simpático de uma moça de cabelos castanhos, presos em um rabo de cavalo. Ao seu lado apareceu um homem alto, cabelos grisalhos cortados rende à cabeça e um rosto que apesar de meio rude, não era feio. De braços cruzados, a observava com atenção.

_ Ela parece estar voltando a si.

_ Sou o delegado Germano. Você está no prédio da Polícia Federal, na ponte do Piqueri. Está ouvindo?

_ Não cobre muito dela, delegado - a médica o repreendeu.

_ … estou ouvindo…

_ Eu queria acertar um daqueles malditos que estava atrás de você e te acertei de raspão, me desculpe.

_ Chega, deixa a moça descansar.

Os dois saíram de suas vistas e Júlia respirou fundo, buscando respostas no fundo da cabeça. Realmente, ela se lembrava do estampido e de algo quente escorrendo de sua cabeça e descendo por seu pescoço. Depois disso foi apenas escuridão e vozes indistintas.

O sol esquentou seu rosto, despertando Júlia do sono. Remexeu-se em uma cama desconfortável de molas e olhou ao redor. Era uma sala de escritório, janelas de vidro com cortinas abertas, uma bagunça de caixas de comida num canto e o delegado Germano sentado numa cadeira, limpando uma arma, que estava desmontada na mesa. Era um homem alto, ela podia ver, usava calças camufladas, coturnos e uma camiseta preta da PF.

_ Bom dia.

Sem lhe dirigir o olhar, ele continuava limpando a arma e montando-a rapidamente. Olhando na mesa, Júlia viu todas as suas armas, aquelas que eram de Leonardo. Aquela que o delegado limpava era a pistola de serviço de Leo.

_ O que você fazia no meio da marginal? - dessa vez ele a observou.

Sua vida parecia girar sempre em torno de uma das marginais da cidade. A explosão da ponte voltou à sua cabeça, parecendo ter sido há séculos.

_ Onde… - limpou a garganta e firmou a voz - onde está meu carro?

_ Eu o guinchei pra garagem, lá embaixo. Mas você quase fundiu o motor, não sei se tem conserto. Meu mecânico está procurando peças pra reparo.

Remexendo as pernas, sentindo-se rígida, como se seus membros fossem de borracha, Júlia conseguiu se sentar na cama improvisada. Levou a mão à cabeça e sentiu a dor profunda que vinha de sua têmpora. Sentiu pontos apertados segurando a pele inchada e quente. Parte de seus cabelos foi raspada. Que visão linda devia estar.

_ Não respondeu minha pergunta. - ele disse, olhando pelo cano da arma que remontava.

_ Eu… queria ver se ainda tinha alguém vivo - mentiu, pois nem ela sabia o porque de seu retorno.

_ Então você achou.

_ Você disse que esse é o prédio da Polícia Federal?

_ Disse.

_ O que está acontecendo?

_ Onde conseguiu essas armas? Armamento pesado para uma moça tão franzina.

_ Deixaram para mim - ela não gostou do tom do delegado.

_ Sei… o que aconteceu com o dono delas?

_ Ele morreu.

_ Você o matou? - continuava limpando a arma e interrogando.

_ Não interessa.

_ Ei - ele a olhou duramente - se dê por satisfeita de estar viva, pois gastei remédios e recursos com você que eu não tinha. Por mim, tinha te deixado no meio do asfalto, pois acredite, não sentiria nenhum remorso.

_ Devia ter deixado então.

A cena da discussão com Leonardo parecia se repetir. Engatilhando a arma rapidamente e se pondo de pé mais rápido que podia acompanhar, Júlia o viu crescer diante de si com cara de poucos amigos. Ele então foi até a porta e a abriu.

_ Paulo, chega aqui.

Algum tempo depois, um jovem policial com rifle à tira colo entrou e a olhou um pouco confuso, enquanto Germano puxava fundo o ar.

_ Leve nossa amiga pra detenção.

Sem questionar e nada dizer, Paulo segurou em seu braço com força e a ergueu da cama. Com um olhar de incompreensão, Júlia não pode protestar e foi levada embora sob o olhar intenso de Germano.

Aquele era o último cigarro do maço, mas Germano queria afastar a fome. Tragou profundamente e soltou a fumaça devagar enquanto caminhava no terraço do prédio da Polícia Federal, na pista do heliporto, de onde

tinha uma visão bastante privilegiada da cidade. Via focos de incêndio em bairros distantes, zumbis podres zanzando pelas ruas do outro lado do rio, barricadas montadas nas ruas próximas ao prédio.

Sentou calmamente em um degrau, recebendo a brisa fria da manhã e continuou tragando seu cigarro. Estava intrigado com a moça que quase matou com um tiro na cabeça dias antes. Ele a mantinha na detenção, mas a pouca pesquisa que conseguiu fazer o deixou ainda mais ressabiado. Todas as armas eram registradas. Mas algumas delas e o veículo no estacionamento estavam registrados no nome de Leonardo Fernandes Silva Leite, investigador da Polícia Civil atuando no GOE e desaparecido desde a evacuação da cidade. A moça possuía suas armas, colete, munição e até a identidade dele. Namorada? Irmã?

Ela não parecia o tipo de pessoa que meteria uma bala na cabeça de outro para ficar com seus pertences, mas se tinha uma coisa que Germano, em todos os seus 17 anos de polícia sabia era que a gente nunca conhece realmente uma pessoa.

Os dias de inferno que passou quando a infecção se tornou incontrolável foram suficientes para ter certeza disso. Viu bons amigos meterem uma bala na cabeça quando souberam que estavam infectados com aquela doença raivosa e sanguínea que descontrolava as pessoas. Viu pessoas desesperadas se matando, pisoteadas, tentando arrumar vaga nos ônibus que deixaram a cidade. Viu policiais largando o serviço e fugindo com a família para longe. Muita gente morrendo e desamparada, pedindo socorro enquanto a ordem do governo federal era o extermínio, pois não havia cura. Depois mudaram de ideia, eram pessoas doentes, que tinham que ser tratadas. Aí a merda fedeu mais ainda.

Germano tinha colocado a ex-esposa com o marido atual e seus dois filhos em um desses ônibus e desde então, apenas dois contatos foram feitos com o campo de Registro. Um para avisar que tinham chegado e outro para avisar que o pânico tomou conta do lugar quando os militares desertaram e transformaram um lugar em um campo de concentração e

de estupros coletivos.

Muita desinformação corria naqueles dias. Existia pouca energia elétrica disponível, mas muitos radioamadores distribuíam falsas informações. O governo não tinha caído por completo. Havia sim um núcleo de tomada de decisões. As pessoas não sabiam que Brasília estava cercada por um muro de dois metros e meio de altura - apenas o núcleo central e dos escritórios do governo - com guaritas e homens armados. Lá, a vice-presidente tinha assumido o cargo quando metade do gabinete e o presidente morreram. No estado de São Paulo, o governador estava são e salvo em seu imenso palácio, bem guardado por policias militares fiéis.

Tiros ocasionais eram ouvidos. A cidade que nunca parava estava parada há meses e por isso ele podia ouvir os times de limpeza circulando pela cidade, detonando com os zumbis e procurando por suprimentos, roupas, material de limpeza e sobreviventes. Mas algumas áreas da cidade eram difíceis de entrar. O centro da cidade, os arredores do Hospital das Clínicas, da avenida Paulista, estavam infestadas por eles. Atirar neles era muito estranho. O sangue em geral jorra de uma ferida provocada por um tiro de fuzil. O deles era coagulado, caía pastoso no chão. Eles não reagiam. Olhavam para as pessoas com seus olhos baços e a boca aberta, língua e gengivas pretas, apodrecendo. Não sabia dizer o que eram. Nem se eram vivos ou mortos.

Grupos de policiais e homens das forças armadas compunham os times que rodavam pela cidade, assegurando ruas e quarteirões. Tinham que racionar a munição até o Exército trazer mais de Quitaúna, mas até o momento, tinham conseguido assegurar o bairro da Lapa. Ele temeu por muito tempo ver a total e completa desordem se manter, mas aos poucos, o choque inicial foi passando e as pessoas foram se adaptando à situação, pensando no que fazer.

E a ordem era assegurar certas zonas da cidade e localizar sobreviventes. E o principal, impedir ações das milícias que se aproveitando do caos tentaram derrubar as barricadas e até introduzir aquelas criaturas nos nú-

cleos de sobreviventes. Havia uma coisa pior que o zumbi, era o próprio ser humano.

Assim que o cigarro acabou e a sensação de fome aliviou, Germano desceu as escadas e caminhou até sua sala. Lá vestiu seu colete, se armou, ouvindo os tiros distantes, pensando na moça na detenção. O que faria com ela? Sua parca pesquisa revelou que a moça não tinha antecedentes criminais. O que em si não era muita coisa, afinal era o fim do mundo certo?

Encontrou Paulo, Fábio, Luciano e Sâmela no corredor, prontos para sair. Eles compunham um dos grupos de "limpeza" e agora iriam para a região da Barra Funda. De cabeça cheia, o delegado passou direto por eles e foram todos para o estacionamento. Mais um dia na cidade de São Paulo tomada por zumbis.

Em sete anos na Polícia Federal, Sâmela lembrava-se de poucas situações em que precisou andar tão armada e em tanta atenção pelas ruas e em missões. Na verdade, tinha passado a fazer trabalho burocrático depois de problemas com o estresse do trabalho. Mas um mundo tomado por mortos que andam e têm fome pela carne humana mudam tudo. Mudam o modo de encarar a vida em si. Mudam o modo como a morte é vista, já que ela é encontrada facilmente em todos os lugares.

Cada vez que saíam do prédio, sua adrenalina era despejada no sangue à velocidade da luz. Toda paramentada para uma missão potencialmente suicida, Sâmela já ignorava o peso do equipamento que tinha preso no corpo. Armas, munições, granadas e uma embalagem de Trident melancia já no fim. Ser mulher em um apocalipse era muito complicado. Sempre vinha um palhaço com aquela história de perpetuar a espécie. Tá bom! Ela meteria uma bala na cabeça antes de deixar qualquer babaca daqueles lhe encostar um dedo. Germano já tinha salvado sua pele duas vezes de colegas ensandecidos, com medo do dia seguinte.

Medo era a palavra de ordem. Por mais armas que tivesse, por mais treinamento que tivesse, nada tinha preparado as autoridades para o potencial destrutivo de um apocalipse zumbi, ainda mais em São Paulo, com todo o seu caos contemporâneo orquestrado nas ruas diariamente. Se o homem sempre foi o lobo do homem, o fato de ter homens mortos agindo como caçadores era tão diferente do dia a dia? Sâmela achava que não. Era só mais um dia na cidade morta, mais uma saída para garantir a segurança, a diferença é que um zumbi não escolhe sua presa. Ele não é seletivo, ele rebaixa todos os seres humanos, ricos ou pobres, negros ou brancos, homens ou mulheres em sobreviventes. Apenas sobreviventes.

Germano dirigia a picape, Sâmela ia com ele na cabine, Paulo, Luciano e Fábio atrás, garantindo a passagem tranquila com suas miras bem treinadas. Mesmo calados, ela sabia que estavam todos nervosos. Cada saída era igual. A volta era normalmente diferente. Ou voltavam com suprimentos ou voltavam com corpos de colegas. Encontrar sobreviventes ocultos nas casas era cada vez mais raro, pois com o fim dos suprimentos, as pessoas vinham morrendo de fome.

Havia ainda energia elétrica em algumas partes da cidade. Uma tropa federal guarnecia a usina de Itaipú e garantia o fornecimento para boa parte do país. O problema era nas subestações. Certas partes da cidade permaneciam no escuro enquanto outras brilhavam como uma supernova para manter os zumbis afastados, que tinham uma natural fotofobia.

O delegado andava encucado com a moça. Ela era visitada constantemente pela doutora Carla que lhe dava analgésicos e levava comida. Na verdade, ele não sabia o que fazer com ela, que já estava havia quase uma semana na detenção, pedindo para sair de lá. Ninguém gosta de ficar encarcerado, mas ela provavelmente estava no lugar mais seguro da cidade.

Até a Barra Funda o caminho estava parcialmente limpo. Eles tinham conseguido assegurar toda a região da Lapa de baixo até perto da ponte destruída do Piqueri e conseguia manter o mercado municipal do bairro com energia e funcionando. A guarda nacional ocupava o lugar, distri-

buindo o que havia de alimento ali, que já estava no fim. Também asseguraram os mercados da região, e era com isso que eles mantinham os níveis de comida e bens de higiene e limpeza.

Nem tudo eram flores. Milícias constantemente saqueavam os mercados que ainda restavam na área em que a energia ainda era fornecida. Germano sabia que era uma questão de tempo até a comida industrializada acabar e este tempo estava chegando. Havia membros da guarda nacional nos depósitos de grandes supermercados, indústrias alimentícias, granjas, açougues de grande porte, mas o problema era a distribuição.

A ideia de ir para a Barra Funda foi de Fábio. Havia um campo de refugiados isolado na serra da Mantiqueira com condições de receber pelo menos mil sobreviventes de São Paulo. Era pouco, mas eles já contavam com 9 mil e subindo. Mas para fazer isso, precisavam de ônibus, coisa que no terminal rodoviário da Barra Funda tinha de montes. A região, no entanto, era pra lá de movimentada na época pré-dia Z. E ainda era com a quantidade de mortos rodando por ali. Dois dias antes, Germano pediu ao governador que ligasse a energia da região. Assim, o terminal brilhou como um show de rock e afastou a maioria dos zumbis da área. Desde a evacuação mais de um ano atrás que os ônibus estavam lá parados, então deviam ter combustível e espaço suficiente para transportar se não todos de uma vez, aos poucos pelo menos.

O terminal da Barra Funda era um grande complexo metroviário e rodoviário. Tinha um movimentado terminal de ônibus municipais, além de ser a última estação da linha vermelha do metrô na zona oeste e uma linha de trem da CPTM. Era um eixo que direcionava os usuários para diferentes regiões da Grande São Paulo, agora um fóssil encravado numa região morta, com mato crescendo pelas fendas do asfalto. Os trens enferrujavam nos trilhos, as catracas estavam em silêncio.

Quando a picape parou, Sâmela viu alguns dos malditos perambulando sob a cobertura do terminal de ônibus municipais. Engatilhou a arma, estourou a bola do chiclete e abriu a porta. Hora de agir.

Capítulo 8

A rotina já estava tão bem cristalizada na cabeça de cada um, que Germano não precisava mais dizer nada. Munições verificadas, armas destravadas, silêncio absoluto e fala baixa. Eram as palavras de ordem. Todas as armas que carregavam tinham que estar engatilhadas e prontas para uso antes de saírem do prédio da Polícia Federal. Do lado de fora do terminal urbano, cada um deu uma última verificada nos arredores, e caminharam em direção às escadas que levavam ao mezanino da estação.

Num dia normal, a Barra Funda tinha um movimento constante de trens do metrô e da CPTM, ônibus fretados, municipais e ônibus de viagem, chegando e partindo. Lojas, lanchonetes, livraria, farmácia, uma lotérica, guichês de atendimento e venda de passagens, recarga de bilhete único, tudo isso compunham um emaranhado comércio e um vai e vem de passageiros, funcionários e trabalhadores, que mantinham viva a estação.

A ideia do governo era criar um corredor seguro de passagem de tropas e sobreviventes entre o estádio do Pacaembu, onde tinha um centro de refugiados sob guarda militar até o prédio da polícia federal, mas as milícias vinham fazendo um bom trabalho em recrutar jovens soldados para suas frentes de saques e violência. O que o governo ainda tinha em mãos era um efetivo reduzido em menos da metade, pois uma parte morreu ou se transformou e a outra desertou.

Cabia a Germano tentar tornar esse corredor de segurança realidade. Ele mandou construir barricadas em todas as grandes avenidas e despachou equipes para vasculhar edifícios, casas e comércios. Mas mesmo assim tinham problemas. O hospital Sorocabana na Lapa tinha sido bombardeado quando o surto lá se tornou incontrolável, mas o hospital São Camilo era um foco de mortos-vivos e volta e meia, eles se aventuravam a descer as ruas.

Sâmela estourou outra bola de chiclete, enquanto sentia o dedo no gatilho do rifle de assalto com silenciador fornecidos pelo Exército e que era a melhor arma que tinham. Assim podiam abater os zumbis sem fazer muito barulho, o que era uma diferença entre vida e morte para cada um deles. Olhando para os colegas, enquanto eles vasculhavam os cantos do terminal urbano cimentado e abandonado, percebia que para eles era mais um dia, mais uma missão. Incrível como as pessoas acabam se habituando à tragédia de maneira tão insensível.

Um grupo de doze zumbis estava rodopiando no lugar, presos pela penumbra da laje da estação que suportava um jardim, agora um mato sem controle que crescia avidamente nos canteiros. Tiros rápidos e certeiros derrubaram todos eles, alguns ainda sem moviam, mas seus joelhos estavam estraçalhados por tiros e assim não podiam ficar em pé. Germano rodou no lugar com o fuzil vendo se estavam sendo seguidos, enquanto os companheiros subiam rapidamente as escadas.

A plataforma de embarque do metrô, sempre apinhada num dia normal, estava abandonada. Mato crescia por entre os trilhos onde alguns ratos circulavam, enquanto o trem já enferrujando estava parado logo no começo da plataforma, forrada de papéis, folhas, mochilas, bolsas e roupas que ficaram da correria da evacuação. Sâmela pegava o metrô para ir para a faculdade naquela mesma plataforma antes de entrar para a polícia. Tempos distantes.

Lá em cima, eles saíram ao lado da delegacia do metropolitano, onde os casos ocorridos dentro da estação eram registrados e onde os famosos urubus (seguranças da estação que usavam roupas pretas, daí o nome), eram baseados. Muito pó e folhas secas se acumulavam pelo chão. A estação era aberta nas laterais e, portanto estava à mercê das intempéries após tantos meses de abandono e falta de manutenção. As plantas se avolumavam no canteiro à direita da escada enquanto à esquerda era uma queda livre até os trilhos. Enquanto Paulo verificava os escritórios da delegacia, Fábio vasculhou os banheiros. O terminal rodoviário era do outro lado, passando os trilhos, uma caminhada não longa, mas que só tinha um

caminho. Germano ia à frente, enquanto os companheiros verificavam espaços vazios e fechavam portas.

A grande rampa que atravessava a avenida e conduzia os passageiros para as catracas tinha uma barricada de sacos de areia e uma grande metralhadora de assalto estacionada nela. O cheiro forte denunciava, tinha zumbis ali. Sâmela estourou a cabeça de um que abriu a boca enegrecida em sua direção. Ele tombou por trás dos sacos de areia. Uma segunda rampa de acesso estava também bloqueada e inacessível. Eles correram até o final do mezanino, onde ficavam as escadas e rampas para o terminal rodoviário. Enquanto Sâmela cuidava da passagem, Germano, Luciano e Fábio seguiram correndo até as plataformas lá embaixo. Ela guardava a rampa norte, Paulo guardava a rampa sul, ambas bloqueadas por barricadas.

Diversos ônibus de viagem estavam parados na plataforma, sujos e mal cuidados. Havia algumas malas pelo caminho, alguns corpos já bastante deteriorados estendidos, muita sujeira e poeira. Os pneus de alguns deles estavam murchando. Teriam que dirigir vários deles até a garagem da PF e lá fazer alguns reparos. Se não tivesse chave na ignição não tinha problema, eles tinham uma chave universal para isso, mas o problema era a bateria. Germano esperava que pudessem ligá-los sem mais problemas. Fábio e Luciano foram abrindo as portas para vasculhar o interior daqueles que pareciam ter mais condições de viajar. Enquanto isso, Germano seguiu pela plataforma e saiu na direção da avenida que passava pelo lado norte do terminal. A grade tinha sido derrubada. A ideia do delegado era ir até o posto de saúde que existia no final da calçada, já quase fora da Barra Funda. Remédios e vacinas eram essenciais, porém, durante meses o terminal esteve no escuro. O que quer que as geladeiras tivessem, já não prestavam mais.

O cheiro denunciava o que ele encontraria e encontrou. Corpos amontoados em sacos pretos e mortalhas dentro do posto que estava revirado. O ar estava tão carregado com o ar pútrido que Germano conseguiu pôr para fora o meio pão com leite que comeu pela manhã. Quase escorregou no necrochorume que estava mais ou menos seco na calçada lisa. Fábio e Luciano se olharam com certa ironia no olhar. Nunca tinham

visto Germano vomitar antes. Nunca o tinham visto demonstrar fraqueza nenhuma.

Sâmela enchia uma bola de chiclete e a estourava. Sempre fazia isso quando estava nervosa. Mesmo que achasse que não estava, mas estava. Pegou-se olhando para as roupas em uma vitrine quebrada à sua frente. Estavam expostas e sujas pelo tempo, as máquinas de cartão ainda sobre o balcão.

Um barulho súbito chamou sua atenção e ela estendeu o rifle para frente, sentindo o coração disparar. Tinham sido passos?

_ Paulo, Sâmela, situação? - Germano perguntou pelo rádio.

_ Plataforma sul, tudo limpo - disse Paulo observando a fachada da universidade do outro lado da rua.

_ Plataforma norte - Sâmela estava tensa - tudo limpo.

Ela ouviu o barulho de novo. De longe, Paulo via sua movimentação.

_ Sâmela? - ele apertou o botão do rádio no colete.

_ Segue.

_ O que cê viu aí?

_ Não sei, ouvi um barulho.

_ Deve ser um cachorro perdido - sabia que ela se assustava à toa.

Passo após passo, ela seguiu em direção a um quiosque da Casa do Pão de Queijo que ficava na entrada dos guichês de venda de passagens rodoviárias. Podia sentir o suor escorrer da testa. O barulho ficava cada vez mais alto. E esse ela conhecia. Viu pés estendidos saindo de trás do balcão verde. Sangue escorria. Um som típico de mastigação subia no ar. Quando

Sâmela apontou o rifle e mirou, era uma criança, uma menina. Cabelos emaranhados, olhos mortos e baços, boca cheia de sangue e carne. Sem conseguir reagir à cena, Sâmela abaixou o rifle e sentiu lágrimas virem aos olhos. Sua pequena tinha morrido em um hospital quando levou uma mordida no braço de uma professora logo nos piores dias da infecção. E curiosamente, apesar de sua filha ser mais nova, ambas se pareciam nas feições do rosto. Ela comia o que restou de um homem. O abdômen estava aberto e as tripas estavam todas roídas. Ele usava o uniforme preto dos seguranças do metrô.

Dando passos para trás, sem saber como agir, esquecendo-se do dever, da arma, ela pensou que deveria se afastar, apenas se afastar do perigo. Mas era uma daquelas coisas desprovidas de alma, de caráter, de identidade, que poderia matar alguém. Pelo estado do corpo da menina, ela tinha se transformado recentemente. Um rugido conhecido se ergueu no ar. Sâmela podia ver sua sombra por trás do balcão, oscilando. Viu a sombra se tornar maior, ela estava se levantando.

_ Sâm? - Paulo perguntou pelo rádio ao vê-la estacar no lugar em que estava.

A menina apareceu banhada em sangue e apesar do primeiro tropeço, ela olhou fixamente para Sâmela e correu em sua direção. Sem conseguir pegar o fuzil para mirar, ambas foram ao chão. E foi então que tudo aconteceu ao mesmo tempo. Enquanto as duas iam ao chão, Paulo levou um susto, mas teve tempo de reagir. Apoiou um joelho no chão, posicionou a arma junto ao ombro e disparou. Sâmela sentiu um zupt! muito rápido zunir perto do seu rosto e a menina tombou ao seu lado. A respiração estava rápida e Sâmela sentia o coração galopar no peito. Estava tremendo. Nunca tinha sofrido um ataque desses antes, sempre conseguiu evitar essas coisas muito bem. Mas crianças zumbis eram sempre um problema.

_ Sâm… - Paulo a ajudou a se levantar, tendo surgido do nada - Fala comigo, cê tá bem?

_ …. hã?

_ Acorda, tá bem? Ela te mordeu?

_ Não - olhou para as mãos trêmulas, nada de marcas - Nada, estou bem.

_ Levanta.

Pouco jeitoso, ele segurou na alça que ficava nas costas do colete e a colocou de pé. As pernas estavam um pouco trêmulas, mas estava de pé. Paulo observava a criança. Entendia a falta de reação da colega. Crianças transformadas eram a pior parte. Sâmela nem queria olhar. Ele lançou um olhar compreensivo e sem esperar um agradecimento, voltou para sua posição.

Afastando-se do pequeno corpo que jazia agora morto definitivamente, Sâm puxou seu cantil que estava preso na cintura e tomou um gole de água. Sentia um gosto de ferro na boca, provavelmente, ela mordera a língua na hora do ataque… Ou será que…

Júlia passava os dias na cela da detenção. Tinha cama, banheiro e até uma televisão com um DVD. Nos canais abertos havia apenas o aviso de transmissão de emergência ativado. Fora isso, nada. À sua disposição tinha Minority Report, Alien e Madagascar. Ao menos servia para se distrair.

Uma moça chamada Sâmela sempre fazia a sua guarda. Um outro sujeito trazia comida e água três vezes ao dia. Mas sentia que eles não sabiam bem o que fazer com ela. Nem Júlia sabia o que fazer. A ficha lentamente caía de que um ano se passou desde a morte do Leo, em que esteve sozinha durante todo esse tempo, lutando para sobreviver e tentar manter tudo o que era dele consigo. Mas de alguma maneira sentia que esse tempo teria que ficar para trás em algum momento.

Um dia de manhã o delegado Germano apareceu. Júlia estava enrolada

numa manta na cama, sentindo a cabeça pulsar de dor. Ele parou para observá-la, com as mãos entre as grades e com um gesto leve de cabeça, Sâmela entendeu que era para abrir a cela.

_ Vamos dar uma volta - disse ele.

Não sabia bem o que era, mas Germano passava uma autoridade e um frio que nunca sentira com ninguém antes. Foi por isso que sentiu o estômago afundar quando começou a segui-lo. Atrás dela, vinha sua segurança, estourando bolas de chiclete, paramentada como se estivesse em uma missão.

Os três foram até a pista do heliporto do prédio da Polícia Federal. Havia uma vista bem abrangente daquela parte da cidade, calma, em silêncio mortal. Júlia automaticamente observou a direção de sua antiga casa no Imirim. Nunca conseguiria chegar lá. Se bem que não tinha nada para ver ali. Acendendo um cigarro, Germano tragou profundamente, enquanto colocava seus óculos de sol preto, deixando com uma cara de menos amigos, menos do que sempre apresentava. Sâm ficou sentada nos degraus, tirando a sujeira embaixo das unhas com a ponta de um canivete. O sol banhava a cidade, quente e amigável.

_ Não consigo decidir o que fazer com você - ele falou.

_ Não é um pouco tarde para sentir remorso? - Júlia estava acostumada a ficar na defensiva.

Germano soltou a fumaça devagar, observando a moça magra, com olheiras e braços cruzados que parecia não ter medo de ter que enfrentar sua ira. De fato, um comportamento desses apenas indicava uma coisa: ela enfrentara coisas piores.

_ Júlia Padocci Vigário, estudante de Química, terceiro ano, bolsista do governo. Desaparecida desde a evacuação da cidade. Morava no Imirim

com mãe e avó - ele falava e a rodeava ao mesmo tempo - Eu tenho uma teoria do que aconteceu com você, mas prefiro que me conte.

_ Por quê?

_ Você tinha muita munição naquele carro, mocinha e lamento informar que vou ser obrigado a confiscá-las, pois até onde eu sei, você pode ter matado o policial e ficado com tudo o quer dele…

_ Ele morreu sim! - sua voz subiu uma nota com lágrimas pendentes nos olhos - Tive que meter uma bala na cabeça dele quando ele virou uma dessas… coisas! A gente já tava sem comida, ele tinha ido buscar mais… - sua voz falhou.

Sâmela olhou para trás quando a ouviu gritar. Germano permanecia imóvel, indecifrável por trás dos óculos. Quase podia ouvir as engrenagens na sua cabeça rodando, pensando no que fazer.

_ Por que não saiu da cidade quando as evacuações começaram? - ele perguntou bem calmo.

_ O centro de triagem… uma confusão, eu não sabia o que fazer. Eu só corri. Foi quando explodiram a ponte e eu desmaiei. Acordei no apartamento do Leo e dali a gente fugiu pro interior - seu tom era de derrota.

Tragando ainda mais fundo seu cigarro, ele foi até a beirada do heliporto, pensando, como se a fumaça em seus pulmões fosse um estímulo. O erro já tinha sido cometido, ele trouxe a moça para dentro do prédio e a tratou. Era tarde demais para se arrepender. Sua história parecia sincera, aliás era mais coerente, ela não possuía aquele perfil de matadora sem escrúpulos. Somente o som das bolas de chiclete estourando podiam ser ouvidas.

Ele coçou a cabeça e se virou, dando uma última tragada e jogando no chão, esmagando com a sola do coturno.

_ Amanhã eu e a minha equipe vamos pegar alguns ônibus de viagem na Barra Funda. O governador quer evacuar o centro de triagem do Paca-

embu para um lugar mais seguro na semana que vem. Você vai com eles.

_ O que? - ela se assustou.

_ Acha que vai ficar na cidade? Além desses zumbis malditos eu tenho milícias por toda essa merda, não vai ter lugar pra você aqui. Seu carro e suas armas ficam confiscados, preciso deles aqui.

_ Não, por favor.

_ Sâm, leva de volta pra cela.

Sâmela percebeu a decepção palpável no ar que emanava de Júlia. Pegou em seu braço e a colocou no caminho. Desceram escadas, atravessaram corredores, pessoas indo e vindo, e para Júlia tudo parecia um filme. Ela não sabia de qual gênero era, mas certamente era de péssimo gosto. Entrou de forma automática na cela, ouvindo o fecho se trancar. Virou-se rapidamente e observou a moça que a trancava mais uma vez.

_ Me tira daqui, por favor.

Ela continuou em silêncio e de olhos baixos. Um erguer de sobrancelhas emblemático dizia tudo, algo como "não posso fazer nada". Guardando a chave nos bolsos, ela voltou a se posicionar no corredor, com a arma presa a um colete preto com o símbolo da Polícia Federal. Sâm nunca puxava papo. Ficava apenas ora em pé, ora sentada durante seu turno, os cabelos presos num rabo de cavalo meio bagunçado, mascando seu chiclete. De noite vinha um cara que nunca ligava para Júlia na cela, pois sempre estava com fones no ouvido. O silêncio da madrugada a fazia ouvir as guitarras do Slayer, abafados pelas orelhas do homem.

Às vezes ela ouvia tiros. Eram distantes, mas certamente tiros. Conhecia bem aquela parte da cidade, imaginava como era difícil para manter as ruas livres de zumbis. Se no interior existiam mais milicianos do que zumbis, em São Paulo eles deviam estar em proporções iguais. Talvez fosse por isso que o contingente de agentes federais no prédio era baixo.

Mesmo que ainda houvesse algum governo para tentar manter a ordem e a civilização, não mudava o fato de haver carniceiros sanguinários e zumbis lá fora.

No dia seguinte, ao acordar, não era Sâmela que fazia sua guarda. Na verdade, não havia ninguém no corredor. Tentando observar o corredor, viu apenas uma porta fechada. Sabia que a presença de um guarda a cada doze horas para vigiá-la era um excesso de preocupação, nunca conseguiria abrir aquela tranca, mas a completa ausência de gente no corredor também a perturbou. Sabia que eles pretendiam pegar os ônibus na Barra Funda, talvez isso tenha recrutado todo mundo.

Seu dia passou quente, à base de DVDs que já tinha visto e água. Levaram comida ao meio-dia, mas ninguém respondeu sobre onde estavam os outros ou se já tinham chegado. De fato, levar comida era um aborrecimento para o cara que sempre chegava emburrado e lhe passava a comida por uma abertura mais larga nas grades.

Um barulho súbito a fez acordar do cochilo. Já era noite, tudo estava escuro, exceto pela luz fraca que vinha de alguma sala no corredor. Sentindo o coração bater descompassado, Júlia sentou na cama, passou as mãos no rosto, esfregou os cabelos e se levantou, tentando dar uns passos para se acalmar. Foi então que ouviu a gritaria, tiros, barulho de rodas raspando no asfalto, palavras de ordem perdidas na escuridão. Uma janela pequena e com grades era sua visão para o mundo lá fora, mas ela dava para o rio e não para a avenida. Barulhos de holofotes se ligando e sua cela brilhou como se fosse dia. Explosões, vozerio, tiros e mais tiros sem parar.

_ Alguém abre essa cela, me tirem daqui! - ela sacudia as grades.

Ninguém a ouvia. Não havia ninguém ali.

Paulo fazia sua usual ronda a passos demorados pelo corredor do mezani-

no da estação Barra Funda, vigiando a entrada sul do complexo. Sentia o estômago roncar. De seu ponto de vista, via Sâm fazendo o mesmo na entrada norte, andando de cabeça baixa, imersa em seus pensamentos. Fazia meia hora que Germano, Luciano e Fábio tinham deixado o terminal dirigindo três ônibus de viagem de volta ao prédio da polícia federal. Eles voltariam em uma hora para levar mais três e assim ficariam a tarde toda se tudo desse certo. Havia pressa para esvaziar o centro de refugiados do Pacaembu. Além da milícia que se aproximava, um núcleo de zumbis bastante relevante estava nas imediações, descendo dos bairros. Germano fazia voos constantes de helicóptero pela área, mapeando as regiões perigosas e mandando construir barricadas.

Os três não usariam a picape que continuava estacionada lá embaixo, para o caso de Sâm e Paulo precisarem de uma saída estratégica. Muita coisa podia dar errado numa missão assim, apesar de terem feito saídas muito calmas nas últimas duas semanas. Os zumbis estavam confinados em corredores sem luz pela cidade, enquanto o corredor de segurança criado por Germano permanecia praticamente inviolável. Havia barricadas nas ruas que impediam a ação tanto de zumbis quanto de milicianos. Estes últimos eram o principal problema. Eles dominavam a região alta da Pompeia e eram uma dor de cabeça constante enquanto tentavam forçar passagem para a zona norte da cidade. A única ponte funcional que conectava a região montanhosa da ZN com o resto de São Paulo era a ponte do Piqueri, reconstruída com material do Exército, fortemente guardada pela guarda nacional.

Um vento de chuva varreu as folhas secas do piso do mezanino onde Paulo fazia sua curta caminhada. Foi então que ele estacou no lugar e se abaixou.

_ Sâm!

Assustando-se com a chamada súbita pelo rádio, ela se virou e o viu abaixado, olhando com atenção por sobre a mureta da rampa barricada para alguma coisa na avenida lá embaixo. Automaticamente ela se abaixou

também e apertou o botão do rádio, sentindo o coração acelerar.

_ O que foi?

_ A Fúria - ele disse baixo.

A Fúria era uma milícia perigosa formada por policiais militares, alguns da civil e até homens do Exército que tomaram o centro de sobreviventes da Vila Mariana e imediações, além de saquearem as delegacias para estarem bem armados. Eles limparam os túneis do metrô da linha verde e assim tinham uma grande mobilidade por boa parte da cidade, evitando os bolsões mal cheirosos de zumbis. Eles inclusive dominavam a Avenida Paulista, uma farpa dolorida no ego de Germano. Com a ajuda de um grupo de técnicos da Eletropaulo, eles mantinham linhas de transmissão abastecendo de energia as regiões dominada. Germano pedira três vezes ao governador que desligasse a chave ou que mandasse explodir as torres que levavam energia à Fúria, mas ele negou, dizendo não querer deixar os sobreviventes no escuro. De fato, era crueldade deixar os aproximadamente seis mil paulistanos que viviam com os milicianos no escuro. Uma Blazer que era antigamente da Polícia Militar parou um pouco antes da entrada do terminal urbano, com o símbolo de um tridente pintado na lataria por sobre a tinta vermelha e cinza e do brasão da PM.

Sâm procurou abrigo nos banheiros perto da ala de embarque do terminal rodoviário. Fechou a porta com cuidado e a trancou e ficou de olho pela fresta no que acontecia lá fora. O cheiro podre no banheiro indicava a presença de corpos que lá se deterioravam.

Paulo começou a recuar a passos calculados, na tentativa de chegar à delegacia do metropolitano para se esconder, mas ao se virar, deu de cara com o cano de uma calibre doze apontada para sua cabeça. Um miliciano apareceu por suas costas e soltou o fecho do colete que segurava seu pesado fuzil junto ao corpo. Ele foi completamente desarmado, faca, pistola, munições, granadas, gás, até seu colete. A arma continuava apontada para sua cabeça, enquanto seu rosto esboçava uma raiva contida com um sorriso meio torto no rosto.

_ Tá rindo de que, palhaço? - perguntou o miliciano com roupa camuflada cinza e preta com a arma na sua cara.

Antes que Paulo pudesse despejar alguma gracinha, como era característico de sua parte, um terceiro miliciano chutou seu joelho e ele foi obrigado a ir ao chão. Aquele devia ser o líder, o tal do capitão Gouveia. Sua farda indicava que ele era da Rota, farda esta que estava impecavelmente limpa e bem ajustada em seu corpo. Estranho o líder da Fúria estar rodando pela cidade. Sâm sentia a respiração acelerada, enquanto pensava no que fazer. Gouveia era muito alto e largo, tinha os cabelos pretos cortados à máquina, muito rentes à cabeça, um queixo rígido e uma barba cobrindo parte de sua face.

_ Onde estão seus colegas? - perguntou Gouveia.

Paulo estava ajoelhado, mãos na cabeça, olhando para o vazio, sem nem ligar para a presença dos milicianos ao seu redor. Debochado e irônico como ele costumava ser, Sâm imaginava o que se passava por sua cabeça. Gouveia então pegou o rádio e apertou o botão.

_ Está por aí, Germano?

Germano ergueu o punho fechado e Luciano e Fábio imediatamente pararam a corrida. O trio tinha acabado de sair da garagem do prédio e corria pela avenida para voltar ao terminal alguns quilômetros longe dali. Reconhecia aquele tom de voz rouco e orgulhoso em qualquer lugar. Pensando bem no que diria, Germano segurou o rádio e apertou o botão de transmissão:

_ O que você quer, Gouveia? Essa é a minha frequência.

_ Eu sei. Seu bom amigo Paulo fez a gentileza de me dar seu rádio.

Fábio praguejou baixo e rodou no lugar, enquanto Luciano ouvia a conversa. Fazendo um sinal com a cabeça, Germano ordenou que voltassem todos para a garagem. Precisavam pensar em alguma coisa.

_ O que está fazendo aí, Gouveia? Essa é a minha região.

_ Eu sei. Eu vim buscar uns ônibus, já que estou com dificuldades de chegar ao Jabaquara e ao Tietê - dois grandes terminais rodoviários da cidade - E qual não foi a minha surpresa ao encontrar seu bom amigo Paulo aqui.

O barulho seco de pancada foi ouvido pelo rádio. Alguém descia socos em Paulo, que resistia bravamente, enquanto Sâm olhava os milicianos chegando, sem nada poder fazer, ou seria sua vez na tortura.

_ Pretendendo alguma ação para os próximos dias?

_ Por que, tá interessado em ajudar? Fazer valer seu juramento uma vez na vida, quem sabe - Germano sentia o sangue ferver.

_ Ao invés de lutar contra mim você devia era me ajudar. Eu furei seu corredor, Germano, eu cheguei até aqui, não cheguei? Você está em menor número, devia era se juntar ao meu movimento.

_ Eu tenho um dever a cumprir, coisa que você esqueceu quando traiu seu juramento e virou a casaca.

_ Eu tenho seis mil pessoas sob a minha tutela num bairro infestado de zumbis - ele falou com desafio - Acho que estou tendo tanto sucesso quanto você. Teria mais se me entregasse sua parte da cidade.

_ Vai se foder, Gouveia.

Dando um sorriso irônico, Gouveia sacudia a cabeça, inconformado com a teimosia do delegado que insistia em chamá-lo de bandido. Com a ordem das coisas tão confusa como naqueles dias, o governo não tinha mais condições de dominar nada, era hora de pessoas capazes garantirem a sobrevivência daqueles que precisavam de segurança. A Fúria garantia a segurança de mulheres e crianças sob sua responsabilidade, diferente de outras milícias pela cidade e pelo interior, que promoviam estupros em

massa e execuções para garantir o tamanho da comunidade. Mas nem tudo eram flores. Gouveia sabia que muita gente desequilibrada tinha armas nas mãos e um pau nas calças que não sabia segurar.

_ De certa forma eu esperava isso de você, Germano.

Sacando sua arma no coldre à sua cintura, Gouveia disparou contra a cabeça de Paulo, que tombou violentamente contra o chão, inerte. Sâm pulou no lugar e abaixou a cabeça, contendo o choro. Germano sentiu o tiro como se fosse na sua cabeça e não se controlou.

_ Seu desgraçado! Filho da puta, cretino!

_ Estou levando os ônibus comigo e obrigado por limpar o terminal pra mim.

Com um corte seco na comunicação, Germano sentiu o suor escorrer da testa. Luciano e Fábio o observavam espantados, tendo ouvido tudo o que acontecera.

_ Ele não falou da Sâm, ela ainda deve estar viva - Fábio pareceu otimista.

_ E o que ela pode fazer? Ela vai se esconder e tentar voltar pra cá - já Luciano era mais realista - E agora?

Andando no lugar, pensando no que fazer, Germano sabia que era uma questão de tempo até Gouveia lançar um ataque contra eles. Sabia que A Fúria crescia a cada dia com deserções e resgates de sobreviventes e em breve eles estariam cercados.

Sâm sentou no chão segurando o choro de desespero e tristeza por Paulo, executado, abatido como um animal. Paulo ainda conseguiu manter um sorriso irônico até na hora do disparo. A Fúria vasculhava o terminal em

busca de qualquer coisa que servisse como moeda de troca, mas já não tinha muita coisa por ali. Pegaram algumas roupas das lojas e outras bugigangas, mas no final, não tiveram tanta sorte. Nem usar o rádio ela podia, pois os capangas da milícia poderiam ouvir. Permaneceu imóvel no lugar, como se até seus ossos estalando pudessem ser ouvidos.

Seu coração pulou descompassado com alguém mexendo na tranca da porta do banheiro.

_ Fechada!

Ouviu o homem gritar e seus passos se afastarem. Uma segunda vez alguém tentou sem sucesso e Sâm podia ouvir uma conversa indistinta ao longe. Para evitar que a porta fosse aberta, ela usava a si própria como tranca, barrando a entrada. Tremeu ao ver as sombras se aproximando e sumindo, sentia o coração acelerado. Suava em profusão embaixo do pesado colete. Em uma das cabines do banheiro, um corpo há muito decomposto lhe mandava um olhar macabro. O ar mofado era ruim de respirar. Após umas duas horas abaixada no chão sujo do banheiro, sentindo o suor verter da testa, com a arma engatilhada no colo, ouviu A Fúria deixou o lugar em comboio.

Tentando olhar pela fresta da porta, ela nada conseguia ver além do piso de granito do mezanino. Desvirando a tranca com cuidado para não fazer barulho e ainda rente ao chão, Sâmela espiou o lado de fora. Nada. Nenhum movimento. Sujeira e folhas pelos corredores, cadeiras e bancos. Dando passos difíceis por estar agachada, ela conseguiu sair do banheiro e se jogar rente à mureta, por onde observou as catracas da estação. As grades que trancavam a entrada do metrô estavam caídas, talvez quando a população entrou em pânico e tentou invadir o lugar. Mas fora isso, não havia movimento. Quando olhou para o lado de fora, reparou que tinha problemas. Estava escurecendo. E ficar à noite na rua não era nem um pouco seguro. Como se não bastassem os zumbis nas zonas de sombra, tinha muito marginal que conseguia se virar sozinho e matava quem aparecesse pela frente. Quando tentou usar o rádio, ele apitou o sinal de bateria fraca. Era o que faltava, ela revirou os olhos…

De pé, ela foi até a rampa onde estaria Paulo. Seu corpo estava lá, nu. Levaram até mesmo suas meias. Ela queria mesmo era o rádio dele, mas vendo-o naquele estado, ela precisou voltar por onde veio. Rodando no lugar sem saber exatamente o que fazer, Sâm respirou fundo, prendeu novamente o cabelo, pondo mechas irregulares no lugar e olhou ao seu redor. Se conseguisse correr pela avenida principal até o prédio da polícia federal talvez chegasse a tempo.

Um barulho repentino a assustou. Apontando o pesado fuzil para a fonte do som, ela nada viu. Pensou ter ouvido passos. Uma garrafa pet vazia saiu rolando de trás de um quiosque do Rei do Matte. Outro zumbi? Caminhando com cuidado, Sâm foi chegando perto. Mas não havia nada. Ao olhar no fundo do mezanino, viu o alojamento dos funcionários e seguranças, onde havia refeitório, vestiários e sala do supervisor. Achou estranho a porta balançar. O vento batia de norte para sul naquele dia, não de leste para oeste. Ajeitando o fuzil no ombro e deixando o dedo no gatilho, ela caminhou até lá. Sabia que no fundo da estação existiam escadas de serviço que levavam aos trilhos. Saindo pelos trilhos, seu caminho seria mais fácil do que pela avenida. Contornando bancos, balcões e quiosques, ela olhou para o interior. A porta do fundo estava aberta, jogando um pouco de luz do dia lá dentro. Em breve, Germano acenderia as luzes.

Qual não foi sua surpresa quando uma sombra empurrou a porta e a derrubou com violência no chão. Um tiro disparado de susto parecia ter deixado a figura ainda mais descontrolada, que arrancou o fuzil de Sâm e o jogou deslizando pelo chão. Munido de um cassetete preto, o indivíduo começou a bater em Sâm com violência, mas ela se protegia com o braço. Prendendo um pé atrás do calcanhar do agressor, ela bateu em seu joelho com o pé livre e ele caiu gritando de dor por sobre o joelho bom. Antes mesmo do cassetete cair no chão, Sâm o pegou no ar e bateu em sua cabeça com força.

_ Pare! Pare, por favor… pare!

Foi então que ela percebeu que um zumbi não gritaria de dor nem falaria. Com a estação cada vez mais obscurecida, ela ligou a pequena lanterna presa em seu colete. O homem caído no chão, sem se barbear, vestido com um uniforme preto bastante puído era um dos seguranças da estação Barra Funda. Ele a atacou com seu cassetete de serviço, já que não podiam portar armas. Mas para todos os efeitos, ele tinha poder de polícia nos limites da estação.

_ Você quer morrer, seu otário?! - ela esbravejou, tendo que controlar o nível da voz.

_ Eu fiquei com medo que fosse a Fúria… - ele resmungou.

_ Tá sozinho?

_ Meu colega morreu hoje, estamos aqui desde que tudo começou.

_ E não pensou em ficar com a família? - ela o ajudou a se levantar.

_ … se eu tivesse - ele levou a mão à cabeça, que sangrava onde Sâmela o atingiu - Você é federal - ele disse com surpresa.

Sem nada dizer, Sâm pegou de volta seu fuzil e limpou o sangue no lábio. Colocou-o no seu lugar de costume e se aproximou dele, deixando a arma pronta. O braço doía pelas pancadas, mas não estava quebrado.

_ O que aconteceu, por que está aqui? - ele perguntou.

_ A Fúria matou meu colega e eu fiquei pra trás. Tem alguma saída desse lugar que a gente possa…

Tiros, explosões, gritos. Tudo isso não muito distante dali os deixou em alerta.

_ O que foi isso? - o segurança se assustou.

_ Deve ser minha equipe… ou a Fúria - ela admitiu com relutância.

O ambiente estava mais escuro do que deveria. Germano já deveria ter acendido as luzes. O que ele pretendia? Não conseguia enxergar nada com clareza no final do corredor. O segurança mancou até ela e de fato, estava bastante escuro do lado de fora. O corredor iluminado de segurança que o delegado tinha criado não estava acesso.

_ As linhas estão seguras?

_ O que? – ele a observou sem entender a pergunta.

_ A linha do trem está segura? Tem zumbis nela?

_ Deve ter… mas o que você vai fazer?

_ Tenho que voltar para o prédio - ela verificava munição, olhou todas as suas armas, enquanto o segurança imaginava se ela louca ou não.

A linha vermelha do metrô terminava na Barra Funda, mas a linha do trem ia sentido interior e passava muito perto do prédio da polícia federal. Se seguisse por ele, a Fúria não a veria e ela teria alguma vantagem. No entanto, se havia zumbis ali, ainda mais com aquele escuro, ela teria um problema sério. Olhando para o horizonte escurecido, vendo os contornos da serra sumirem na penumbra, ela sentiu o coração acelerar. Devia mesmo fazer aquilo? Mais barulhos de tiros e explosões se seguiram ao seu pensamento. Hora de agir.

_ Você vem? - ela o olhou.

_ Você é doida, é? Deve tá cheio de zumbis nos trens da CPTM, nos trilhos, no terminal Lapa…

_ Fique então.

Descendo as escadas rapidamente, Sâm colocou mais um chiclete na boca

e começou a mastigar freneticamente enquanto corria pelo trilho. Trens enferrujavam nas plataformas, um cheiro pútrido vinha de algum lugar. Seria uma longa caminhada.

Capítulo 9

A noite estava estrelada, mas não tinha lua. O que era péssimo para quem corria no escuro. A lanterna acoplada em seu colete ajudava a ver um pouco o caminho, mas não era uma grande colaboradora quando se está correndo. Muitas sombras surgem ao mesmo tempo, a pessoa imagina passos, vê coisas. Sâmela começou a suar com a corrida. Seu colete cheio de equipamentos, seu pesado fuzil, as horas agachada num banheiro fugindo da Fúria, tudo isso cobrava seu preço após meia hora correndo. Ela ofegava, o suor pingava da testa. Mas por enquanto, os trilhos estavam vazios.

Tiros e explosões continuavam em algum lugar a leste de sua posição. Ela sabia que vinham dos arredores da ponte do Piqueri, onde ficava o prédio da Polícia Federal. Porém, não conseguia compreender o que estava acontecendo. A Fúria resolveu atacar? Se sim, Germano manteve as luzes desligadas para liberar os zumbis das zonas de sombra e assim dar mais um trabalho aos assim chamados "revolucionários". Reacionários de merda, isso sim, Sâmela ruminava.

Os trilhos do Metrô foram tranquilos. Alguns trens descansavam em seus locais finais, enferrujando. Portas fechadas, nenhum operador. Sâm conseguiu atravessar para os trilhos da CPTM sem dificuldade, já que os muros estavam no chão em pilhas de escombros. Olhou para os dois lados com pressa, apurou os ouvidos, respirou fundo buscando fôlego para continuar correndo. Seguia em direção aos tiros e explosões que ouvia. Mas ouvia grunhidos também. Passos arrastados nos pedriscos. O cheiro de carne podre denunciava. Eles estavam por perto.

Com a parca lanterna de seu colete, ela girou o tímido facho de luz para observar ao redor. Achou que se seguisse rente aos trens da CPTM parados no pátio de manutenção, teria ao menos a retaguarda coberta. Conferiu a munição do fuzil mais uma vez, engatilhou, ajeitou a correia no

ombro e continuou correndo. Os zumbis são lerdos, demoram a reagir, mas não fogem diante de uma ameaça. Se virem uma granada, não vão saber o que é. Se virem um ser humano, apenas vão encarar como uma nova refeição.

O coração batia acelerado, martelando dentro do peito quando o primeiro zumbi apareceu, grunhindo, parte do crânio aparente, parecendo surgir do nada na sua frente. No susto, Sâm estourou seu joelho primeiro. Com ele caído, arrebentou sua cabeça. Desviou de mais alguns caídos pelo chão, que se arrastavam nos pedriscos, tentando alcançá-la. Mais dois surgiram na sua frente. Dois tiros certeiros os derrubaram. Só que os grunhidos estavam aumentando e quando olhou para trás, viu que um grupo de pelo menos quarenta zumbis apareceram das cercanias e estavam em seu encalco. Lutar contra meia dúzia era uma coisa, mas com um grupo grande como aquele, ela logo vagaria por ali.

Sâmela apertou o passo. Seus coturnos batiam com força nos pedriscos e ela lutava para se manter em pé já sentindo a falta de ar característica de corridas sem preparo, o peso nas pernas, a dor nas costas. Ela atravessou os trilhos, cortou o pátio inteiro que levava até o terminal da Lapa e seguiu rumo a leste, para junto das explosões. Germano ainda não tinha acendidos as luzes. Algo muito errado podia estar acontecendo e ela ali, correndo de mortos-vivos. Um zumbi agarrou seu pé e Sâm foi ao chão com violência, batendo a cabeça contra o trilho frio. Um zumbido fino se instalou em seu ouvido, mas ela conseguiu se virar. O zumbi mordia sua perna, mas ele não tinha forças para rasgar a caneleira reforçada que usava por baixo das calças. Sacando a pistola do coldre em sua coxa, ela o fez parar. Mas logo outros três surgiram. Um tiro e ele caiu, outro tiro e a moça de uniforme do Zuleika (uma escola da Lapa) caiu inerte. Um terceiro tiro acertou a orelha do zumbi que veio para cima da agente, sem lábios, cabelos ralos, roupa puída de tanto enfrentar as intempéries. Sâm o chutou para longe e ele caiu derrubando outros mortos que vieram perambulando.

Achando seu fuzil, ela continuou atirando, abrindo caminho, torcendo para seu fuzil manter a munição. Mas sangue escorria de sua testa. Um

corte aberto, possivelmente pelo choque com o trilho, derramava sangue em profusão nas suas vistas e ela ainda tinha que correr.

Se saísse dos trilhos, entraria no corredor, a zona de exceção de Germano, que deveria estar iluminada e não estava. Se seguisse pelos trilhos teria que correr quase um quilômetro pela marginal até chegar à parte de trás do prédio da polícia. Sâm continuou correndo pelo trilho. Derrubou mais três zumbis vestidos com os macacões de manutenção da CPTM, um deles segurando uma chave inglesa. A cabeça doía demais. Mas ela continuou, mais sangue caindo em seus olhos, cegando-a por vários momentos. Gritaria, explosões, pneus cantando, palavrões, tudo isso estava cada vez mais próximo. Ela apenas não previa que o corte e a pancada fossem fortes o suficiente. Sem enxergar onde estava, ela desmaiou na noite.

Tudo ficou muito confuso naquele momento. Ela sentia que flutuava no escuro, ouvindo um barulho distante, sem conseguir definir nada exatamente. Pensou ter ouvido seu nome ser chamado algumas vezes, mas ao mesmo tempo em que parecia flutuar, seu corpo era açoitado por dezenas de pequenas peças pontiagudas, que corriam por sua pele.

Mas aos poucos os ruídos foram ficando mais distintos. De fato, alguém chamava seu nome. E ele não parecia muito simpático, pois parecia gritar: “SÂM!” Mas o que diabos estava acontecendo, ela pensava?

_ Acorda, Sâm! Porra, me ajuda aqui!

Tiros. Grunhidos próximos. Barulho de explosões. Fumaça. A cabeça de Sâmela rodava pelo espaço vazio que era sua mente agora. Seu rosto estava coberto por algo pegajoso, já meio frio. A cabeça doía como se fosse rachar no meio. As pequenas pontinhas que arranhavam sua pele eram os pedriscos dos trilhos da CPTM, pois alguém a puxava pelo braço com pouco jeito.

_ SÂM! ACORDA!

Um chacoalhão em seu braço que quase soltou seu ombro do tronco a fez voltar à vida e à noite maldita de escuridão, zumbis e confusão. Estava no chão e olhou para cima, vendo seu colega Fábio, ou Hunter como o chamavam na polícia, pois ele costumava ficar de guarda, caçando zumbis com seu fuzil da guarita do prédio. Ele estava ali ao seu lado e atirava com precisão e rapidez em tudo o que se movia e a cobria, com um joelho no chão para apoiar melhor sua arma.

_ ... Hunter? É você? - balbuciou Sâm.

_Não, filha, Cinderella. Tira esse cu do chão e me ajuda!

_ O que você tá fazendo aqui?

_ De nada, tá? - ele a olhou indignado.

Vendo que estavam cercados, Sâm assumiu a mesma posição que ele e começou a detonar alguns zumbis que chegavam. Com a mira meio prejudicada pela batida na cabeça, ela dava um tiro a mais para derrubar alguns errantes, mas no fim, com um pouco de trabalho em conjunto, eles conseguiram limpar a área. Se não mataram de vez todos eles, ao menos estavam com joelhos estourados e não podiam andar.

Puxando um lenço no colete e abrindo seu cantil, Hunter jogou água nele e entregou à Sâm. Seu rosto estava coberto por uma camada grossa de sangue coagulado e um galo na cabeça indicava o corte por onde ele se esvaiu. Ela limpava ainda meio trêmula, insegura, enquanto Hunter a olhava.

_ Achei que a gente tivesse te perdido lá na Barra Funda - ele enfim disse.

_ Por um momento, quase perderam.

Hunter sacudiu a cabeça, ajeitando a correia do fuzil no ombro, bufando e praguejando.

_ Mas e você, o que faz aqui? - ela perguntou de novo.

_ Eu estava no túnel. Germano mandou a gente não tentar procurar vocês, mas eu não podia ficar quieto. Ele prendeu o Luciano por insubordinação e tá aquartelado no prédio.

_ E essas explosões?

_ A Fúria resolveu atacar a gente. Por isso ele não acendeu as luzes.

_ E por onde você veio?

_ Pelo túnel, oras.

Um ano antes, a prefeitura e o governo do estado de São Paulo tinham iniciado as obras da linha laranja do metrô, vindo da Brasilândia, passando pela Lapa, e seguindo rumo às Perdizes. Como eles vinham cavando para enterrar as linhas áreas de trem e metrô, vários túneis subterrâneos estavam abertos. Desde que os zumbis surgiram e tudo foi para o inferno, Germano selou todos os túneis e deixou um de ida e volta para o terminal para servir como local de espionagem. Todos gostariam que o túnel fosse até a Barra Funda, mas pelo menos a Fúria não conhecia esse detalhe. Não era grande o suficiente para passar um carro, mas servia como ida e vinda da Lapa com relativa segurança.

Faltava muito para o amanhecer ainda. Eles não podiam ficar no descoberto. Sâm conseguiu limpar o rosto cansado e faminto e guardou o lenço sujo no bolso. Hunter continuava olhando em volta, mas parecia que por enquanto não havia mais zumbis ao redor que pudessem ameaça-los.

_ E agora?

_ Germano quer atravessar o rio, ir pra Cidade Universitária e depois pro palácio.

_ Ele bebeu é? - ela se espantou - Ninguém consegue atravessar pra lá por terra.

_ O governador mandou o exército montar uma ponte móvel perto do Cebolão. Mas ele vai suspender essa ponte nessa madrugada. Germano já mandou dois comboios embora. Mais um e estamos encalhados aqui.

O governador estava bem aquartelado no conforto do Palácio dos Bandeirantes. A região oeste da cidade, além do rio Pinheiros, estava bem guardada pelas tropas ainda fiéis ao governo. Médicos do hospital Albert Einstein, policiais, engenheiros da Politécnica, pessoal essencial tinha sido evacuado para lá. A Cidade Universitária vinha sendo usada como local de pesquisa e de abrigo. A geografia neste caso auxiliava a região oeste e parte da região sul, com seus morros, terrenos acidentados e por estar separada do resto da cidade pelo rio Pinheiros. Assim também estava a zona norte, separada pelo rio Tietê. Mas com as pontes dinamitadas, o acesso era garantido por ar, e neste caso o governo mantinha o monopólio, já que a Fúria não tinha conseguido tomar o Campo de Marte, centro de operações aéreas do governo, retomado havia alguns meses.

A Fúria conseguiu tomar o centro de refugiados do Pacaembu com aquela ação. De uma certa maneira, o apagão na zona de exclusão fez o trabalho da milícia ser bem mais fácil. Sem mais opções e sem efetivo para tomar o lugar, Germano mandou evacuar o prédio e seguir em comboio até a ponte provisória no Cebolão.

Sâm e Hunter se puseram a correr. Queriam pegar o último comboio em direção à zona oeste ou estariam ilhados de vez. Mas um grupo de zumbis apareceu do nada, saindo de um vagão de testes da MRS Logística estacionado no pátio. Usavam uniformes do SESI que tinha uma unidade naquele entroncamento da linha. Eram tão jovens, Sâm reparou. No máximo 15 anos. Um deles estava sem parte do braço esquerdo. Todos estavam sem lábios, uma característica comum aos zumbis, que comem a própria boca na ânsia por carne fresca. Sâm atirou na cabeça de um com certo remorso, pensando como um jovem com tanto pela frente podia se tornar um ser maligno, sem alma, só selvageria. Atirou em outro e mais

outro. Fábio acabou com os outros dois. Volta e meia durante a corrida aparecia um zumbi, mas foi tudo ficando quieto de repente. Os dois tiveram que apertar o passo. Sâm já estava cansada, por isso vinha cobrindo a retaguarda enquanto Hunter acabava com o que via pela frente e abria caminho para os dois.

Desceram o morro de onde os trilhos anteriormente partiam sentido zona norte e agora eram escombros do fundo do rio. Seguiram correndo pela pista da marginal, passando pelo pátio da Alston, depois pela estação de tratamento da Sabesp, já vislumbrando o prédio da polícia federal. Correram no máximo de suas forças, carregando todo o peso do equipamento e entraram pela garagem dos fundos, dando para uma rua barricada. Não tinha mais nenhum carro da polícia na garagem. Nem mesmo os ônibus que eles tinham trazido mais cedo que estiveram parados do lado de fora. Germano já tinha partido e sem eles.

_ Não... - Fábio não se conformava - Esse cretino não fez isso. Ele já foi?

Sâm ainda estava ofegante e respirava profunda e rapidamente apoiada numa pilastra. Foi então que ela viu a Blazer que a visitante Júlia tinha usado para voltar para São Paulo. E chamou a atenção de Fábio para o fato de não estarem tão perdidos assim. Resolveram então revistar o prédio em busca de água, suprimentos e armamento. Fecharam a garagem, mas não tinham como saber se a Fúria tinha entrado ali.

O arsenal estava praticamente vazio, mas Sâm guardou muitas armas no seu armário em seu alojamento improvisado, inclusive com munição. Enquanto Fábio carregava as culatras com tudo o que precisavam, ela foi até às celas. Luciano e Júlia estavam grudados às barras, gritando por ajuda e ficaram aliviados ao vê-la.

_ Sâm, como é bom te ver - Luciano sorriu.

_ Vocês ficaram pra trás? - ela catou as chaves em seu bolso e libertou os

dois.

_ Como assim pra trás? - Júlia perguntou.

_ Germano esvaziou o prédio. A zona de exclusão foi tomada pela Fúria e ele vai pra zona oeste. A gente não tem muito tempo.

_ Como você chegou aqui?

_ Correndo. O Fábio me encontrou pelo caminho. Anda logo, a gente tem que ir.

Conseguiram pegar algumas jaquetas, sacos de dormir, mantas, comida, água, gasolina extra e armamento, com munição extra. Mas quando Fábio foi ligar o carro, ele não funcionava. Tentou várias vezes, xingando.

_ Ahhh, que bosta! - ele socou o volante e abrindo o capô.

Quando olhou para o motor robusto e reconstruído da Blazer preta, percebeu que a bateria tinha sido removida. Sâm, Júlia e Luciano desceram naquele instante, carregados. E viram a frustração de Fábio, que chutou o para-choque do veículo.

_ Calma aí, Fábio!

_ Calma é o cacete, como é que a gente vai sair daqui agora?!

_ O estacionamento da churrascaria - disse Luciano.

Duas quadras para frente do prédio da polícia federal existia uma churrascaria, saqueada há muito tempo. Todas as vagas estavam ainda ocupadas por carros enferrujando com as intempéries e mesmo que alguns tenham sido abertos para a retirada de peças e à procura de gasolina e suprimentos, muitos ainda estavam com os motores intactos. Os olhos de Fábio se encheram de esperança, era uma chance.

_ Sâm e eu vamos buscar uma bateria, vocês dois carreguem o carro. ‘Bora.

Saindo por uma porta lateral do prédio, Sâm e Fábio voltaram para a escuridão, tendo apenas suas lanternas a mostrar o caminho. Era uma rua secundária, vazia, com barricadas derrubadas, mas que parecia momentaneamente segura.

Luciano e Júlia carregavam a Blazer com o que tinham e lotaram o porta-malas. Ele ainda se lembrou de calibrar os pneus, já que ainda tinham energia no prédio. Um grunhido os assustou. Pés arrastados. Júlia olhou por cima do ombro para uma escada de serviço que estava às escuras no fundo da garagem. A luz piscava intermitente, mas então uma sombra disforme apareceu cambaleando, cabeça baixa. Vestia uma farda como a que os policiais federais usavam naqueles dias de emergência nacional. Luciano sacou a pistola no coldre de sua coxa e se aproximou devagar com ela apontada, tentando ver quem era. Quando a sombra viu que tinha uma pessoa à sua frente, ela começou a andar mais rápido a ponto de fazê-lo recuar alguns passos. A sombra começou a correr emitindo um grunhido profundo e antes que ele pudesse raciocinar, disparou, fazendo-a cair de costas, espalhando sangue coagulado pelo piso. Luciano reconheceu a colega Mirela, com marcas de mordidas e já com a pele acinzentada. Usava a roupa de serviço e estava sem nenhuma arma. Ele se lembrava da missão. Foram revistar alguns condomínios na Pompéia e um zumbi criança surgiu do nada, mordendo os braços de Mirela. Ela conseguiu dar cabo da criança, mas Germano a abandonou para trás quando voltaram para o prédio da polícia, sem coragem de atirar na colega. Talvez o fato de os dois estarem dormindo juntos tenha pesado na decisão.

_ Será que eles têm alguma memória? - Luciano se lamentou.

_ Você a conhecia?

_ Sim... era nossa colega.

Irritado pela situação, ele chutou um galão vazio de gasolina que quicou pelo estacionamento. Não tinha como não ficar tenso vendo amigos surgindo como mortos em um pesadelo. Júlia lembrou-se de Leonardo. Pensava nele todos os dias, não tinha como evitar. Não passava um dia sem pensar no homem que salvara sua vida e lhe ensinara a sobreviver naquele mundo perverso.

_ E então - ela disse para afastar os pensamentos - Qual é o plano?

_ Acho que vamos tentar atravessar pra zona oeste onde tá mais seguro por causa do governador.

_ Achei que o governador e todo o gabinete tinham sido mortos - Júlia se espantou.

_ Foram boatos espalhados pelas milícias pra estimular deserção.

Deserções aconteceram em massa em muitos lugares do país por situações parecidas. Com as informações desencontradas, os militares já não sabiam mais a quem seguir e muitos criaram milícias para se protegerem e proteger a população. Mas a maioria abusava do poder e de anarquia. Estupros coletivos, assassinatos impunes e o pior castigo era imputado àqueles que desafiavam os líderes: eram jogados para fora dos portões dos quarteis para viraram zumbis.

_ Por que você não desertou? - ela perguntou.

Observando a moça de olhar distante e triste, cabelos espetados cortados de qualquer jeito, ele se pegou pensando sobre o assunto pela primeira vez desde que tudo aconteceu. Não tinha bem uma resposta para isso. Dever? Falta do que fazer? Uma chance a mais de sobreviver do que como miliciano? Ele não soube o que dizer. Apenas riu de lado, sacudindo a cabeça, como também quisesse saber a resposta. Para dizer a verdade, não havia uma resposta, ele apenas continuou num ritmo frenético de trabalho nos dias que se seguiram e como viu que a coisa acabou dando certo para todos, ele permaneceu em seu lugar. Mas não sabia dizer como seria

dali para frente numa nova situação.

Pegando o rádio, ele chamou Sâm, que tinha trocado o seu assim que chegou ao prédio. Mas ela não respondeu.

Agachada atrás de uma caçamba de lixo, Sâmela controlava a respiração. Fábio estava embaixo de uma van de turistas há muito estacionada no meio fio. Um carro da Fúria vinha devagar pela rua, com os faróis apagados. Mas era possível ver que eram apenas três milicianos, um deles na caçamba. Não parecia usar armas de grande porte e todos usavam fardas da Rocam (Rondas Ostensivas Com Apoio de Motocicletas) da Polícia Militar. Passaram por eles fazendo pouco barulho e continuaram até o fim da rua.

_ Luciano, na escuta? - ela sussurrou.

_ Segue.

_ Uma caminhonete da Fúria acabou de passar pela gente. Vai na sua direção.

_ Vocês já pegaram a bateria? - ele se assustou e olhou para Júlia.

_ Ainda não, mais meia hora pelo menos.

Fábio e Sâm continuaram a corrida até a churrascaria quando a Fúria saiu de vista, enquanto Luciano e Júlia pensava no que fazer. Assim que Sâm avisou sobre a milícia, ele imediatamente baixou a porta da garagem. Também entregou à Júlia uma PT 380 e se certificou de que a garagem estava mesmo trancada. Ambos se esconderam numa sala que guardava as chaves de todas as viaturas e que tinha servido como depósito de combustíveis. A porta da garagem chacoalhou por uns instantes e um murmúrio era audível. A Fúria estava à porta.

Sâm pulou a cancela da entrada do estacionamento, enquanto Fábio co-

bria a retaguarda. Alguns capôs já estavam abertos, mas um ou outro permanecia intocado. Sâm abriu vários, mas muitos motores tinham sumido. Sâmela conseguiu levantar o capô de um Range Rover e viu a bateria em seu lugar de costume. Fazendo sinal de positivo para Fábio, ela começou a desrosquear a bateria do lugar, quando um tiro quase acerta seu rosto e a faz vir ao chão. Apontando o fuzil para onde achava que o tiro tinha vindo, ela viu que Fábio lutava contra alguma coisa. Correu até ele, pensando que pudesse ser um cachorro, mas era um zumbi. Uma moça adolescente, com uniforme de escola já rasgado, com parte do pé faltando. Ela devia estar se arrastando pelo lugar e foi atrás ao ver carne fresca passando. Ela o mordeu nas pernas e tinha arrancado um bom pedaço do braço de Fábio, que conseguiu sacar a pistola do coldre e atirou contra a cabeça da zumbi.

Ambos sabiam o que aquilo significava. Com os olhos marejados de decepção e dor, Fábio não poderia pedir para a amiga fazer o que era certo.

_ Pega a bateria e se manda.

_ Fábio...

_ Todo mundo ouviu o tiro, você não tem muito tempo... Vai!

Apertando o cabo de seu fuzil, Sâm sabia que ele tinha razão. Ambos ainda se olharam por um bom tempo, pensando em tudo o que tinham vivido desde o começo, as missões, as bebedeiras no prédio, todas as vezes que ele lhe deu cobertura. Então, com seu espírito prático, antes que ela ficasse mais tempo ali empacada no lugar e perdendo tempo, ele apontou a arma para baixo do queixo e disparou de olhos fechados.

Com tudo acabado, Sâm sentiu a urgência da situação. Secou a lágrima que caiu por causa do amigo, mas retirou seu colete, armas, munição, colocou seu fuzil nas costas e o deixou no estacionamento, desprovido do equipamento, como mandava a ordem geral. Corpos apodrecem. Armas e equipamento de segurança são mais necessários.

Felizmente ela trouxera uma culatra. Foi lá que conseguiu colocar as coisas que tirara do colega, mais a bateria. Demoraria mais tempo para voltar para o prédio agora que tinha peso extra. Saiu correndo na escuridão de volta para a ponte sem nem olhar para trás, mas pensando se chegaria o dia em que teria que fazer isso consigo.

Alguns poucos minutos de corrida foram suficientes para Sâm começar a cambalear no caminho para o prédio. Sua visão ficou turva, a respiração difícil, seu corpo queimando açúcar que não mais tinha em estoque, já que ela não se alimentava havia várias horas. A cabeça doía demais e ela sentiu que desmaiaria a qualquer momento. Enxergou a caçamba de lixo e precisou sentar atrás dela, no escuro, esperando o fôlego voltar.

Uma lágrima desceu de seu rosto sujo pela sujeira dos trilhos, das ruas, cansada, lamentando a morte do amigo que a salvara não tinha nem uma hora atrás. Seu corpo estava pesado, pedindo por um descanso, os músculos doloridos pelo peso que tinha que carregar. Não queria estar naquela situação. Queria ir para junto da filha, morta há tanto tempo depois do apocalipse, depois que os mortos não morreram mais.

_ Sâm, cadê você? - Luciano tinha urgência na voz.

_ Estou fazendo as unhas, o que acha que eu estou fazendo? - ela foi áspera.

_ A Fúria tá aqui na nossa porta, tentando entrar.

_ O que quer que eu faça? - Sâm tinha desespero na voz.

_ Vocês já estão voltando?

_ O Hunter... - sua voz ficou embargada e ela precisou respirar de novo o ar frio da noite - O Hunter não conseguiu.

Estar em um mundo repleto de zumbis não o prepara necessariamente para a morte. Ainda mais de colegas. Cada saída era um risco e eles sabiam. Um retorno para a segurança do prédio valia como um banho quente no final de um dia puxado de trabalho. Júlia sentiu que Luciano perdeu o chão quando ouviu a notícia. Ele parecia tremer, como se estivesse totalmente desamparado, sozinho e sem saber o que fazer. Júlia então tirou o rádio de sua mão.

_ Sâm, quanto falta pra você chegar?

_ Uns 600 metros, menos talvez - sua voz saiu em meio ao chiado.

_ Fique onde está, a gente dá um jeito neles.

Tanto Sâm na rua, quanto Luciano dentro da sala, se surpreenderam com a decisão da moça, que saiu de seu esconderijo e pegou o rifle que Leonardo costumava usar. Acariciou com saudade, lembrando-se de como ele o portava tão bem, estando desacostumada com o peso. Carregou o equipamento e pegou uma lanterna, pois o prédio também estava sem luz naquele momento, quando o gerador ficou sem gasolina. Sem ouvir as perguntas dele, Júlia subiu as escadas, atenta aos ruídos e chegou ao andar de cima, com mesas de escritório e muitas janelas para o exterior. Indo para a ponta mais externa do prédio, ela empurrou com cuidado uma janela para fora e o ar frio da noite entrou no ambiente. Olhando com cuidado para a calçada, viu os três homens da Fúria falando algo pelo rádio, mas que ela não conseguia ouvir. Ajeitando-se na brecha da janela, Júlia mirou naquele que parecia o líder, já que sua boina era diferente. E com um disparo rápido, arrebentou a cabeça dele.

Os dois colegas do líder da equipe avançada da Fúria se abaixaram no ato, procurando a origem do tiro. Foi repentino e silencioso, não tinha como saber de onde tinha vindo. Enquanto um desarmava o morto no chão, o outro apontava uma calibre 12 para todos os lugares escuros ao redor. Um pequeno grupo de zumbis saiu da escuridão de algumas árvores e cambaleou até os dois homens. Eles não tinham tanto tempo assim, portanto pularam para a caminhonete e se mandaram. Era bem provável, no en-

tanto, que eles voltassem melhor armados e era bom que os três tivessem longe dali.

Júlia conseguiu derrubar três dos quatro zumbis antes que alcançassem o morto fresco na calçada. Engatilhou o rifle com calma, como se tivesse feito aquilo a vida toda. Luciano lá embaixo ficou aliviado de ouvir a Fúria ir embora e abriu a porta da garagem. Só não contava com o zumbi olhando para ele do outro lado. Em um ato muito rápido, pois era um zumbi fresco, ele quase pulou na direção do agente da polícia, mas um disparo fez seus miolos voarem pelos ares e ele caiu inerte. Era Sâm que tinha conseguido andar até a entrada da garagem, mas caiu no chão com o peso e com o cansaço.

Enquanto Luciano colocava a bateria na Blazer, Júlia pegou um pouco de gelo que ainda não tinha derretido na geladeira de Germano, enrolou em um pano e colocou na testa de Sâm, que reclamava de dor. Deu-lhe água fresca e umas barras de cereais, que ela devorava rapidamente. Ninguém falava muita coisa. Na verdade, nem tinha muito que dizer numa situação daquelas. A iminência do fim sempre deixa as pessoas sem palavras.

Sâm olhou seu relógio. Não sabia se conseguiriam passar. A ponte não ficaria ali muito tempo. Tinha que conseguir falar com Germano para terem passe livre, mas não sabia como chegar até ele depois de um dia inteiro longe.

_ ‘Bora - Luciano a ergueu do chão e a colocou no banco do carona.

Júlia se acomodou no banco de trás e Luciano botou o carro para funcionar. Ouvir novamente o ronco daquela Blazer lhe trouxe Leonardo na cabeça novamente. O modo elegante com o qual ele dirigia um carro pesado de armas, suprimentos e equipamentos. O porte atlético com o qual ele vigiava os muros do motel onde ficaram aquartelados por tanto tempo. Quando foi isso mesmo? Ela não lembrava. Nem mesmo dos dias mais recentes ela tinha alguma lembrança, já que ficara tanto tempo na

cela de Germano.

O rio Tietê, normalmente com cheiro tão ruim, não tinha o cheiro pesado de esgoto que deveria ter. Nem suas águas pareciam tão marrons já que não havia a usual descarga de esgoto em seu curso. Era uma noite estrelada e fresca. Todas as janelas da Blazer estavam abertas e o veículo ia a 90km por hora para tentar alcançar a ponte móvel do Exército a tempo. A cidade às escuras era melancólica, triste, pois são as pessoas, suas atividades cotidianas e o vai e vem frenético que dão vida a todas aquelas construções abandonadas. Sem as pessoas eram apenas blocos, cimento, tinta, portas e janelas, sem função, sem futuro.

Quando chegaram ao Cebolão, grandioso complexo viário que faz a interligação das marginais Tietê e Pinheiros, Luciano diminuiu a velocidade, já que havia muitos carros a deriva, enferrujando aqui e ali. Alguns zumbis estavam dentro e se mexeram ao ouvirem o barulho do motor. Mas como não podiam alcançar, tudo o que podiam fazer era perambular e se perder assim que o ruído ficasse distante demais.

Marginais Tietê e Pinheiros vazias era algo raro de se ver até nos feriados prolongados na grande cidade de São Paulo. Agora eram pistas imensas, construções vazias, ligando o nada a lugar nenhum. Luciano apertou o passo, aumentando a velocidade enquanto fazia a curva, entrando agora na Marginal Pinheiros. Algumas barricadas abandonadas do Exército já estavam caídas, dois zumbis enrolados nos arames farpados, grunhindo para se soltar. Luciano contornou com calma e prosseguiu. De acordo com Sâm, a ponte móvel ficava na altura da ponte da Cidade Universitária, derrubada pelos caças da Força Aérea assim que a praga se tornou quase incontrolável. Logo mais à frente, Luciano apontou para holofotes que riscavam os céus com uma faixa branca, leitosa. Vinham de algum lugar dentro da Cidade Universitária. Os contornos da ponte foram logo vistos adiante e por isso a Blazer diminuiu. Não havia guaritas, ou jipes do Exército, soldados. Nada. Havia corpos pútridos em um monte, a maioria já abatida há muito tempo, próximo à cabeceira da ponte. Fora isso, estava tudo anormalmente calmo.

A ponte ficava na parte mais estreita do rio onde antes havia uma passarela que levava os alunos do campus da USP para a estação de trem do outro lado. Era de ferro, parecia uma estrutura sólida, mas era de se esperar que estivesse guardada por soldados. Pegando um binóculo militar que Germano costumava usar, Luciano observou o outro lado usando o zoom máximo. Tinha corpos de militares do outro lado, sem armas.

_ O que foi? - Sâmela viu que sua cara não era boa.

_ Acho que a Fúria esteve aqui.

_ Aqui? Não, aqui é domínio da Seita - uma segunda milícia de policiais civis que dominava aquela parte do Jaguaré, Pinheiros e parte da Avenida Rebouças.

_ Não pode ser uma emboscada? - Júlia falou.

_ Eles teriam nos atacado uma hora dessas.

Luciano decidiu arriscar. Colocou o carro em ponto morto e o dirigiu com cuidado pela ponte que balançou um instante, mas se manteve firme no lugar. Mesmo com os faróis apagados, era possível enxergar um pouco à frente. Ele contornou os corpos dos militares, enquanto Sâm olhava os estragos. Havia marcas de carros saindo da posição da guarnição. Eles foram abatidos e os veículos levados embora.

Assim que parou do outro lado perto de uma praça, Luciano catou umas granadas que estavam no porta-malas, puxou o pino de todas e arremessou contra a ponte. Não queria que mais nenhum miliciano resolvesse passar para o outro lado. Eram uma preocupação a menos. Voltando para o carro, ele continuou o caminho em silêncio, apesar de estarem muito devagar. Acharam que deviam descansar, já que Sâmela não estava se sentindo bem. Ela reclamava de tontura e enjoo, sentindo a cabeça doer muito e a visão turva. Como estavam próximos da Casa do Bandeirante, importante remanescente histórico de habitações bandeirantes dos séculos XVI e XVII que era um museu, acharam que era um bom lugar para uma parada. Possivelmente não havia ninguém nela e havia espaço

para que pudessem esconder o carro e descansarem. Muitos dos móveis bandeirantes originais estavam lá dentro também. Um pouco de conforto caía bem.

Luciano derrubou o alambrado com a Blazer, que subiu o pequeno morro com facilidade e a esconderam do outro lado da casa que tinha frondosas árvores na frente. Com lanternas, Luciano e Júlia vasculharam a construção histórica, que de fato estava vazia, com a porta da frente arrebentada, os móveis revirados. Sem nada de muito importante lá dentro, ela foi logo esquecida pelos primeiros saqueadores.

Em um quarto grande, com tábuas corridas no chão, eles estenderam três sacos de dormir e levaram Sâm para dentro, que vomitou do lado de fora o pouco que tinha comido e bebido um pouco antes. Júlia tinha reparado no olhar desconfiado de Luciano. Sabia o que ele estava pensando. Sâm saiu com o Fábio e somente ela voltou. Será que ela estava para se transformar em um zumbi também? Tanto que o viu se deitar com uma pistola ao lado, enquanto Sâm adormecera rapidamente. Por ter visto isso acontecer com Leonardo, Júlia sabia muito que Sâm padecia de alguma outra enfermidade, menos a praga zumbi. Os dois comeram em silêncio o pouco que tinham, de olho na policial que gemia e murmurava coisas sem sentido.

Em algum momento da noite, Júlia acordou no susto. Não pensou que fosse conseguir dormir, mas acordou com o pálido e cinza horizonte do amanhecer. O que a acordara fora Sâm, tendo uma convulsão ao seu lado. Ela se sacudia com força, a cabeça tensa, virada para cima, com parte da testa roxa ao redor de um corte feio causado por uma pancada com o trilho da CPTM horas antes.

_ Luciano! LUCIANO!

Sobressaltado, catando a pistola e apontando para o nada, ele olhou ao redor um tanto perdido e viu o esforço de Júlia em segurar Sâmela que

continuava com convulsões.

_ O que foi? - ele perguntou.

_ O que acha?! Ela tá convulsionando!

_ Ela vai virar um deles - ele engatilhou a pistola.

_ Para com isso! - Júlia pôs a mão na frente do cano da arma com se isso pudesse impedir o disparo - Eu já vi acontecer antes!

_ Eu também já vi! - ele mentiu.

De fato, Luciano nunca vira uma transformação, vira apenas colegas perambulando no lugar sem ter visto o momento em si. Portanto não tinha como saber se o que estava vendo era de fato uma transformação zumbi.

De repente, Sâmela parou. Seu corpo relaxou e sangue começou a sair de seu nariz. Seus olhos com pupilas dilatadas olhavam para Júlia que a observou com cuidado. Seu olho logo abaixo da contusão estava avermelhado, com sangue injetado. Pondo a mão em seu pescoço, ela não sentiu nenhuma pulsação. O que eles não sabiam é que Sâmela não levantaria, pois ela não tinha sofrido nenhum machucado ou mordida para ser transformada em zumbi. Na verdade, ela morreu por causa da formação de um coágulo de sangue em sua cabeça depois da pancada com o trilho frio da CPTM. Era mera questão de tempo até seu cérebro ser pressionado e parar de receber sangue.

Por segurança, Luciano disparou contra a cabeça da colega morta no saco de dormir, assustando Júlia que deu um pulo para trás. A segunda baixa em menos de 12 horas, ele pensava. Estavam se destruindo aos poucos...

Júlia se encarregou de cavar uma cova no gramado abandonado da Casa do Bandeirante. Encontrou pás e enxadas junto de outros equipamentos

de jardinagem no depósito do museu. Uma ironia que ela sempre quisesse ter visitado a Casa do Bandeirante e estava lá agora, cavando um túmulo. Luciano saiu à pé rumo a uma torre de energia ali perto para olhar as redondezas, munido de seu binóculo. Júlia chorava enquanto fazia o trabalho pesado de escavar a terra. O corpo de Sâmela estava fechado no saco de dormir e antes de levá-la para o lado de fora, Luciano se certificou de tirar seus equipamentos. Foi com uma frieza estranha que ele retirou tudo do corpo e amontoou num canto. Sequer fechou os olhos da colega que ficaram entreabertos enquanto ela convulsionava até que morreu. Júlia só pôde observar seus movimentos, sem conseguir achar alguma palavra para dizer a ele. Mas não via muito pesar em suas ações. Ou ele estava conformado em ver colegas morrerem, ou a morte de Sâm não significou muito. Tendia a acreditar na primeira opção, já que Germano o colocara atrás das grades por querer ir até ela na Barra Funda. Ao menos, fora isso que ele dissera.

Júlia cavou até a profundidade que achou adequada, tendo uma pilha de terra úmida à sua direita e o corpo de Sâm no saco de dormir. A visão do muro branco e azul do motel voltava o tempo todo, sem ser chamada. Secou o suor que escorria da testa enquanto parava para respirar naquela manhã fria. Olhou além, na direção do rio, percebendo que o rio Pinheiros não exalava seu habitual cheiro de ovo podre. Nunca pensou que veria a cidade que nunca parava tão morta daquele jeito. Morta mesmo, com mortos-vivos perambulando pelas ruas.

Largando a pá no chão, Júlia se abaixo ao lado do corpo e lamentou mais uma vez a morte de Sâm. Ela se sentia segura com ela por perto, mas agora parecia que tinha perdido um apoio importante. Não a conhecia direito além das bolas de chiclete, mas era um rosto conhecido. Algo a respeito de Luciano a deixava apreensiva e não sabia exatamente como se comportar com relação a isso. Segurando pela alça que servia para segurar o saco de dormir no lugar quando estivesse enrolado, ela arrastou o corpo da policial para o fundo da cova mal cavada e o ajeitou com cuidado para que coubesse. Júlia ainda preparou um pequeno buquê de azaleias que cresciam aos montes no terreno e colocou por sobre o peito de Sâm, antes de sair do buraco e começar a enchê-lo de terra. As lágrimas voltaram e

molharam seu rosto. Pegou-se num momento funesto: quem cavaria a sua quando chegasse a hora? Ou será que perambularia pelas ruas sem alma, sem vida, sem destino? Seu último ano tinha sido uma merda tão grande... Não aguentava mais isso, ser saco de pancada dos outros. Passou uma semana sem conseguir andar depois de horas sendo estuprada por uma milícia. Jurou a si mesma que nunca mais seria um brinquedo na mão de alguém e agora estava ali, mais uma vez indefesa.

Um tremor passava por seu corpo ao pensar nisso. Continuou jogando terra, pá após pá, até que cobriu todo o buraco. Para sinalizar o lugar, colocou três paralelepípedos como se fossem uma pequena pirâmide de degraus e depois sentou-se ao lado da cova.

Luciano correu até a torre de energia ao lado do portão da CPTM da cidade universitária da USP e o escalou rapidamente. Do alto, ele tinha uma boa visão do Butantã e das elevações da Avenida Francisco Morato. Com seu binóculo ele conseguiu ver alguns caminhões do Exército que carregavam tambores e tonéis, muito provavelmente suprimentos e combustíveis. Não via zumbis em zonas de sombras, mas via que as tropas tinham começado a limpar prédios, lojas e casas ao redor da cidade universitária. Onde tivesse um X vermelho, era sinal que a casa estava abandonada, onde havia um X branco, era sinal de que fora revistada e liberada. Podia ver também rolos de fumaça negra subindo aos céus perto da rodovia Raposo Tavares. Talvez uma operação de limpeza, queimando destroços, carcaças de carros e corpos, por que não? A Avenida Elizeu de Almeida, do seu ponto de vista, parecia barricada por sacos de areia e arame farpado, mas podia ver a movimentação de carros do Exército por ali e algumas viaturas da polícia militar. Mais a leste, perto da ponte Eusébio Matoso, ele via que estavam reconstruindo a antiga ponte, mas com apenas uma pista, um funil de segurança para a parte mais segura da cidade naquele momento. Eram engenheiros do Exército pelo o que podia ver.

Ao redor da Cidade Universitária existiam grandes casas e mansões nas ruas mais calmas e muitas zonas de sombras. Ainda assim, ele não conseguia ver zumbis por perto. Foi então que ele passeou a vista pela Casa do Bandeirante e viu Júlia sentada ao lado da cova de Sâmela. Ela chorava,

com os cotovelos apoiados nos joelhos, a calça jeans puída toda suja de terra. E o que ele faria com aquele peso morto? Tudo bem que ela atirava bem e era corajosa, afinal tinha sobrevivido ao terror do interior, com todas aquelas milícias, mas ainda assim era um peso que ele não estava a fim de carregar. Era até bonitinha se estivesse mais bem cuidada, mas certamente não era seu tipo. Observou então uma movimentação vindo para perto deles. Luciano logo supôs que eles viriam para verificar que explosão tinha sido aquela da noite anterior e descobririam que a ponte móvel tinha sido destruída e que homens tinham morrido. Mas não era culpa deles, era culpa de alguém que passara antes, uma frota de milicianos bem provavelmente.

Não que ele se importasse de fato. Desde que toda essa merda começou ele vinha pensando porque continuara do lado do governo por tanto tempo. Talvez porque não tivesse outro lugar para ir, talvez porque fosse mais fácil, mas agora que estava livre da tirania de Germano e com um carro carregado de armas e suprimentos, pensava se não deveria fazer seu próprio destino. Com seu treinamento, certamente sobreviveria, mas deveria achar um bom lugar para ficar. Meses atrás, quando eles ajudaram a evacuar uma centena de sobreviventes para o interior, um colega que fugiu algum tempo depois disse que um grupo de oficiais da Marinha criou uma comunidade aquartelada em Cananéia, litoral sul do estado de São Paulo, onde tinham controle da ilha, de Ilha Comprida e Ilha do Cardoso. A região era montanhosa, de difícil acesso e eles controlavam todas as estradas e canais. A infestação por lá não fora tão grande, e eles tinham posse de duas corvetas bem carregadas e três fragatas na baía de Paranaguá. Vários oficiais de grande porte das forças armadas estavam lá, bem como alguns políticos e até gente famosa, atores e cantores. Disse que tinha conseguido um passe para lá e se Luciano quisesse ir, era só pegar a estrada e entrar em contato pelo rádio.

A ideia o tinha tentado na época e agora que tinham atravessado o rio e a BR-116 estava logo ali, ele resolveu que seria sua despedida da polícia. Pouco se importava para refugiados e sobreviventes, Luciano iria embora. Germano não se preocupou em evacuar o prédio da polícia e deixá-lo lá para as milícias, então não se sentia no dever de procurá-lo. Seu binóculo

então voltou para Júlia, que tinha se levantado e secava o rosto, enquanto andava a esmo pelo gramado da casa. O que faria com ela? Poderia deixá-la perto do palácio e ela se virava por lá. Com certeza, alguma patrulha a encontraria. Só que a Blazer que ele dirigia era dela. Bem, quem se importa?

Antes que a comitiva de jipes do Exército o visse no alto da torre, ele desceu o mais depressa que pode e entrou pelo portão arrombado da Cidade Universitária para se esconder no mato alto do gramado do outro lado. Sacou a arma do coldre da coxa e se agachou, enquanto ouvia os jipes chegando. Os três passaram a toda pela rua e viraram na pista da Marginal até chegarem à ponte. Luciano resolveu acompanhar. Viu que pela avenida do campus não havia movimento e correu o mais depressa que pode até chegar à portaria 2. Não estava guardada apesar da barricada alta que ele precisou escalar para passar. Seguiu com cuidado, se escondendo entre os carros parados de qualquer jeito nas laterais da pista e chegou perto dos jipes que estavam parados junto à ponte destruída. Os soldados retiraram as placas de identificação dos pescoços dos companheiros e juntaram os corpos um em cima do outro no meio da pista, mas longe de todos eles, onde com uma lata de querosene, eles atearam fogo nos companheiros.

_ É... o governador não vai gostar disso não... - disse um sargento, enquanto acendia um cigarro.

_ Mas nós pegamos os safados, não pegamos?

_ Pegamos alguns, soldado, mas não todos. Eles estão por aí, com certeza.

_ Será que só o pessoal da Seita passou? Ou A Fúria entrou também? - o soldado parecia receoso e com razão, as duas milícias eram muito violentas com o pessoal de fora.

_ Não sei... - o sargento olhava pensativo para os restos retorcidos da ponte no meio do rio - O que eu não entendo é por que eles destruiriam a ponte depois de matar os guardas. Com a passagem livre, eles poderiam atravessar à vontade, então por que a explodiram?

Nenhum soldado ou cabo ali reunido se atreveu a dizer alguma coisa. Não fora nenhuma unidade deles que tinha destruído a ponte móvel, mas o barulho foi ouvido à grande distância.

_ Vamos embora - o sargento arremessou o resto do cigarro na pira improvisada, entrou no jipe e todos foram embora.

Então eles conseguiram pegar os caras da Seita?, Luciano pensava satisfeitos. Se não todos, pelo menos a maioria já era uma ajuda e tanto. Luciano olhou seu relógio, eram oito da manhã. Antes de voltar para a Casa do Bandeirante, ele queria dar uma olhada na região. Imaginava que toda a extensão da avenida estaria bem vigiada e, portanto ele teria que tomar rotas alternativas para pegar a rodovia que o levaria em direção ao sul do estado.

Correu de volta para a rua da torre de energia e correu por toda a sua extensão, sempre de antena ligada para o som de motores ou de helicópteros. Andou por algumas ruas vazias e até deu de cara com uma mulher que rodava numa zona de sombra de uma grande árvore. Estava com calças apenas e seus volumosos seios mortos estavam de fora. Como Luciano não queria fazer barulho, não pode disparar contra ela, então a segurou por um dos braços e arrebentou sua cabeça contra um muro de pedras. Sangue escuro espirrou pelo quartzo rosa da construção e ela caiu inerte. As horas gastas na academia da polícia surtiram efeito.

Júlia estava preocupada. Luciano tinha saído logo após atirar em Sâmela, já era fim de tarde e nada de voltar. Teria saído para procurar por ele, mas lembrou de que não estava com a chave da Blazer e ainda assim não teria como saber para que lado ele tinha ido. Cada vez que ela ouvia um barulho estranho, se escondia na casa, mas o dia demorou a passar. Comeu algumas barras de cerais e tomou suco de caixinha, conseguiu até dormir um pouco, mas acordou sobressaltada ao ouvir passos sobre as folhas secas do gramado. Catou a arma que estava ao seu lado no mesmo instante. Viu que a tarde já dava lugar à noite e por isso acendeu a lanterna e a co-

locou de pé no quarto para iluminar o ambiente. Passo após passo, Júlia saiu do quarto, contornou a grande mesa de madeira da sala e pulou a janela do outro lado. Ao olhar para o gramado junto ao carro, viu que era Luciano. Respirou fundo, colocou a semiautomática na cintura da calça por baixo da blusa e foi caminhando até ele que, apesar do susto, não lhe apontou nenhuma arma.

_ O que aconteceu?, você demorou tanto - ela perguntou.

_ Percorri o bairro pra saber se era seguro sair com o carro. As patrulhas não passam a toda hora por aqui, acho que é considerado um bairro morto pra eles.

_ Qual é o plano então? Seguir até o palácio?

_ É, acho que é o melhor a fazer. Tem mais coisa lá dentro?

_ Tem uns sacos de dormir, alguma munição...

_ Então pega e trás pro carro, tá na hora de ir.

Júlia então se voltou para a casa para pegar o equipamento, mas algo lhe dizia que isso não era certo. Quando pensou em se virar para falar alguma coisa, Luciano atirou contra suas costas. Ela sentiu o coice do disparo e caiu no chão de tábuas corridas da cozinha da casa de taipa. O ar saiu de seus pulmões com o tiro e tudo ficou subitamente muito escuro.

Sem se importar muito com o ato, Luciano colocou a arma no coldre e catou as chaves de dentro do bolso de seu colete. Dando uma segunda olhada no bagageiro, viu que os suprimentos, as armas e o combustível estavam lá dentro e abriu a porta do motorista. Ligou a Blazer, apagou os faróis e saiu da Casa do Bandeirante em silêncio, quebrado ocasionalmente pelas folhas secas amassadas pelos pneus. A estrada o aguardava.

Júlia se mexeu sentindo uma grande dor nas costas, se perguntando se estava com alguma costela quebrada, pois tinha levado um tiro de uma

semiautomática pouco acima dos rins. Foi uma ideia muito feliz vestir aquele colete que tinha encontrado no bagageiro. Deixou-o bem apertado no corpo e vestiu toda a roupa novamente assim que Luciano tinha saído naquela manhã. Era terrível ver suas suspeitas se confirmando, o desgraçado queria ficar com todo o equipamento e a mataria por isso.

Felizmente, ela também ativou o truque que Leonardo usava em sua Blazer envenenada para o caso de roubo de carro. Quanto estacionava em qualquer lugar, ele ligava o botão do alarme que ao invés de disparar, cortava o combustível para o motor e o veículo morria menos de quinhentos metros depois. Por isso, sentindo um tremor de ódio e repulsa percorrer seu corpo, Júlia se levantou ainda com falta de ar, mas puxou fundo o ar frio da noite, catou a lanterna no quarto, o fuzil carregado de Sâmela que escondeu em um armário e engatilhou a pistola que ainda estava em suas costas. Ela iria atrás de Luciano. Ninguém mais a faria de idiota. Porra, ela pensava. Cooperou com os filhos da puta e recebia um tiro pelas costas. Vendo que não tinha mais nada a perder, Luciano partiu para a carreira solo.

Não dava para acreditar. Tudo tinha dado certo até aquele momento e aí sem nenhum aviso, a porra do carro simplesmente para no meio da rua. Tendo que ligar os faróis para poder enxergar o motor, ele viu que a bateria estava no lugar, tudo estava em ordem, mas o carro estava morto. Que ótimo, fazer o que agora? Chutando o para-choque com raiva, Luciano rodou no meio da rua, mas ficou alarmado com uns grunhidos próximos. Agora que a noite tinha chegado, as zonas de sombra não existiam mais e os zumbis estavam soltos. Se quisesse sair de lá, era melhor ser rápido. Pensou em uma Blazer da polícia, na verdade da Rota, que tinha visto parada numa rua não muito longe dali. O capô dela estava aberto, e faltava a bateria, então ele só teria que levar combustível e a bateria até lá e depois transferir a carga de um para o outro. Que fosse rápido então.

Mal tinha se aproximado do carro e um tiro passou de raspão no seu rosto. Sentindo arder, Luciano se escondeu atrás da Blazer, sentindo os olhos estranharem os faróis ligados. Passou a mão no rosto, tinha sangue,

o tiro não o acertou por pouco. Quem era o filho da mãe? Mais grunhidos o deixaram alerta. Essa não era a hora de alguém o retardar. Disparando contra a direção de onde ele achava que o tiro tinha vindo, ele correu para o outro lado, onde achava que ficaria mais protegido, mas para sua surpresa um zumbi veio para cima dele. Sem tempo de pegar uma arma, ele teve que segurar o sujeito morto e fedorento e conseguiu quebrar seu pescoço, jogando-o de lado. Ficou de pé rapidamente e quando tentou disparar novamente, sua pistola estava vazia. Teria que pegar seu fuzil, que com a mira e a luneta seriam muito mais úteis. Entrou pela porta de passageiro no banco de trás e catou seu fuzil que estava logo em cima dos galões de gasolina. O engatilhou, atravessou a correia no corpo e saiu. Usando a mira ele procurava seu atirador, mas não teve tempo de fazer nada, pois um disparo arrebentou seu joelho e Luciano caiu aos gritos, com um joelho estourado, no meio da rua.

De cima de um caminhão da Kibon há muito tempo saqueado e vazio, Júlia tinha encontrado a perfeita plataforma de tiro. O fuzil de Sâmela era uma bela peça de engenharia e bastante preciso. Mesmo que Luciano fosse um policial experiente e muito mais ágil com o manejo de armas, ele não tinha o anonimato e Júlia o encontrou por ouvir seus xingamentos e impropérios contra a Blazer parada e inútil no meio da rua.

Júlia podia ouvir os grunhidos por perto. Viu quando algumas sombras se moveram ao seu redor e permaneceu de cabeça abaixada, observando a cena agradavelmente iluminada pelos faróis da Blazer de Leonardo. O policial olhava em volta assustado, procurando seu atirador, sem se dar conta do caminhão baú parado na rua lateral. Os zumbis foram para cima de Luciano que se arrastava para tentar chegar perto da porta e assim entrar no carro. Não poderia dirigir de qualquer jeito, seu joelho não prestava mais. Mas não conseguiu. Um zumbi, uma criança de olhar demoníaco agarrou sua mão numa mordida dolorida e arrancou dois de seus dedos. Mais três crianças apareceram, dois adultos, um idoso, todos eles avançaram para cima de Luciano que não conseguia mais revidar, arrancando pedaços com suas mordidas podres, rasgando sua pele, puxando sua roupa, enquanto Júlia assistia em silêncio. Seus gritos foram ficando cada vez mais abafados e doloridos. Em poucos minutos, nenhum som

vinha dali. O que restava de Luciano que não podia ser mastigado ficou no meio das roupas rasgadas e os zumbis todos se dispersaram quarenta minutos depois, arrastando-se, com seus buchos pesados, saciados temporariamente.

De posse da lanterna e com uma sensação de estranha frieza com o que tinha acontecido a ele, Júlia vasculhou a rua ao redor do caminho e viu que era seguro descer. Correu até a Blazer, fechando o capô do veículo, mas antes parou para ver o corpo de Luciano. Seu rosto desaparecera, bem como suas mãos. Restos de suas tripas escorriam pelo asfalto sujo, enquanto seus pés ainda estavam dentro dos coturnos que os zumbis não conseguiram tirar. Júlia o olhou por uns instantes e então abaixou-se, pegando seu fuzil, sacudindo-o para tirar o sangue, sua arma no coldre da coxa que estava jogado de lado e jogou no banco de trás da Blazer. Limparia a sujeira depois.

Júlia não sabia para onde ir. Mas sabia que tinha que seguir a estrada e assim sobreviver. Vir para São Paulo foi um erro, mas lhe mostrou que a única coisa que podia fazer era se manter viva e na estrada. Mandando combustível de volta para o motor, ela pegou seu caminho e não olhou mais para trás.

Sybylla - Momentum Saga